100 centenário Paulo Setúbal

Paulo Setúbal

O OURO DE CUIABÁ



editora nacional

O OURO DE CUIABÁ

CAPA

Osvaldo S. Sequetin

Paulo Setúbal

O OURO DE CUIABÁ

CRÔNICAS

8ª edição





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Setúbal, Paulo, 1893-1937.
O ouro de Cuiabá : crônicas / Paulo Setúbal. – 8. ed. – São Paulo : Ed. Nacional, 1993.
"Edição comemorativa dos 100 anos de Paulo Setúbal."
1. Crônicas brasileiras I. Título.

93-1119 CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Século 20 : Literatura brasileira 869.935
2. Século 20 : Crônicas : Literatura brasileira 869.935

Direitos reservados

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO E PROMOÇÃO
Rua Joli, 294
03016-020 São Paulo, SP

1993
Impresso no Brasil

Novela? Não. Este livro é apenas crônica. Variados historiadores, desde Pedro Taques até, notadamente, o sr. Washington Luís, já se ocuparam com erudição da matéria. Mas isso não impediu que eu, a meu modo, tratasse do velho assunto. O OURO DE CUIABÁ, tal como o entrego ao público, sem fantasia nem enredo, é, tão-somente, uma página verdadeira da História do Brasil. Página verdadeira, sim, mas encarada com olhos de romancista. Nada mais. Não tem outro intuito, nem aspira a outro mérito, senão o de difundir com certa amenidade, por esta nossa pátria afora, pondo-o ao alcance de toda a gente, um período vivo, bem pictural, do rude passado brasileiro. Aliás outro intuito não tem tido, nem jamais aspirou a outro mérito (venho-o repetindo no pórtico de cada livro) a minha despretenciosa obra literária.

A este volume, completando-o, segue-se outro: OS IRMÃOS LEME.

S. Paulo, 1932.

PAULO SETÚBAL

FONTES:

Joseph Barbosa de Sá, "Relação das povoações de Cuyabá e de Matto Grosso", Arq. da Bib. Nac. vol. 23; Joaquim da Costa Siqueira, "Chronicas de Cuyabá", Rev. do Inst. Hist. S. Paulo, vol. 4.º; Pedro Taques, "Nobiliarchia Paulistana", Rev. do Inst.; Documentos Interessantes — "Correspondencia de Rodrigo Cesar de Menezes", vol. 20; "Bandos e portarias de Rodrigo Cesar", vol. 12 e 13; "Correspondencia e papeis avulsos de Rodrigo Cesar", vol. 32; "Cartas do Conde de Sarzedas ao Rei de Portugal", vol. 40; Washington Luís, "A Capitania de São Paulo"; Alcântara Machado, "Vida e Morte do Bandeirante"; Calógeras, "As minas do Brasil e a sua legislação"; Taunay "Historia Geral das Bandeiras"; V. Corrêa Filho, "Monographias Cuyabanas"; Alfredo Ellis, "O recuo do Meridiano"; Oliveira Martins, "O Brasil e as Colonias"; Pinheiro Chagas, "Historia de Portugal"; Visconde de Santarém, "Quadro Elementar"; Vilhena Barbosa, "Magnificencia e esplendor do Reinado de D. João V"; Nogueira Coelho, "Memorias", Rev. do Inst. vol. 13; Baptista Pereira, "No alvorecer de S. Paulo" e "D. Francisco de Souza".

PRIMEIRA PARTE:

O OURO DE CUIABÁ

VELHOS DESBRAVADORES

Nada tão pitoresco, nada tão saboroso como, nos fins do século dezessete e começos do século dezoito, esse acidentado romance de aventuras, todo feito de acasos de surpresas, que se chamou — **A descoberta das minas de ouro do Brasil.** Romance de aventuras, sim. Romance desenrolado em plena mataria bruta, desataviado e tosco, é verdade, mas profundamente emocional e lindamente episódico. As bandeiras paulistas, naquela cúpida arrancada empós ao ouro, tiveram, não há negar, por entre puros lances de novela, as suas páginas mais palpitantes e mais fascinadoras.

E que vivas, e que picturais são as crônicas — tão raras, infelizmente — que nô-las narram! Os que não mergulharam ainda na papelama áspera que conta os vaivéns dessa rude cavalaria do sertão, não imaginam, nem de leve, o que há de graça e de ingenuidade nesses calhamaços evocativos que os anos patinaram. Há alguns que, pelo seu fresco encanto, pela colorida simpleza do seu narrar, bem mereciam divulgação mais ampla. É o caso da "Relaçam das povoaçoens do Cuyabá e Matto Grosso, de seos principios thé os prezentes tempos" (1).

Essa vetusta e despretenciosa crônica, tão chistosamente insculpida na língua ouriçada do tempo, é hoje manancial soberbo onde se abeberam os estudiosos,

(1) "Anais da Biblioteca Nac.", Vol. 23.

a fim de haurir nele aquelas curiosidades e aquelas miudezas que pintam, com realismo, o que foi a descoberta e a conquista de Mato-Grosso pelos paulistas. O seu autor, Barbosa de Sá, escreveu as coisas de que foi testemunha, e, ao mesmo tempo, as coisas velhas que soube "por noticias de alguns daqueles tempos de quem alcancei estas memorias". Vive nesse papel, com tocante naturalidade, essa brava epopéia sertaneja, tão cheia de selvagens ousadias, que, conquistando as minas de ouro de Cuiabá, conquistou para o Brasil o imenso território do Mato-Grosso. Esse desbravamento, fizeram-no paulistas. Só paulistas. Foram eles, gente xucra de antanho, os que primeiro talaram e domaram as terras famosas de ouro. Aquelas mesmas terras que, no dizer típico do cronista, são as únicas "aonde se colhe o fruito sem semear".

Como?

OS CAMPOS

Entre os pioneiros que devassaram águas e terras de Mato-Grosso, há a citar, com destaque, os Pires de Campos.

Eram estes Campos antiga e numerosa família de São Paulo. Eram, além disso, famosos caçadores de índios, sertanistas duros, poderosa grei de bandeirantes de fama. No entanto — é curioso notar-se — esses caboclos, assim despolidos e rústicos, grandes rompedores de mato, entroncavam-se, em linha reta, numa clara linhagem de gentis-homens, afeitos a mimos e galan-

tarias, que haviam já luzido com realce em cortes e salões. A árvore-ancestral desses sertanejos, diz velho pergaminho fanado, tinha a sua raiz mais bela em Felipe van der Borg.

Van der Borg era um fidalgo belga. Fora ele enviado, por duas vezes, como embaixador do seu país junto ao Rei da Espanha. Duas embaixadas de lustre, sim, duas embaixadas honrosas, mas de alta responsabilidade e melindre. Teve o fidalgo, na primeira, êxitos que o engrandeceram. Na segunda, porém, a sua missão fracassara. Amuado com o insucesso, ferido em pontos de vaidade, nunca mais quis Van der Borg tornar à pátria. Não quis também ficar em Espanha. Atravessou a fronteira e fixou-se em Portugal. Foi aí, então, do seu casamento com a lisbonense Antônia de Campos, que nasceu Felipe de Campos Van der Borg.

Este, o cadete da família, meteu-se a estudar letras em Coimbra. Lá, segundo relata o nosso Pedro Taques, matou por desgraça a um homem. Com o desastre, que lhe cortara a carreira, "tomou elle a resolução de se passar ao Brasil afim de metter tempo em meio". No Brasil, ao meter tempo em meio, casou-se o rapaz com Margarida Bicudo. Proveio desse casamento larga e intrépida ninhada de sertanistas.

Foram os Pires de Campos.

Entre eles, como bela figura rústica avulta a personalidade grandiosa, dominadora, altamente pitoresca, de Manuel de Campos Bicudo.

MANUEL DE CAMPOS

Eis aí um tipo marcante de paulista desbravador. É bem o padrão do bandeirante século XVII. Homem bruto, homem destemeroso, homem patriarcal. Foi ele, diz o genealogista, "pessoa de muita estimação e respeito em S. Paulo, onde sempre teve o primeiro voto; possuiu grandes cabedaes, numerosa escravatura e muitos indios que aprisionou no sertão". Tinha fisicamente, o aspecto amedrontador: era membrudo, era largo, era agigantado. Mas era também, apesar de todo esse volume, duma agilidade assombrosa: "não havia ninguem — conta-o Silva Leme — igual a Manuel de Campos em corpulencia; entretanto ninguem havia que o excedesse na ligeireza da carreira".

Foi este Manuel de Campos aquele paulista afamado, que, com pasmo de toda a gente, armara vinte e quatro bandeiras: e vinte e quatro vezes, numa rija existência de noventa anos, embrenhara-se, como um jaguar, pelo terrificante sertão bruto do Brasil.

Numa dessas entradas, na mais conhecida delas, foi que Manuel de Campos penetrou a região ainda virgem de Mato-Grosso. Devassou-lhe a mataria. Varou-lhe os rios. Percorreu léguas e léguas de terra não pisada. Até onde? Ninguém o sabe. Pode-se afirmar, apenas, que o velho paulista, nessa memorável entrada, atingiu a famosa serra dos "MARTÍRIOS".

"OS MARTÍRIOS"

Os Martírios! A serra fantástica, a serra do ouro, a serra abarrotada de folhetas e grânulos, que vem falada em todas as crônicas e relembrada em todas as memórias. Os Martírios, a idéia fixa, a idéia obsidente, o Graal que esbraseou desvairadamente a imaginativa dos bandeirantes do século XVII. A serra misteriosa, muito azul, em cujas rochas, como por milagre, estavam gravados, num relevo nítido, a coroa, os espinhos, os cravos da paixão de Cristo. Fora de lá, desses Martírios fascinantes, que Manuel de Campos trouxera para S. Paulo, como amostra, uma folheta de ouro respeitável: tinha treze oitavas de peso. Essa folheta "foi collocada no braço de Nossa Senhora da Penha e, mais tarde, transformada num resplendor para o Senhor menino" (1).

Nessa jornada, longa e áspera, a bandeira de Manuel de Campos, por curioso acaso, topou, em pleno sertão, com a bandeira de Bartolomeu Bueno. Os dois velhos — coincidência chocante! — levavam consigo dois filhos ainda meninos. O filho de Bartolomeu tinha apenas doze anos. O de Manuel de Campos, catorze. O filho de Bartolomeu será, dentro em breve, na História do Brasil, o famoso, o formidável, o épico **Anhanguera**; o filho de Manuel de Campos será esse brioso e atrevido Antônio Pires de Campos, de vida tão cheia, que avulta nos fastos de S. Paulo como um dos seus bandeirantes mais façanhudos.

(1) Washington Luís, "Capitania de S. Paulo".

ANTÔNIO PIRES DE CAMPOS

Antônio Pires continuou, sem desmerecer, a carreira sertaneja do pai. Armou muitas bandeiras. Preou muito índio. Devassou muito sertão. Mas não encontrou ouro. No entanto, dentro dele, ferretoando-o, ardia sempre a esperança de rever os Martírios. Onde estaria a montanha que, menino de doze anos, contemplara com seu pai? O bandeirante não se conformava em perdê-la. E resolveu, homem já maduro, meter-se no sertão atrás das riquezas cobiçadas. Certo dia, com grandeza de índios e negros, aprestou-se o caboclo para a jornada da sua ambição. Aprestou-se e partiu. Ia, mais do que nunca, determinado a atingir, custasse o que custasse, a serra maravilhosa. Ah, os Martírios!

Meteu vasta canoada pelo Anhembi abaixo, quer dizer, pelo Tietê abaixo — "o primeiro rio que se navega quando se sae do povoado...", como diz o próprio Antônio Pires na "Memoria" que deixou.

Lá foi. Principiou, através de regiões inóspitas, o costumeiro peregrinar febrento das entradas. O bandeirante cortou cerrados e matagais. Vadeou águas e atoleiros. Venceu chapadas e serranias. Lá foi, meses a fio, chuçado sempre pelo desejo, mordente de alcançar os ouros dos Martírios. Mas onde estariam esses sonhados Martírios? Onde a serra esquiva? Antônio Pires vagueou em vão. O paulista, por coincidências inexplicáveis, por extrema má sorte, perlustrou, sem nada encontrar, toda a vasta região onde

dormiam, abundantes, as folhetas ricas. Pisou toda a terra do ouro e — fado extraordinário! — não deu com um só grânulo amarelo. Não quis o destino, sempre caprichoso, dar-lhe o metal que buscava com tanta ânsia. Deu-lhe, porém, em compensação, outra riqueza grandemente apetecida: índios. O bandeirante caiu sobre eles, arcabuzou-os, fez enormes presas — "uma inteira naçam de gentio Coxiponé". Mas não lhe bastou. Espicaçado incessantemente pelo sonho dos Martírios, continuou, Mato-Grosso adentro, a sua rota agreste. Nessa avançada, que foi bravia, subiu o paulista — e foi o pioneiro que isto o fez — as águas dum rio claro, não grosso. "O primeiro que sobiu este rio foi Antonio Pires de Campos, quando preou o gentio coxiponé; este rio se chamava Cuyabá..."

Deixemos o bandeirante subir o Cuiabá. Que vá! Que se embrenhe, como um bugre, por essas águas desconhecidas, em busca da serra encantada. Não estará reservado a Antônio Pires o descobrir as minas de ouro de Mato-Grosso. Essa glória, que foi refulgente, não a colherá o namorado dos Martírios. Outro bandeirante, também paulista, também atrevido, terá a boa dita de colhê-la. Quem é esse novo gigante? É Pascoal Moreira Cabral Leme.

PASCOAL MOREIRA

1718. Pascoal Moreira Cabral Leme, paulista de São Paulo, tem os ouvidos cheios do muito que contam viageiros sobre os famosos índios que Antônio Pires caçara. Pascoal Moreira estabelecera-se, há tempos já, no sertão duro. Instalara-se ele, com grosso bando de sorocabanos, além Paraná, no campo entrincheirado de Vacaria. É, desde os vinte e cinco anos, chefe de desbravadores.

Naquele sertão, todo rumorejante dos ecos que trazem os bugreiros, vive o paulista ferretoado pela tentação de prear os Coxiponés. São estes selvagens um gentio abundante, de caça fácil, arranchado em vastas aldeias, que povoam os sertões onde os Pires de Campos haviam, mais duma vez, botado bandeira.

Pascoal Moreira decide conquistar tais bárbaros. Pascoal é homem de prol em São Paulo. Tem parentela respeitada e poderosa. É filho do coronel Moreira Cabral e sobrinho reto de Jacinto Moreira, alcaidemor de Sorocaba.

A esse tempo, na história de São Paulo, o bandeirismo está ainda no ciclo da "caça ao bugre". "Prear índios" representa o melhor negócio dos paulistas. Ouros e pedras são coisas vagas; mas o índio é coisa certa. Com ele, com a caça e escravidão dele, é que se têm feito, até então, as fortunas mais poderosas da capitania.

Pascoal Moreira, como bom paulista, é ganancioso e aventureiro: mete-se, com alma e bens, no grande

negócio lucrativo do tempo. "Pascoal Moreira, diz o Taques. fez a sua entrada no sertão de Cuyabá para conquistar o gentio Coxiponé". Barbosa de Sá, por sua vez, acentua bem o detalhe: "no seguinte anno, depois da entrada de Antonio Pires, seguio Paschoal Moreira o mesmo rumo em procura dos taes Coxiponés".

Assim, com o fito no bugre, esperançado tão-somente a caçar o gentio, desfralda o sertanejo a sua bandeira. E lança-se, desempenadamente, à grande aventura.

A entrada carece ir bem petrechada. O caminho é longo e a jornada é de fôlego. Pascoal Moreira, por isso, vai a São Paulo municiar-se.

E municia-se de tudo: cargueiros de mantimentos, varas de algodão, bruacas de pólvora, catanas, sal, azougue, grandes panos de toicinho curtido.

Os aprestos, que são grandes e de lustre, correm céleres.

E um dia, enfim, o porto de Araritaguaba entope-se de gente. Anda por ele borborinhante formigar de mamelucos, e de cafuzos, e de escravos, e de negros forros, e de índios mansos. À frente de tão densa chusma vai também (coisa verdadeiramente notável para a época) uma grandiosa caravana de oitenta homens brancos.

É a hora de largar.

Soa um toque de trompa. Então, por entre abraços e adeuses, por entre despedidas alegres, aqueles intrépidos caboclos metem-se festivamente dentro da canoada.

Pascoal Moreira, em pessoa, afinca a flâmula verde na proa do batelão-mestre. Faz um gesto. Estronda um tiro de trabuco.

— Té a volta, moçada! Adeus, S. Paulo!

E a monção abala. Tietê abaixo, por entre rústicos alaridos, a caminho do sertão longínquo, daquele sertão inimigo e devorador, onde se acoitam braviamente os cobiçados Coxiponés.

A VIAGEM

A bandeira parte em monção. Segue de rio em rio, varando o roteiro das águas. Desce o Tietê. Desce o Paraná. Ruma pelo Pardo acima. Emboca no Anhanduí. Aí, no varadouro, salta em terra.

Eis um dos passos ciclópicos da jornada. Momento de trabalhos inenarráveis. Momento de fadigas super-humanas. A bandeira, a pé, dificultosissimamente, corta, através de picadas agressivas, aquele penoso estirão que medeia entre o Anhanduí e o Aquidauana. Ah, que dificuldades assombrosas! Os negros, à frente, carreiam as bruacas de mantimentos. Os mamelucos, atrás, os cargueiros de pólvora e de fazendas secas. E entre eles, em fila, numa procissão dolorosa, através de léguas e léguas de chãos ásperos, os escravos índios, suarentos e arquejantes, carregam a ombro, duramente, toda a vasta canoada da monção!

E os paulistas lá vão, impávidos. Nada os detêm. Não há barreira que tolha os gigantes. Lá vão, vencendo tudo, até ao Aquidauana. E de novo, erráticos,

metem-se eles, desassombrados e bravios, pela trilha das águas. O Aquidauana... O Paraguai... O São Lourenço... O Cuiabá... Abre-se por aí, diante do olhar pasmado daqueles soberbos desvirginadores, a pitoresca região, toda regada de águas, "em que os rios (como pinta a imagem colorida do linhagista) nascem em alguns logares tão entrelaçados como raizes de arvores plantadas num chão apertado".

Do Cuiabá, sempre com o fito no bugre, a monção avança até a barra do Coxipó. Aí faz alto.

O POUSO DO COXIPÓ

A bandeira arrancha-se nas margens do rio. Pascoal Moreira quer sondar o país. É necessário, antes de tudo, descobrir a pista do Coxiponé. Onde estará ele? O bandeirante ordena aos peões que talem as cercanias de ponta a ponta. Principia então, na mataria das redondezas, por semanas a fio, o trabalho desbravador das batidas.

Eis que certo dia, inesperadamente, ocorre no acampamento um pequeno acontecimento feliz. Feliz e alvoroçante. Dois moleques da cozinha, numa tarde de folga, põem-se a pescar traíras no Coxipó. Cavoca um deles o chão, à busca de minhocas para a isca, quando depara, com surpresa, vários granetes amarelos fuzilando na barranca.

Cata-os logo. Leva-os ao prático da entrada. O prático examina os grãos. Torna a examinar. — Não há dúvida! E com o olhar fuzilante:

— Ouro!

Sim, é ouro. A bandeira, por aquele acaso tão descolorido, fazia ali a sua primeira descoberta. Primeira e importantíssima. "No pouso do Coxipó, logo assima da barra, acharão assim ouro em granetes cravados na barranca".

A notícia reboa logo. Enche-se a bandeira de alegrias e de festas. Que alvoroço! O acampamento ferve de contentamentos justíssimos. Ninguém quer mais saber dos Coxiponés. Uma idéia, uma só, esporeia aquelas almas rústicas — ouro, ouro!

Mas há um homem, contudo, que não se emociona com aqueles júbilos: Pascoal Moreira. Curioso bandeirante! Recebe ele os granetes com desdenhosa frieza. Não! Não é ouro o que a bandeira busca. É índio. Aquilo, aqueles grãozinhos, é coisa de somenos, bagatela, que nem sequer vale o trabalho de catar.

— Nada de bobagem, moçada! A gente veio neste sertão prear índio, isso sim, que índio é ouro. Tudo o mais, neste cabo do mundo, não paga a pena...

E sem dar ouvidos a entusiasmos, desprezando razões e boas palavras, o sertanejo intratável, na manhã seguinte, manda levantar o acampamento.

Parte.

E com ele parte a bandeira. Mas não leva o paulista bruacas nem cargueiros. Leva apenas os seus homens de confiança. Deixa no Coxipó a peonada com a bagagem. "Neste pouso, e primeiro descobrimento, deixou o Capitam a bagage e seguio rio assima thé o logar chamado hoje a Forquilha".

De novo, varando águas, lá vai a monção. Lá vai atrás dos invisíveis Coxiponés. Atrás de índios, sim, que "índios é ouro; tudo o mais no sertão é bobage". Mas, onde estariam eles? Onde? Em que mato? Em que chapadas? Ninguém sabia. Pascoal Moreira, no entanto, certo de preá-los, tange os seus homens com firmeza. Tange-os para... Para onde? Também ninguém sabia.

E a canoada lá vai. Lá vai por baixios e corredeiras. Lá vai por saltos e itaipavas. Que viagem! O paulista, nesses dias aventurosos, marcha como um deus pagão: onde bota o pé, aí surge um mundo novo. É êle, o primeiro, quem tem a glória de batizar, com os nomes pitorescos que ainda hoje existem, aquelas águas virgens que as suas canoas rasgam. "Toparam elles as rancharias de um gentio, que havia feito uma grande pesca; por isso, e por essa fartura, denominaram ao rio — RIO DO PEIXE". E não é só. "Deste logar, continuaram elles a rota até á barra dum outro rio. A este rio denominaram BOTUCA. E tomou este nome de Botuca, de umas moscas botucas, grandes, assim chamadas, que ferem homens e animaes..."

OS COXIPONÉS.

Principiam, com os peixes do rio do Peixe, a surgir indícios do Coxiponé. Mesmo no derradeiro estirão, em mais dum pouso, os sertanistas já aprisionam um ou outro bugre da tão falada nação. Que selvagens aqueles! Vendo-os, tem a bandeira logo a certeza de que por ali havia muito granete. Pois os caboclos, com olhos cúpidos, põem bem reparo que "esse gentio vinha com bastantes mostras de ouro, já nos batoques, já nos outros enfeites".

A monção alteia numa volta do Botuca.

É tardinha. As canoas abicam. Os caboclos estão moídos da canseira dos remos e dos varejões. Saltam todos em terra. Oh, que paragem feia! Que paragem triste! De lado a lado, torrados de sol, chãos areientos, esbrugados, de aluvião. Os homens começam a assuntar o pouso. Mas não caminham muitos passos. Eis que rompe, de todas as bocas, um grito súbito:

— Ouro!

Ouro, de fato. Novamente, nas margens do Botuca, ouro à flor da terra! Tanto, tão fácil de apanhar, que, segundo o velho relato, "nessa paragem, sem os instromentos de mineirar, e só com um prato de pao, no espaço de duas horas, se extrahiu de ouro tres oitavas e tres quartos".

De novo, pelo acampamento, grande festa, grandes brados, grande alvoroço. Ouro! Toda a monção era um júbilo só. E que júbilo estrepitoso!

Pascoal Moreira, no entanto, continua insensível e inabalável. Aquelas alegrias derramadas não o contagiam. O paulista obstina-se na sua frieza. Extraordinário bandeirante! Diante do contentamento dos caboclos, que tão fogosamente se extravasava em torno do achado, brada-lhes seco:

— Que é isto? Nada de gritaria, moçada! Meia dúzia de granetes de ouro, num prato de pau, não merece tamanha algazarra. Ninguém veio a este sertão em busca de três oitavas de ouro. A gente veio aqui em busca do Coxiponé. É o índio, o índio só, que vai dar fartura e riqueza à monção. Por isso, moçada, nada de bailados nem de festas à-toa: amanhã, mal rompa o dia, é deixar o Botuca e atacar o mato à caça do bugre...

Sertanejo teimoso! Não houve razões que o demovessem do seu propósito. Resolveu e executou. "Esse feliz descobrimento não impediu por então o curso da marcha intentada...".

OS COXIPONÉS

Ao outro dia, pela madrugada, o paulista, duro e inflexível, enfia a bandeira pelo mato adentro. A jornada não é longa: "a tropa, seguindo uma trilha, deu logo com os alojamentos do gentio". Mal os caboclos, porém, avistam a primeira oca de bugre, já pelo ar, zargunchando, silva, com ímpeto, toda uma feroz, atordoante saraivada de flechas. De súbito, como tocado por mãos mágicas, enche-se o mato de rústico fra-

gor de guerra. São rugidos. São cóleras. Estrondos de trocanos. Roncos de borés. Reboar infernizante de inúbias.

A bandeira estaca, surpresa. Céleres, os sertanejos aperreiam as armas. E respondem com frenética descarga de bacamartes. E logo outra. E outra mais. E outra ainda. Em vão! Os bugres são um mar. Tantos, tão incrivelmente numerosos, que não há como lhes resistir ao ataque. A bandeira — caso pasmoso! — tem de recuar. E recua vencida.

"Ficaram as nossas armas sem o triumpho", geme a crônica, "cinco mortos, quatorze feridos..." Nos anais do bandeirismo é esta uma das raras vezes, das mais raras, em que brancos, armados de trabucos e toledanas, são derrotados por bugres, armados de tacape e flecha.

O destino quis assim zombar do paulista. A bandeira de Pascoal Moreira, que, chuçada por ásperas ambições de riquezas, tão cabeçudamente turrava em só buscar índios, não haveria de prear uma única peça. Pouco importa! Aquela bandeira haveria de ser, por uma dessas pilhérias sarcásticas da sorte, a mais rica e mais célebre de Mato-Grosso. Como?

VOLTA AO ARRAIAL

Pascoal Moreira torna ao arraial onde deixara a bagagem. Vinha amuado; vinha sucumbido. "Com este infeliz successo se encheu de grande dissabor o ca-

bo da tropa Paschoal Moreira". A derrota lancetara fundo a vaidade do sertanista. Que fazer agora? Voltar? E voltar sem índios? Não! O orgulho caboclo de Pascoal Moreira não sofrerá jamais que ele volte a São Paulo de mãos vazias. E não voltará de fato. Os deuses fadaram o paulista para destinos magníficos. Que sina curiosa a do desbravador! Vede:

Os bandeirantes, derrotados e murchos, têm, ao penetrarem no arraial, esta inesperada e vivíssima surpresa: são festivamente recebidos com gritos, estrondos de mosquete, ronqueiras, grossa barulhada! Que é aquilo? Que significam tão quentes júbilos? A boa-nova espalha-se instantaneamente:

— Ouro!

A peonada grita, e arremessa os chapéus, e baila, e está toda num ébrio fanfarreio de alegria.

— Ouro! Ouro!

Mas como? Onde? Pascoal Moreira, desta vez, quer saber os detalhes do acontecido. Manda buscar os peões para inteirar-se do que houve. Sabe então que os peões — "os que haviam ficado na bagage" — haviam resolvido, para matar o tempo, explorar as barrancas do Coxipó.

Eram as mesmas barrancas onde os dois moleques haviam dado com as primeiras oitavas. Principiaram eles o trabalho de manhãzinha. Mas não trabalharam muito tempo: duas horas após, com gritos de júbilo, toparam aqueles homens com uma riquíssima pinta de ouro. Que pinta soberba! Foi uma das maiores que já se achou no Brasil. Do chão bruto, como por milagre, jorrou logo, às mãos dos caboclos, largo manan-

cial de ouro. Os bagageiros, por entre alegrias infrenes, atiraram-se então a um cavocar furioso: "huns achavam cem oitavas, outros meia libra, outros cincoenta oitavas, conforme o que cada hum fez em cavar com as maons, que outros instromentos de minerar não havia..."

Pascoal Moreira ouve e vê. O ouro — aquele ouro real, tangível, que ali reluz às mãos da peonada — esbraseia, afinal, o ânimo frio do povoador. Pascoal, tocado de súbito entusiasmo, sai também a mineirar. E logo, ao esbrugar os primeiros torrões, irrompe entre os bandeirantes o mesmo grito mágico:

— Ouro!

Que surpreendente colheita! Grãos e folhetas faíscam a rodo no cascalho. Basta dizer que "os que haviam acompanhado o Capitão Paschoal Moreira, mais aproveitados, assim como o mesmo Capitão, acharam cada hum libra e meia de ouro..." Não podia haver, para a derrota sofrida com os Coxiponés, epílogo mais fascinante. O retorno ao arraial das bagagens, aquele doloroso retorno de vencidos, foi o lustre e a glória da bandeira.

Por isso, no sertão bravo do Coxipó, nessa noite, lá naquele humilde arraial improvisado, tão longe dos homens e do mundo, viveram aqueles toscos sertanejos a sua grande noite de sonho e febre. Não podiam dormir. E com razão! Todos eles, tontos de gozo, "cantavam victoria contra as fadigas da pobreza, davam-se huns aos outros parabens de suas fortunas, e, reciprocamente, offereciam-se laudencias de alegria".

Pascoal Moreira, no seu mísero rancho de sapé, podia enfim, bem merecidamente, descansar das suas longas e rudes fadigas de bandeirante. O paulista, é verdade, não conquistara o ambicionado Coxiponé: conquistara, o que é bem mais, as ruidosas minas do sertão.

Estava descoberto o ouro de Cuiabá.

CUIABÁ

O ouro de Cuiabá... A fome por esse ouro endoidecera os paulistas. Com que furor meteram-se eles ao trabalho! As águas solitárias do Coxipó entupiram-se de lavageiros. Não tinham eles trazido (pois eram apenas caçadores de índios) instrumentos próprios para mineirar. Pouco importa! Improvisaram, às pressas, toscas panelas de pau. Improvisaram, com a ferragem da bandeira, rústicos arremedos de alviões. E as panelas de pau mergulhavam, sem cessar, nos veios da correnteza. E os arremedos de alviões roncavam, dia e noite, nos tabuleiros das margens. Dos veios, vinham as panelas refertas de areias que luziam. Dos tabuleiros, brotavam cascalhos prenhes de metal que chispava. E os caboclos, dentro da água, na alucinação da riqueza, apuravam ouro e mais ouro com frenesi. Não havia, sequer tempo para comer. "Batear" era a única obsessão. Bateava-se, pois, sem tréguas, desde o romper do sol, num acirramento de fanáticos. E daqueles chãos generosos, desvairando os caboclos, borbotoavam, inextinguivelmente, grânulos e folhetas.

Mas não era apenas no arraial que havia ouro. As redondezas estavam cheias dele. Pascoal Moreira mandou troços de homens provar os ribeirões vizinhos. Que país milagroso! Quanto ouro, Senhor! Era de enlouquecer. Onde rodopiava a bateia aí surgia lavra nova. "Botou Paschoal Moreira uma bandeira, ao mando de Garcia Velho, a descobrir ouro; e descobriu

logo hum ribeiro de ouro, por nome S. João, com pinta de oitava e meya pataca; depois botou outra bandeira que descobriu outro ribeiro de ouro de nome de S. Antonio, com a mesma pinta; e botou ainda outras bandeiras que descobriram outros ribeiros de ouro..." Ao longe do rio, nas duas barrancas, rolavam folhetas a granel. O paulista "nem só achou ouro com abundancia na passagem do primeiro descobrimento como tambem ao longo de todo o Coxipó".

Ah, o delírio das riquezas! Os sertanejos, alucinados por aquela febre, tinham corpo e alma voltados só para as catas. Ninguém pensava em abrir roças. A imprevidência causava espanto. Nas bruacas, contudo, os mantimentos não eram muitos. Foram-se consumindo. Escassearam. Já não havia mais feijão. Nem farinha. Nem sal. Entre aqueles homens ricos, mas famintos, iria, certamente, desenrolar-se horrenda tragédia. Iria desenrolar-se, sim, acaso um deus bom, um deus protetor e amigo não estivesse a velar, risonhamente, pelo destino extraordinário daquele paulista. De que jeito?

UM ENCONTRO

Certa manhã, vêem os peões, com grandes alegrias, lá em baixo, na volta do rio, apontar a proa de um batelão. E logo outro. E mais outro. E outro ainda... Que é aquilo? Rompe, de todas as bocas, um grito festivo:

— Monção!

Monção, realmente! A monção dos Antunes Maciéis. Eram três paulistas. Eram aqueles três irmãos ilustres que, na rústica epopéia do bandeirismo, encheram o sertão com a fama da sua audácia. Vieram eles, com muita canoada, seguindo a trilha dos Campos. E eis que dão ali, no Coxipó, com a bandeira de Pascoal Moreira. Aquilo era, para os lavageiros de ouro, carentes de tudo, a salvação caída por acaso; aquilo era, para os Maciéis, sabedores das descobertas, a riqueza tombada de imprevisto. Foi, portanto, de lado a lado, fragoroso transbordar de júbilos.

Os Maciéis saltam logo em terra. Acampam. E as duas monções, a partir desse momento, fundem os seus destinos: "os que chegaram, com a noticia do invento do ouro, se uniram de vez aos descobridores".

CUIABÁ

Surge então — milagre da temeridade criadora das bandeiras — o primeiro, pequenino povoado do atual Mato-Grosso. "Trataram os paulistas de fabricar cazas e de fazer lavouras de mantimento..." Sim, os paulistas fabricaram casas. Sim, os paulistas fizeram lavouras de mantimento. E nasce, graças a eles, ao condão mágico da ousadia deles, nasce, naqueles ermos rústicos, a quinhentas léguas de São Paulo, um tosco arraial humilde: Cuiabá.

E é ali, naquele Cuiabá, naquela improvisada ranchada de sapé, que se reúnem os dois bandos, e, por

voto unânime, "fazendo as suas consultas", elegem a Pascoal Moreira "goarda-mór da villa". Assentam eles numa ata "em hum aranzel escripto" todo o ocorrido da eleição. Foi nesse aranzel escrito, como tão chistosamente o apelidara a crônica, que os paulistas escreveram (o que nunca fora escrito!), esta simples frase, simples, sim, mas tão comovedora: **"Arrayal de Cuyabá, aos oito dias de Abril da era de 1718".**

"Arrayal de Cuyabá! 1718..."

Pela primeira vez, na História do Brasil, principiou-se um documento desse jeito: "Arrayal de Cuyabá..." Estava aberto, com aquela tocante singeleza, o livro da vida de Mato-Grosso. Aquela ata era a sua página inicial. Antes, era o caos; os paulistas foram o fiat: começara ali, com aquele rude papel, a história dum novo pedaço do Brasil.

Fechou-se para Pascoal Moreira, nesse dia, a sua era de desbravador, que foi galharda. Começa agora a era do "goarda-mór", isto é, a do político. Esta foi cruciante.

A FAMA DAS MINAS

Com Antônio Antunes Maciel, que trouxera a São Paulo as primeiras amostras de ouro, viera, estridente, a fama das minas. E o eco dessa fama reboou alto e largo. Não houve povoado, por mais remoto, onde não estrondeasse o rumor daquelas riquezas. Logo, de todo o Brasil, levas e levas de aventureiros rumaram, fascinadas, a caminho da terra única. E com razão! Vinham de Mato-Grosso torrentes de ouro. Torrentes ininterruptas, cada vez maiores, cada vez mais tentadoras. Com as folhetas, traziam os viageiros notícias que atordoavam. Ah, as notícias esbraseantes das minas! Não havia caboclo, diziam, que não tivesse no Cuiabá, dentro do rancho, uma canastra cheia de folhetas. E os irmãos Leme? Colheram grossíssimos cabedais, estavam opulentos, viviam como poderosos régulos. E Antônio de Almeida Lara? Foi um dos que apareceram lá, pobre e roto. Mas levava agora, com as suas lavras da **Chapada**, ruinosa vida de fidalgo: gastava ouro às tontas, sem contar. E o ouvidor Lanhas Peixoto? Deslumbrado pela riqueza de Cuiabá, abandonara o seu alto posto e metera-se a mineirar como um peão. E os quintos do Rei? Pascoal Moreira fixou, para "as pessoas que trabalhavam em qualquer officio, tanto negro como branco ou indio", a taxa inicial de "duas oitavas e meya por cabeça". Só no primeiro mês o paulista arrecadou, o que já era muito — novecentas e quarenta e duas oitavas e meia, que Fernão

Dias Falcão carreara para São Paulo. Mas logo no ano seguinte, tão grande foi a multidão de mineiros, que já os quintos, aumentando vertiginosamente, produziram para o Rei mais de quatro arrobas de ouro!

Comboiou-as até São Paulo o padre André Queirós. O padre, com largos entusiasmos, vinha, por esses ermos afora, alardeando aos quatro ventos "aquella quantiosa machina de ouro que ia pelo sertão". Assim, "com a voz do padre André, que era uma trombeta que tudo atroava, soou a fama do ouro de Cuyabá thé os fins do orbe..." Tinha razão o padre palrador! Aquelas quatro arrobas eram apenas leve amostra da capacidade produtora das minas. Pois os quintos, logo a seguir, produziram, numa só safra, a soma redonda de sessenta arrobas! Esse ouro, é verdade, teve uma sorte trágica. Mas que importava a sorte trágica duma partida? Todo o ano, em monção através da nervatura dos rios, fluíam, a caminho de São Paulo, arrobas e arrobas de quintos. Esses quintos, ao atravessarem cautelosamente os povoados, conduzidos por soldados armados de arcabuzes, iam aturdindo a imaginativa sempre quente do poviléu. Ah, Cuiabá! suspiravam — aquilo é a terra da promissão!

A TERRA DA PROMISSÃO

Soldados e viageiros, à roda do fogo, nos pousos, desfiavam, como a chuçar a cobiça dos ouvintes, todo um rol diabólico de maravilhas. Narravam-se coisas embasbacantes. Muita gente contava, debaixo de

juras, que havia nas minas tanto ouro, tanto, que "no Cuyabá, até as pedras do fogoens, onde se punham as panellas, eram de ouro". Ainda: "para se colher ouro, não é necessario mais do que se arrancar touceiras de capim; nellas vêm pegadas as folhetas". Grande verdade. O ouro de Cuiabá era todo de aluvião. Andava solto à flor da terra. Por isso, comentando aqueles relatos, afirmava o cronista com justeza: "isto de arrancar-se capim e virem granetes de ouro pegados ás raizes, é certo: foi coisa vista muitas vezes, tanto nas lavras do Sutil, como nas da Conceição".

Mas não ficava só nisso. Havia muitas e incríveis gabolices. Chegou-se mesmo a dizer, "naquellas exageraçoens fabullozas", que, "no Cuyabá, em vez de grãos de chumbo, serviam-se os caçadores, nas espingardas, de grãos de ouro para matar veados..."

A conseqüência dessas falas espicaçantes era uma só e fatal: canalizar para essas terras, tão fantasticamente abarrotadas de riquezas, densa caudal de aventureiros. E foi, de fato, densa e torrenciosa, a caudal de gente que alagou Cuiabá. Os cronistas, sem excetuar um único, narram com destaque essa desabalada carreira para as minas. "divulgada a noticia pellos povoados (lá diz Barbosa de Sá), foi tal o movimento que cauzou nos animos, que das Minas-geraes, do Rio de Janeiro, de toda a Capitania de Sam Paulo, se aballaram muitas e muitas gentes. Deixavam cazas e fazendas, deixavam molheres e filhos, deixavam tudo, botando-se para aquelles sertoens como se fora a terra da promissan ou o Parahyzo incoberto em que Deus poz os nossos primeiros paes".

Cuiabá, não há dúvida, tornou-se a aspiração mais fascinante dos sertanejos. Era a "terra da promissan!". De São Paulo, mais particularmente, o êxodo para lá foi verdadeira loucura. Pode-se dizer que, na vila, não ficou homem válido. Partiu tudo. "O que soube, logo que aqui cheguei (mandava dizer ao Rei, numa carta, o governador Rodrigo César) é que tinham ido para aquellas minas mais de dois mil paulistas". Só naquelas lavras, segundo arrolamento, "havia naquelle anno (o que espanta!) duas cazas de truque, onze fornos e dois mil seiscentos e sete escravos" (1).

Mas todos os forasteiros, brancos e negros, escravos e forros, vindos ali à busca do ouro, chuçados pela só fome das riquezas, não pensavam jamais em lavouras e sementeiras. Parece isso extraordinário, mas é verdade. Passavam dia e noite nas catas. Ninguém tinha tempo para abrir roças. Ninguém tinha tempo para cuidar de criação. Por isso, naquelas lavras, "não havia porcos, não havia gallinhas, não havia nada. Faltava o milho em toda a povoação". Os gêneros vinham de fora, lá do longínquo São Paulo, em monção. Mas quase sempre, nos vaivéns terríveis daquelas duras varações — "chegavam as fazendas já podres; morria muita gente de fome".

As coisas atingiam, está visto, preços verdadeiramente fabulosos.

(1) "Memorias", Felipe José Nogueira Coelho. Rev. Inst., vol. 13.

O PREÇO DAS COISAS

"Senhor!, a grande e jamais vista carestia que se experimenta nestas minas...", assim principiava Rodrigo César ao Rei uma carta de Cuiabá. Grande e jamais vista, é verdade. Não havia lucro, por mais abundante, que pudesse fazer face aos gastos "porque um só alqueire de milho, Senhor, custa aqui vinte e dois mil réis".

"Pode-se bem apreciar esta carestia, comenta Toledo Piza, notando que um trabalhador, naquelle tempo, ganhava cem réis por dia: portanto, para comprar a ninharia dum alqueire de milho, teria elle de trabalhar 222 dias!".

A crônica de Cuiabá está pitorescamente crivada de episódios do gênero. As minas careciam de tudo, tudo. O milho, tão essencial na vida primitiva, o milho, em particular, custava os olhos da cara. A escassez dele era tanta que, "não faltava quem desse hum negro mina, dos bons, por quatro alqueires de milho". Como, na febre em que vieram, os sertanejos nem sequer haviam trazido petrechos de pesca, a própria apanha do peixe tornara-se dificílima: "vendia-se então hum dourado, que por acaso se colhia, por sete a oito oitavas de ouro". Conta-se mesmo que "certo Joaquim Pinto comprou, no porto geral, hum Jahu por huma quarta de ouro, fel-o em postas, foy vendellas pelas lavras e fez meia libra..." Um outro, crioulo e espertalhão, comprou, por seu turno, "huma abobora por quatro oitavas; coze-a num taxo, fel-a em

papas e foy vendendo aos negros: fez quinze oitavas de ouro".

Sal era o problema supremo. Houve quem desse "por hum frasco de sal, meya libra de ouro". O vigário, na igrejinha do arraial, chegou a ponto de não mais administrar o batismo por falta dele.

Lavrar a terra, nesses períodos agudos de fome, tornou-se mais lucrativo do que mineirar. Muita gente, à vista disso, botou-se para as lavras a abrir roças. Miguel Sutil foi um desses. Tocou-se para Cuiabá. Eis que lhe ocorre na vida, por mero acaso, a mais inesperada das aventuras. É uma autêntica página de romance. Ei-la:

MIGUEL SUTIL

"... fez Miguel Sutil viagem para uma roça que já havia principiado na borda do Cuyabá". É este Miguel Sutil um caboclo de São Paulo, natural de Sorocaba, sem parentela ilustre nem prosápias de fidalguia que merecessem as referências grandíloquas do nosso Pedro Taques. Nada disso. É Sutil homem simples. Homem roceiro. Nem sequer vai a Cuiabá tentado pela fantasmagoria das minas. Vai, singelamente, plantar a sua "lavoura de mantimentos". Portanto, sem alarde, muito apagado, chega o sorocabano à terra do ouro. Arrancha-se num pedaço de várzea. Cavoca largos solamins de chão. Semeia a sua roça.

Certo dia, faltando-lhe o açúcar, manda Sutil dois carijós ao mato em busca de mel. Os índios partem à cata das abelheiras. Partem de madrugada. Mas partem e não voltam. Vai o sol já alto e ainda não veio o mel. Que significa isso? Que é que aconteceu aos dois meleiros?

OS DOIS MELEIROS

Ninguém compreende a tardança dos carijós. A demora deles é demasiada para trabalho tão pequeno. Eis que chega a tarde. Os carijós, contudo, não aparecem. Eis que cai a noite. Nada dos índios! Sutil, no seu rancho, está enfezado com a madraçaria dos

bugres. Que é aquilo? E o sorocabano franze o cenho, borrascoso.

Noite morta, quando já ninguém mais os espera, rompem de súbito os índios pelo acampamento. "Chegam elles ao ranxo, alta noite, sem mel..." Sem mel? Sim, sem mel! Sutil, carrancudo, investe contra os índios aos brados. Fervem palavras pesadas. Irado, bota-se o sertanista a "pellejar com os carijós por assim gastarem o dia inteiro em vão". Os índios ouvem. Ouvem, cabisbaixos, sem retrucar palavra. Mas quando o sertanejo, desabafado, amaina as suas zangas, um dos carijós, "que é o mais ladino", pergunta-lhe com ingenuidade:

— "Vós viestes a buscar ouro ou mel?"

Ouro? E Sutil de novo a esbravejar! Ali não era lugar de ouro! Ouro havia nas minas. Ali era apenas roça de mantimentos. Ouro? Quem lá estava pensando em ouro? Nisto, com a mesma fingida ingenuidade, o bugre finório "mette a mão no seyo dum jaleco de baeta, em que vinha vestido, tira hum imbrulho de folhas e o entrega ao amo. O amo abre; e..." E então — estupenda surpresa! — Sutil, arregalando os olhos, depara, naquele rústico embrulho de folhas, com o mimo de "vinte e tres granetes de ouro; pesavam cento e vinte oitavas!".

Ouro? Mas onde havia tanto ouro? E Sutil, emocionado, com os olhos a fuzilarem, criva o carijó de perguntas. O carijó (com que deliciosa graça o relata o cronista!) responde apenas: "que achara muito daquillo".

"Achara muito daquillo"! **Daquilo**! Mas **aquilo** era o sonho! **Aquilo** era a riqueza. **Aquilo**, numa palavra, era ouro — o ouro de Cuiabá!

AS LAVRAS DO SUTIL

Ah, o desassossego do lavrador! Que noite aquela! Que longa e fustigante noite de vigília! Mas por que hei de evocar eu os transes alvoroçados do caboclo nessa hora de febre? Conte-os, com a graça do seu linguajar, a palavra empoeirada da velha crônica:

"Naquella noite não dormiu o Sutil, assim como hum camarada europeu que comsigo tinha, chamado João Francisco, por alcunha — o Barbado. Ambos consideravam-se dois mimosos da fortuna, já livres das pensões da pobreza. Muito agitados, passaram elles a noite em conversas para occupar os sentidos, que o somno havia dezamparado.

No outro dia, apenas rompera a luz do sol, já o Sutil, o camarada, mais a commitiva de escravos, com os descobridores por guia, estavam a caminho. Seguiam elles os passos dos carijós como bem mereciam melleiros que taes colmeyas descobriram. Chegaram ao lugar onde se acha hoje a villa de Cuyabá..." (1).

Estacam. Os carijós apontam a terra pedregosa:

— Ouro!

Botam-se todos a esbrugar os torrões de cascalho. Levam o cascalho ao rio. Lavam-no. Não há dúvida:

(1) A atual Cuiabá difere do *arraial de Cuiabá*, fundado por Pascoal Moreira.

é ouro! Ouro às mancheias. Ouro em folhetas. "Era tudo, por toda a parte, ouro cravado em seixos".

Então, esbraseados e cúpidos, os sertanejos atiram-se com furor à terra. Não têm eles consigo um só instrumento de mineirar. Nem um simples alvião, nem um mísero almocrafe. Não faz mal: cavocam eles a terra com as mãos! Covocam sem descanso, até ao sol posto, com um delírio de possessos. Que assombrosa cata! À tarde, recolhendo-se o bando ao acampamento, "achou-se o Sutil com meya arroba de ouro; João Francisco, o Barbado, com seiscentas e tantas oitavas".

Assim, naquele venturoso sítio, abrem-se as maravilhosas, as famosíssimas "Lavras do Sutil". São estas lavras que, com o seu imenso ouro, vão encher de alarido os socavões mais longínquos do país. E com razão! São elas, na voz unânime da época — "a manxa de ouro mais copioza que já se tem achado em todo o Brasil". Basta dizer, para se ter uma idéia clara delas, que aqueles primitivos mineiros, mesmo sem ferramenta, só com as mãos, conseguem catar, no primeiro mês, mais de quatrocentas arrobas de ouro! (1).

AS GENTES DAS LAVRAS

Quantas lavras! As de "S. João", as de "Cocaes", as da "Chapada", as de "Jacey", as da "Conceição", as do "Sutil"... Tudo a jorrar ouro! Ouro às arrobas, do melhor, mais puro, diziam, que o das Gerais. Esse

(1) Barbosa de Sá, "Relação".

ouro, como um clarim, conclamava sem cessar as gentes. Forasteiros e naturais, nortistas e sulistas, vinha tudo, por esses sertões afora — e sabe Deus como! — atrás do ouro de Cuiabá. Não havia barreiras que os fizessem estacar. Não havia perigos que os fizessem refletir. Nada! Nem os matos, nem os rios, nem as feras, nem a indiada, nem a fome, nem as misérias infinitas, horrorizantes da jornada.

Cuiabá tornou-se o açude onde se aglutinava a escumalha lodosa do Brasil. Era o desaguadouro de todos os aventureiros. E que aventureiros! Bandidos, fugidos às justiças, jogadores, matadores sanguinários, ladrões, salteadores. Ralé vil, ralé imunda, ralé repugnante.

E que vida, no Cuiabá, heterogênea e bruta! Nas tascas, onde havia sempre "mulheres bastardas e jogos de parar", desencadeavam-se tragédias selvagens, violentíssimas, em que fuzilavam facões e toledanas. Assassínio era coisa de todo o dia. Roubos também. Toda a gente roubava! Os negros, com perícias pasmosas, surripiavam ouro das bateias e iam, nos dias de folga, emborrachar-se com ele nas tavernas. Os índios, que sempre foram racialmente falsos, escondiam na boca os granetes que podiam e, à noite, muito às ocultas, entregavam-no aos ourives a troco de pedaços de fumo. Mulatas quitandeiras, com os tabuleiros à cabeça, viviam nas catas a vender broinhas aos escravos. Os escravos pagavam-nas com folhetas roubadas aos amos. Até os padres, contaminados pela fúria das riquezas, contrabandeavam. Rodrigo César, para cortar tudo aquilo, todas aquelas mortes, todos

aqueles roubos, todo aquêle contrabando, lançava, ininterruptamente, bandos sobre bandos. Ninguém mais, ordenava o Governador, "havendo de fazer jornada a Cuyabá, não a faça sem licença minha e sem tirar o paçaporte na secretaria do Governo". E mandava fechar as baiúcas de jogo. E proibia, sob penas carrancudas, que partissem forasteiros para as minas. E negros sem dono. E índios avulsos. E mulheres de vida fácil. E padres castelhanos. Estes, sob pretexto algum, mesmo sob pretexto de missão, não tinham sequer permissão de atravessar as minas. Mas os bandos, por mais rigorosos, eram vãos. O ouro de Cuiabá enlouquecia. Que importavam aquelas proibições? Toda a gente, para atingir o metal satânico, as fraudava. E não havia meio de impedir a fraude. Por isso, cada ano, as monções partiam repletas. E cada ano, nos povoados, contavam-se as misérias e os padecimentos dessas monções.

AS MISÉRIAS E OS PADECIMENTOS

Ah, o que foram essas misérias! Ah, o que foram esses padecimentos! Eram febres ruins. Eram terçãs. Eram naufrágios. "Padeciam os paulistas grandes destroços..." dizem todas as crônicas num só tom. "Perdiçoens de canoas nas caxoeiras..." Mortandades de gente, doenças, pestes..." "Tudo lhes apodrecia com as chuvas..." "Não tinham mosquiteiros para se defenderem dos mosquitos..." Desgraças sobre desgraças! E com elas, quantas **mortandades de gente!** Eram arrasadoras. Morriam mineiros às chusmas, espantosamente — "huns de peste", outros "por falta de sostento", outros "comidos de onça". Só na viagem, que era dura e longa, devorava o sertão, sem piedade, centenas e centenas de aventureiros. "Houve comboyos de canoas em que morreram todos, sem ficar um vivo; as canoas e as fazendas, estas já podres, eram achadas pelos que vinham atráz; e os corpos espalhados pelos reductos e barrancas". O próprio Rodrigo César, ao chegar, relata, impressionadíssimo, essas catástrofes ao Rei: "foy tal o estrago de mortes que fizeram as pestes, que muitas tropas, hindo para as minas, e que se compunham de mais de cem pessoas, apenas escaparam com vida quatro..."

Morrer de fome tornara-se coisa banal. Mas havia, na alucinação dessa fome, tragédias horrendas. Tragédias que a imaginativa mal concebe. Assim, faminto e desesperado, "morrendo-lhe a escravatura e perden-

do tudo o que trazia", o capitão José Pires, num lance a Ugolino, "chegou a dar hum rapazinho, que tinha em conta de filho, por hum peixe pacú".

Que página arrepiante a página da conquista das minas! Que angústias inenarráveis! Era tudo, como diz a palavra dorida e pictural do cronista, "era tudo gemer, chorar e morrer".

Com isso, sobrepujando a todas essas misérias, havia ainda o inimigo implacável, o inimigo secular, o inimigo que se não cansava jamais: **o paiaguá.**

O PAIAGUÁ

O paiaguá! Quando um remeiro, da proa do seu batelão, lançava, espavorido, o grito tremendo: paiaguá! — os sertanejos, lívidos de susto, sentiam o sangue gelar-se-lhes nas veias. Tinham bem razão! Anos e anos, sem arrefecer jamais, com assombrosa tenacidade, este bugre desumano, ávido de carnagem, fez guerra de morte, encarniçadíssima, a todas as monções paulistas. Eram índios canoeiros do Paraguai. Dizem que os jesuítas já os tinham mais ou menos cristianizado. Vinha daí, da influência dos catequizadores, aquele ódio sem tréguas aos bandeirantes: os jesuítas (dizem) para se vingarem dos paulistas, que haviam barbaramente destruído as suas missões, insuflavam nesses selvagens ódios insopitáveis contra os de São Paulo (1). Isso, ou simplesmente ódio racial, pouco

(1) Toledo Piza, vol. 4, Rev. do Inst. Histórico de São Paulo, M. Oliveira, vol. 24, Rev. do Inst.

importa: a verdade é que os paiaguás foram o inimigo supremo dos desbravadores. E que inimigo! Não houve bandeira, por mais petrechada, que eles temessem. Nem frota, por mais numerosa, que eles respeitassem. Impossível condensar, nesta crônica, todo o rosário de mortandades que desfiou aquele bugre. Basta relembrar o caso, bem famoso, que ocorreu à monção de 1730.

A MONÇÃO DE 1730

Vai descendo o Paraguai a mais luzida monção que já saiu de Cuiabá. Que linda! São dezenas de canoas. Vai nela densa chusma de tripulantes. Vai nela o Dr. Lanhas Peixoto, o ouvidor. Vai a recém-casada, formosíssima lisbonense Domingas Rodrigues, rapariga de dezoito anos, que é o encanto da monção. Vão nelas, o que é o mais, cem arrobas de ouro. Desse ouro, sessenta arrobas são quintos arrecadados: pertencem ao Rei.

A monção lá vai, galharda e donosa. Não há águas bravas, nem ventos contra. O tempo ajuda. Corre tudo risonhamente. Mas eis que um dia...

— Paiaguá! Paiaguá!

Ao dobrar um ângulo do rio, a monção, aterrorizada, dá de chofre com a frota rústica do bugre. Oitenta canoas! Trezentos remeiros! O ataque é fulminante. O paiaguá, **com um urro estrondoso**, precipita-se ululante sobre os paulistas. Trava-se a luta. E que luta medonha! Luta nos batelões, luta dentro

da água, luta corpo a corpo. Lanhas Peixoto cai esmagado por uma tacapada. O rio enche-se de cadáveres. Corre sangue aos jorros. "Foi tanto o sangue derramado, tanto, que tornou as aguas, de chrystallinas, anacaradas". Mas o gentio é numeroso demais. É invencível. "Pellejaram desde nove da manhã até duas da tarde: morreram dos nossos quatrocentos christãos, entre brancos e pretos". A carnagem é tremenda. O saque é ainda mais tremendo. O maior saque de que há memória na história do bandeirismo: quatrocentos mortos e cem arrobas de ouro pilhadas.

"Tres mezes depois, na Capital do Paraguay, os indios foram offerecer de resgate, com as pestanas e cabellos raspados, a bella D. Domingas..." E mais: "tinha ouro com tanta abundancia que, por generos no valor de cinco pezos, chegaram a dar duas libras de ouro!" (1).

Incontáveis são os episódios, em meio àquele drama do ouro, que os põem frio na medula. Alguns, contudo, são páginas gaiatas.

Verdadeiros gracejos do acaso. Parecem urdidos pilhericamente pela mão de um deus jocoso. É o caso de João Lopes.

---

(1) Varnhagen, apud carta escrita do Paraguai por D. Carlos de los Reyes.

JOÃO LOPES
E
CABRAL CAMELO

Conta-se que "aggregado a hum rico, que trazia cinco canoas...", vinha um certo João Lopes, "moço pobre e europeu".

O rapaz se atirara, como aventureiro, à façanha tentadora de catar ouro. Acontece que, não afeito às durezas daquelas lidas, o europeu adoece em caminho: "adoece de enfermidade e fome". Fica impossibilitado de ajudar a varação. Não pode remar. O dono da monção — está visto — não se conforma com o trambolho na canoa. E, homem cru, resolve sem delongas o caso: "lançou o moço em terra, sobre a barranca do rio, dizendo-lhe: que ficasse alli e se puzesse com Deus". E acrescentou com desapiedade, "que alli, na barranca, havia certamente de morrer". São inúteis as lágrimas. Debalde o desgraçado faz ver àqueles sertanejos o sem-coração de tal proceder. Inútil! O patrão retruca-lhe apenas: "não tinha nada com que o curar, nem com que o sostentar; os mantimentos, que havia na canoa, eram para vivos, e não para defunctos".

Diz, larga o doente, toca pelo Paraguai acima. E o miserável, abandonado na barranca, apenas com um porrete de caviúna na mão, vê, com a alma rasgada, a última canoa da monção desaparecer ao longe, lá, bem ao longe, na volta do rio.

João Lopes procura uma árvore à beira dágua. Arrancha-se à sombra dela. E aí fica. Fica à espera de morrer. Morrer à míngua, desamparado, "sem mais sostento que a agua do rio e a que dos olhos vertia".

Mas eis que, com o vir da noite, João Lopes estremece, sacudido: ouve, bem distintamente, "hum rogido no barranco". O pobre diabo, agoniado de medo, ergue-se dum pulo. Que é? João Lopes vê, diante de si, de braços abertos, fulvo tamanduá ameaçante. É a morte! pensou, espavorido. E o terror da morte, acutilando-o chofra-lhe nas veias energias súbitas. João Lopes agarra o porrete de caviúna. Junta todas as forças e, num supremo esforço, desfere, tremendamente, formidável porretada na cabeça do bicho. O tamanduá cai morto. "Então João Lopes botou-se a juntar lenha, fez fogo, e, alli mesmo, chamusqueou o tamanduá. Depois, com a sua faquinha, foy trinxando as carnes, assando e comendo".

Assa, come, mata a fome.

Na manhã seguinte, o aventureiro escuta, com desmedido júbilo, inesperado rumor de canoas que vêm subindo o rio. Lá estão elas! Lá vêm! Quantas! É monção... O desgraçado, cá da margem põe-se a gritar. Põe-se a gesticular. Os homens ouvem. Ouvem e abicam. João Lopes conta-lhes o seu caso. Mas o patrão, coração de ferro, também não o quer receber: "não tinha mantimentos para sostentar gente a mais do que trazia". Ao que tornou o Lopes: "saltassem em terra e vissem o que elle alli tinha". Os homens saltam. Vêem o belo tamanduá. E todos a gritar, alvoroçados: carne fresca! carne fresca! Ruidosos,

com o bicho às costas, tornam alegremente às canoas. João Lopes embarca. E a monção parte rumo do Cuiabá.

Viajam dias e dias. Fazem demorados pousos pelo caminho. Caçam e pescam. Certa tarde, com viva surpresa, deparam eles "as cinco canoas do homem que deixou João Lopes na barranca do rio". Havia nelas apenas uns negros. E os outros? Os negros contam logo as desgraças da viagem, as chuvas, os mantimentos que apodreceram, a peste que lavrou arrazante nos homens: "todos os demais, juntamente com o dono da canoa, eram mortos".

Mas João Lopes seguiu caminho. E chegou, são e salvo, a Cuiabá.

São e salvo, por milagre de Deus. Mas eram raros os milagres. Raríssimos. Outros, quase todos, só tinham que contar fracassos e ruínas. Sobretudo, ruínas de haveres.

AS RUÍNAS

Foram sem conta os que, fascinados pelo ouro fatídico, se meteram, de olhos vendados, no negócio tentador. Vendiam os chãos. Empenhavam as jóias. Entregavam a copa. Tomavam, onde achavam, dinheiro de empréstimo. E um dia enfim, aprestada a monção, lá se iam, com escravatura e canoada, atrás daquele ouro satânico. Ah, os fracassos! Ah, os ricos que ficaram pobres!

O caso de João de Carvalho Silva é típico. Era homem riquíssimo — "possuia bens de fortuna sem

inveja aos mais opulentos de seu tempo". Mas não se contentou. A fama ardente das minas tresvairou-o. E o caboclo, "estimulado pela grandeza do ouro de Cuyabá", arriscou insensatamente todos os seus teres numa vasta empresa mineira. Que desastre! Apodreceram os mantimentos, naufragaram as canoas, pestearam os escravos, fugiram os índios. Perdeu tudo. Não salvou um negro. Voltou de Cuiabá roto como um mendigo.

E Cabral Camelo? Esse, nas preciosas memórias que deixou, insculpiu um painel vivo, muito cru, do que foram as desventuras da sua monção.

"É verdade, diz êlle, que a fortuna favoreceu a alguns. Mas foram bem poucos os que puderam livrar o capital. Eu sahi de Sorocaba com quatorze negros e tres canoas minhas. Perdi duas. Cheguei no Cuyabá só com uma e com 700 oitavas de emprestimo; dos negros, tive que vender seis que eu havia comprado fiado em Sorocaba; tive tambem que vender quatro que me havia dado meu tio; todos esses dez foram pagamento de dividas. Dos que me restaram, ainda morreram tres. Só me ficou um. O mesmo succedeu, nesse anno, a todos que foram a Cuyabá".

Era tudo assim. Uns fracassavam nos negócios. Outros morriam. E os que não fracassavam nem morriam, "padeciam miserias sobre miserias. Estes ficavam opillados; aquelles ficavam hydrópicos; outros..." Que intérmino rol de desgraças!

Por isso, quando a monção de Antunes Maciel descia o rio, levando ao Rei montes de quintos de ouro,

daquele ouro de Cuiabá, vermelho, tinto de sangue, podia o cronista filosofar com razão:

"... hia na monção muito ouro, sim; mas tambem muito pouca saude. Estes, voltavam com as pernas inxadas; aquelles, com as barrigas cheias d'água; e todos, sem faltar um, com caras de defunctos..."

O REGENTE-MOR

Os sertanejos, nos primeiros, alvoroçados júbilos da descoberta, aclamam a Pascoal Moreira, por entre estrondos e vivas, o chefe supremo de Cuiabá. O paulista é eleito, a uma só voz — "goarda-mór das minas".

Guarda-mor é um título de emergência. O título definitivo é o de "Regente-mór". Este vem das mãos do Rei. O Rei, segundo a usança, provê invariavelmente nesse posto os descobridores de minas. Pascoal Moreira, o afortunado desbravador de Mato-Grosso, põe agora a sua aspiração apenas nisso: ser o Regente-mor de Cuiabá. A aspiração, na verdade, é pequenina. Mas (cada qual tem lá o seu capricho!) é a única que aguilhoa o paulista.

Pascoal Moreira vai ser, não há dúvida, Regente-mór de Cuiabá. Regente-mor, só? Não! Isso é pouco demais para a munificência de D. João V. O paulista terá muito mais. O galhardo, o intrépido bandeirante que, à sua custa, conquistou para o seu Rei tantas minas; esse que, com os seus rudes devotamentos, fez canalizar para Portugal tantas e tantas arrobas de ouro; esse que deu à Metrópole, então pobre e exaurida, tão larga e desmedida riqueza — esse terá, fatalmente, da grandeza real, mercês envaidecedoras, dignidades altas que o vão honrar. D. João V, em repetidas cartas, firmadas de seu próprio punho, havia prometido aos descobridores, solenemente, recompensas ilustres, decorativas, que lhes chuçavam a vaidade.

"Hei por bem que, havendo pessoas que voluntariamente se queirão offerecer a descobrir minas, lhe possaes prometter, em Meu Real Nome, o foro de fidalgo da minha Caza, assim como qualquer um dos habitos das Minhas tres ordens militares, e ainda...", afirmava generosamente o Rei, mais uma vez, na última carta que mandara ao governador Rodrigo César. O próprio Rodrigo César, mal recebe a festiva notícia da descoberta, já escreve, por um correio especial, açodadamente, ao precioso paulista: "Sua Magestade não deixará de remunerar a Vosmecê por esse grande serviço. Nem eu me excuzarei de ser o procurador dos augmentos para Vosmecê". E mais tarde, em longa e aduladora carta: "Eu parto sem falta em principio de Julho para essas minas e serey portador dos papeis de Vosmecê, que remetti a el-Rei Nosso Senhor, e mais alguma mercê, pois não me descuidei de pôr na Real presença os bons serviços e merecimentos de Vosmecê".

Não há dúvida, pois: Rei e Governador estão ajustados em premiá-lo. Pode o paulista governar tranqüilo o seu arraial!

O GOVERNO DO PAULISTA

E ele, realmente, governa-o com felicidade. "Repartia bem as lavras, accommodava as contendas, mandava pagar as dividas". No começo é tudo mar de rosas. Não há tropeços. Essa melindrosa tarefa

de distribuir justiça entre sertanejos, fá-la Pascoal Moreira "com tanta prudencia, tanto accordo e agrado das partes, que todos lhe ficam obrigados, tanto vencidos como vencedores".

Nada mais difícil, contudo, do que aquela sutil missão de repartir lavras. E reparti-las entre caboclos xucros. A lavra é o ouro. É o ganho. Tocar naquilo é tocar no bolso do mineiro. Houve, certamente, naquelas distribuições, inevitáveis choques de interesses. Desses choques surgiram descontentamentos. Os descontentamentos engrossaram. Avolumaram-se. E o povo, o eterno ingrato, começou a bradar. A bradar contra o seu chefe e condutor! Formou-se logo, entre queixas e protestos, a ala dos desgostosos. A ala era grossa. Ninguém, contudo, sentiu-se com coragem de encabeçar o motim. Motim contra Pascoal Moreira? Contra o bandeirante que desbravara o caminho do ouro? Não há mineiro que tenha o ânimo bastante cru para derrubar o pobre velho do posto em que está. A ingratidão repugnava a todos. Era medonha. Que fazer?

Entram, nesse momento, dois irmãos em cena. São os irmãos Leme. Os Lemes vão decidir a contenda.

OS IRMÃOS LEME

Os irmãos Leme! Quem é, em todo o largo sertão, que desconhece o nome dos dois régulos? Quem é, por esse São Paulo afora, que já não ouviu contar, estremecendo, as proezas dos dois paulistas? São dois

aventureiros cobertos de crimes. Vieram ambos de São Paulo fugindo às justiças. Vieram tentar fortuna nas minas. Foram felizes. As suas catas, boas e fartas, produziram ouro às mancheias. Enriqueceram. Com a riqueza, aumentou-se-lhes o prestígio. Ficaram poderosos. Circundaram-se de muitos sequazes, que eram todos bandidos ou condenados. Tornaram-se, com tal bando de facínoras, os homens mais temidos das minas.

E os Lemes tomam partido contra Pascoal Moreira. Põem-se à frente de um movimento a favor de Fernão Dias Falcão, que é cunhado deles. Reúnem o povo. E, com a sua horda, por entre uivos e estrondos, lançam na vila, aterrorizantes, o seu grito de guerra:

— Abaixo Pascoal Moreira! Abaixo Pascoal Moreira!

Ninguém ousa opor-se aos dois régulos. Opor-se como? Quem podia lá resistir às armas deles? Por isso, naquele fundo de sertão, consumou-se a injustiça tremenda: o povo derrubou a Pascoal Moreira. A ata, em que se perpetuou a ingratidão, diz assim:

"... accordando acharem os moradores de Cuyabá na pessoa de Fernão Dias Falcão todos os merecimentos necessarios, sendo elle das principaes familias de São Paulo, e muito opulento, levantamos o dito Fernão Dias para o nosso Capitão-mór, para nos governar e reger. João Leme, Lourenço Leme..."

Segue-se, no papel, a assinatura de todos os povoadores de Cuiabá. Pascoal Moreira, nessa hora amarga, não teve um amigo. Um só! Todos (covar-

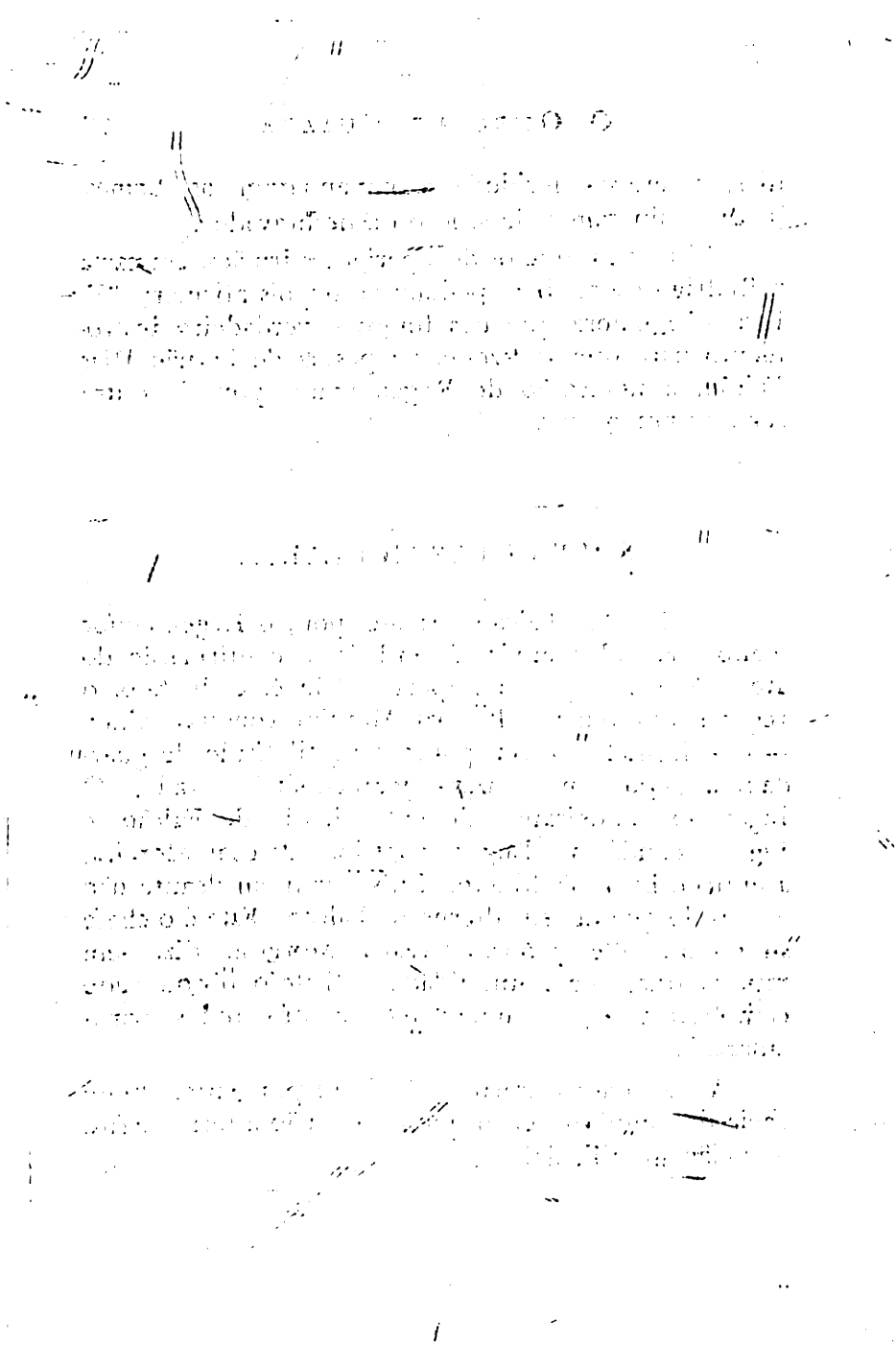
dia?, interesses feridos?) acompanharam os Lemes. Todos assinaram a deposição do desbravador.

E foi assim que os dois perigosos irmãos, em carta a Rodrigo César, bem podiam ao depois afirmar: "V. Exa. não ignora que nós fomos o verdadeiro instromento para que se fizesse, na pessoa de Fernão Dias Falcão, a nomeação de Regente-mór, pois de outra sorte nunca o seria..."

SIMPLES PARTICULAR...

Fernão Dias Falcão torna-se, pois, o Regente-mor eleito. Falta-lhe ainda, é verdade, a confirmação do Rei. Mas isso pouco importa. Ele é, e de fato, o regente das minas. Pascoal Moreira conserva ainda — que ironia! — o seu pobre e inútil título de guarda-mor Que quer dizer "goarda-mór?". Nada. O lugar do bandeirante, desde a eleição de Falcão, é lugar secundário. Lugar apagado. Pascoal Moreira, acentua-o bem Washington Luís, "dahi em deante não é mais do que um subalterno de Falcão. Este é o chefe supremo". Ele próprio, Pascoal Moreira, diz, sem rancor, quase com humildade: "Falcão obrou tudo catholicamente, accommodando a **nós todos particulares**"...

A nós todos particulares! Frase pungente. Frase cheia de espinhos. Com que mágoa não a teria escrito o ancião humilhado?



O GOVERNADOR E O REI

E o Governador? Que vai dizer Rodrigo César? Esse mesmo Rodrigo César que, em carta, tão positivamente afirmara que seria o "procurador dos augmentos de Paschoal Moreira?" Concordará com essa diminuição? Acatará ele, o juiz da contenda, a eleição de Cuiabá? Ninguém ainda o sabe. Mas o Rei, lá em Lisboa, já recebera dele, desse raposão finório, a notícia do caso.

"O povo ellegeu para Regente-mór, para governar, a Fernão Dias Falcão. Eu me conformei com a eleição por ora. É necessario levar aquella gente com algum temperilho, porque, em semelhantes occasiões, é o que mais vence..."

Governador astucioso e dúbio! Pouco se lhe dava o haver empenhado a palavra a Pascoal Moreira! Pouco se lhe dava o que o paulista, a custa de suas fadigas, fosse o descobridor das minas dadivosas que estavam a enriquecer o Reino. Que importava isso? Era preciso levar aquela gente com "algum temperilho". Por isso, por esse bifrontismo, não tinha coragem de dar mão forte ao amigo prestimoso de ontem. Conformava-se com a desvalia dele. É verdade que se conforma "por ora..." Mas o Rei? Que dirá o Rei?

O REI

Pascoal Moreira não se sujeita, de ânimo leve, à situação subalterna. Há ainda alguém que há de amparál-lo. É alguém que tudo pode. Alguém cuja palavra nunca volta atrás. É o Rei. O paulista, na sua aflição, escreve longamente ao amo poderoso. Põe-lhe sob os olhos "os seus descobrimentos, tão valiosos como os das Minas Geraes". Pinta-lhe, com eloqüente singeleza, como esses descobrimentos foram feitos: — "com innumeraveis riscos de vida, penosos trabalhos, ruina de sua fazenda, perda de um filho, perda de quinze brancos, perda de muitos escravos comidos pelo gentio". E qual era a paga de tudo? Agora, depois da descoberta feita, agora que as minas jorravam ouro, ele, o descobridor, tinha, como única paga, "achar-se pobre, destituido de cabedaes, com mulher, um filho e duas filhas". E suplicava: "que o Rei, pondo os olhos em seu vassalo leal, que tinha enriquecido a coroa sem nada ter lucrado" o nomeasse, efetivamente, "capitão-mór regente das minas de ouro do sertão a Cuyabá".

Queria tão pouco o velho desbravador! Queria apenas, de quem tanto prometera, apenas aquela tímida nomeação de Regente-mor. Não podia ser mais modesto. Não podia ser menos exigente.

O Rei lê a petição dolorosa. Manda Rodrigo César dizer sobre ela. E o Governador com dureza:

"Tudo quando Paschoal Moreira representou a V. Magestade, sobre os descobrimentos, não se afasta da verdade; mas, pelo que respeita ao posto que pede, de

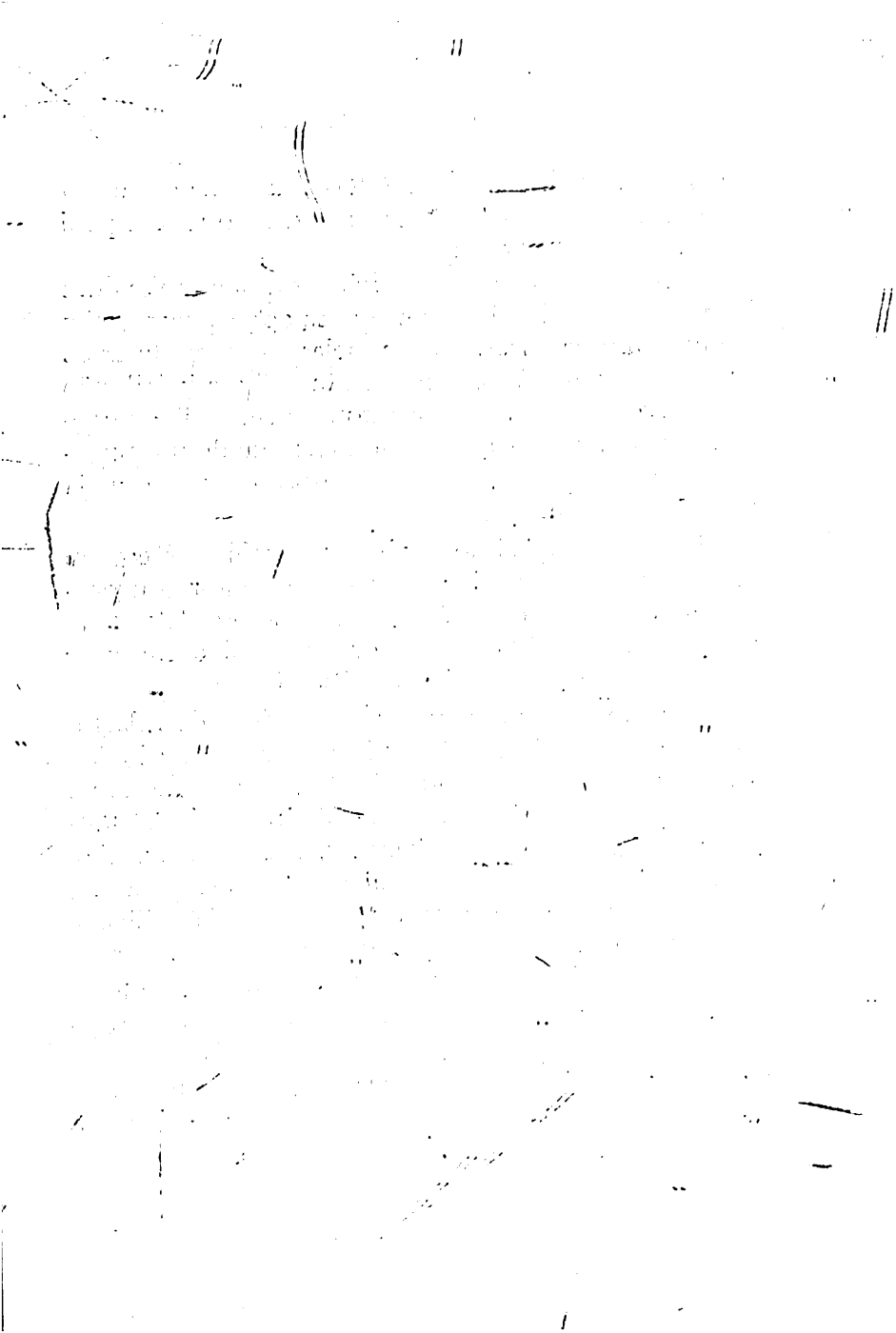
capitão-mór, se lhe não deve deferir: isso pela edade em que se acha, como pela pouca dispozição que tem para semelhante incumbencia".

O posto que pede, de capitão-mor, não se lhe deve deferir; e isso pela idade em que se acha: estava velho e inútil, queria dizer, com aquelas palavras duras, o governador ingrato. E como estava velho e inútil, não se lhe recompensavam os serviços. Nem se lhe adoçava a senectude. Bem ao contrário: desdouravam-se-lhe, com desapiedade, os seus últimos dias, que já iam cheios de amargor.

Fernão Dias Falcão ganhou a partida. Recebeu a carta-patente. Rodrigo César não se conformou, apenas por ora, com a eleição. Conformou-se definitivamente com ela. Pascoal Moreira não foi o Regente-mor de Cuiabá. Foi-o Fernão Dias Falcão.

E as mercês prometidas? E o foro de fidalgo? E o hábito das ordens militares? E a tença de 50$000? Tudo palavras, tudo fumo. O Rei, lá no longínquo Portugal, perdido nos braços da Madre Paula, tratava apenas de gastar disparatadamente, como um nababo. Os seus esbanjamentos de megalomaníaco delapidaram, sem o menor proveito para o Reino, aquelas pilhas e pilhas de barras de ouro que as naus do Brasil, donosas e engalanadas, levavam triunfalmente ao Tejo.

Essas pilhas e pilhas de barras de ouro, esclareçamo-lo, não eram apenas o vasto ouro de Cuiabá. Eram também o ouro enorme de Goiás. Eram, ainda mais, o ouro imensíssimo das Gerais. Que destino teve essa grandeza?



O OURO DO BRASIL

Vale a pena, neste passo, relancearmos um olhar ao reinado de D. João V. É curioso vermos o que a colônia, tão rústica e desajudada, deu a Portugal. É também curioso vermos o que Portugal, tão esplendente e pomposo, deu à colônia. Mas não analisemos nós, brasileiros, essa página da história lusa. Não a analisemos, não. Seria deselegante. Que falem dela, com autoridade, e, certamente, com justiça, insuspeitas bocas portuguesas.

O OURO DO BRASIL

"As minas do Brasil deram ao Rei e ao povo uma fortuna que o reino lhes negava", proclama-o, num lance memorável, o fulgurantíssimo Oliveira Martins. "Foi sobre o ouro e os diamantes do Brasil, diz ele, que se levantou o novo trono absoluto de D. Pedro II. Foi com ele que D. João V, e todo o reino, puderam entregar-se ao entusiasmo desvairado duma ópera ao divino, em que desperdiçaram os tesouros americanos".

A descoberta das minas brasileiras, não há dúvida, fôra insuflar alentos novos, sangue novo, ao Portugal de D. João V. É de pasmar o quanto de ouro partiu do Brasil ao reino. Que fabulosas, que entontecedo-

ras riquezas não forneceu, só nessa época, a colônia opulenta à metrópole exaurida!

Por quanto orça esse imenso ouro que o Reino devorou?

"Existe a conta autêntica do dinheiro que veiu do Brasil durante o reinado de D. João V. Foram sommas incriveis..." diz Pinheiro Chagas. E Oliveira Martins, fundado evidentemente nas parcelas que o Visconde de Santarém publicou com detalhes (1), assim resume essas somas incríveis:.

"O Brasil, no dizer de Humboldt, deu mais de metade do ouro de toda a America. Para que bem se possa avaliar a importancia das novas descobertas, poremos aqui uma nota sobre a massa de metais e pedras preciosas que D. João V recebeu do Brasil:

"130 milhões de cruzados;
"100.000 moedas de ouro;
"315 marcos de prata;
"24.500 marcos de ouro em barra;
"700 arrobas de ouro em pó;
"392 oitavas de peso;
"40 milhões de cruzados em diamante.

"Alem de tudo isso, o producto dos impostos e dos quintos, assim como o monopolio do pau-brasil, ren-

(1) "Quadro Elementar", Visconde de Santarém.

diam, annualmente, para o thesouro, cerca de um milhão e meio de cruzados".

Que fez o Rei com essa formidável montanha de ouro brasileiro? Que grandes coisas realizou? Que benefícios, com tanta riqueza, buscou o monarca nababo para o seu Reino e para o seu povo?

O DESTINO DO OURO BRASILEIRO

"Pois esta somma quasi incalculavel de riquezas, continua Oliveira Martins, não bastou para encher a voragem do luxo e da devoção do espaventoso e beato monarca. Os dinheiros do Brasil tinham melhor destino. Iam elles para Roma custear o preço de concessões valiosas. Era a elevação da capella do Rei, a Patriarchado — um arremedo do Vaticano; eram as insistencias (sem resultado) para que se definisse o dogma da Immaculada Conceição de Maria, antiga devoção dos Braganças; era a licença para os padres dizerem tres missas em dia de finados; eram os laus perennes, as reliquias, as canonizações, as indulgencias" (1).

Sobretudo, nos princípios do reinado, foi "a elevação da capella do Rei a Patriarchado". Nada tentava tanto a vaidade desse curioso bragança, que se gabava de ser mestre sem rival em liturgia, do que dar à sua capela privada as mesmas honras aparatosas que tinha a capela do Papa.

(1) Oliveira Martins.

A PATRIARCAL

Ah, a Patriarcal! Eis a suprema ambição do Rei fidelíssimo. "... o seu sonho de todas as noites, o seu pensamento de todos os dias, (narra a **Historia de Portugal**), foi a creação de um patriarchado na Capella-real, o qual lhe daria direitos de celebrar em Lisboa as festividades religiosas com as mesmas cerimonias com que essas solemnidades eram celebradas no Vaticano".

Obteve-o. Obteve-o à custa do dinheiro que ia do Brasil. Clemente XI, por uma bula satisfez-lhe a vaidade. D. João V, depois de atulhar as arcas de Roma com montes de barras de ouro, conseguiu enfim — oh glória! — ufanar-se de que "os doze principaes da Santa Egreja Patriarchal de Lisboa pudessem, como o sacro Collegio de Roma, vestir habitos cardinalicios e celebrar pontifical; que os trinta e seis monsenhores se dividissem em tres turnos: protonotários, sub diaconos, acolytos; que os conegos fossem vinte e quatro; que os beneficiados e os capellães passassem de cento e vinte; que os mestres de cerimonia e mais empregados orçassem por cento e quarenta e dois; que os musicos italianos e portuguezes, por setenta e dois!" (1).

---

(1) Vilhena Barbosa, "Luxo e Magnificencia da Côrte de D. João V".

REI BRASILEIRO

Mas não foi só a patriarcal. Esse luxo beato representa bagatela na nomenclatura dos gastos tontos do Rei. Pois, "não tem conta as despezas enormes que D. João V fazia com objectos de devoção; não tem conta o que elle pagava para dotes de freiras, para missas pelas almas do Purgatorio, para construcções, concertos e paramentos de Egrejas, tanto no reino como no extrangeiro. Comprava por preços fabulosos tudo o que o Papa abençoava. Só uma estatua de Nossa Senhora da Conceição, de prata dourada, que o Papa benzeu, lhe custara 120.000 cruzados! Para a Hostia da Congregação do Oratorio deu elle um circulo de diamantes; para Nossa Senhora das Necessidades uma coroa de brilhantes de 4.000 cruzados e 100 moedas de ouro; para o braço de S. Bento, um anel de brilhantes; para..."

Seria enfadonho trasladar para aqui o rol completo. Encheria longas páginas. Não esqueçamos, contudo, de reservar um espaçozinho, bem destacado, para a capela de São João, na Igreja de São Roque, em Lisboa. O Rei, em homenagem ao santo de seu nome, teve prodigalidades entontecedoras. A capela é um pequenino amontoado de riquezas e fulgores. Quanto custou? Não sei. Sei apenas que, entre aqueles jaspes, aqueles mosaicos aqueles mármores, aquelas pratas, aqueles lápis-lazuli, somente os dois grossos tocheiros que lá existem, ambos de prata dourada, da altura de

dois homens, custaram, em ouro sonante, 750.000 cruzados cada um!

Sim, tem razão Oliveira Martins:

"D. João V não regateava o preço das cousas; antes, como Rei brasileiro, rico sem saber como, punha honra na despeza, imaginando espantar o mundo com o modo perdulario com que dissipava. Mais de duzentos milhões de cruzados foram para o Papa. Não tem conta o que deu pelo reino às egrejas e aos conventos. E, na sua furia de ser o esmoler-mór do catholicismo, derramava por toda a parte o ouro do Brasil".

SUNTUOSIDADE PERDULÁRIA

Por toda a parte, sim. Com aparatosa suntuosidade perdulária que esmagava os coevos. Lede o "Luxo e Magnificencia da Côrte de D. João V". Vede aí, entre aquelas espetaculosas generosidades, o caso dos cardeais Pereira e da Cunha. Ao partirem para Roma esses dois altos prelados, a fim de assistirem a célebre conclave, el-Rei, caprichando em tornar a viagem deles, como de fato tornou, uma das jornadas mais retumbantes e esplendorosas da História, circundou-lhes a missão de lustre regiamente deslumbrador: "mandou-lhes dar dois caixotes de baixella de ouro e de prata que constava de cincoenta duzias de peças. Custou essa missão a Portugal 2 milhões de cruzados (!) o que, entretanto, não parecerá muito quando se souber que cada um dos mencionados cardeaes recebeu 50.000 cru-

zados de ajuda de custas". E acrescenta Alberto Pimentel: "Os cardeaes não chegaram a tempo. Não obstante, em carta do seu proprio punho, mandou D. João V dizer ao Cardeal da Cunha: "que desse muito oiro a esses cafres de italianos; e que, quando não tivesse a quem dar, o atirasse ao Tibre, para que se eternizasse o seu nome".

Quando o Duque de Barros veio tratar em Lisboa dos negócios da Casa de Aveiro, de que era sucessor, "ao despedir-se de el-Rei, mandou o soberano offerecer-lhe 50.000 cruzados para os gastos da jornada".

Ao Conde de Tarouca, que em longes cortes fizera dívidas como embaixador de el-Rei, "mandou-lhe D. João V 80.000 cruzados de gratificação para satisfazê-las".

O Marquês de Abrantes, ao sair para Madri, a fim de tratar dos casamentos dos príncipes herdeiros dos dois reinos, "recebeu de el-Rei 60.000 cruzados de ajuda de custa, 5.000 por mez, muitos coches, cavalos e arreios custosissimos, assim como 60 librés para os seus criados." Levou o Marquês, outrosim, tão grande copia de diamantes para presentear as pessoas influentes na corte de Madrid que (dizia a Marquesa de Capecelatro) "mais diamante, menos diamante, e o negocio hade se concluir".

Mimoseou D. João V ao Marquês de los Balbazes com um retrato seu "mandando-o com uma cercadura de diamantes no valor de 50.000 cruzados e deu á infanta para presentear a Marqueza um par de brincos no valor de 60.000 cruzados".

"Ao infante D. Antonio deu el-Rei 80.000 cruzados em dinheiro e mais 20.000 dos que tinham vindo na ultima frota do Brasil..."

Não vale continuar. A lista é longa demais. No entanto, confessemo-lo, não foi só esse mórbido desenfreio de, com mãos rotas, dar dinheiro a padres, a igrejas, a embaixadores, o que desbaratou o ouro imenso do Brasil. Houve mais. Houve o título, vaidoso e fofo, de FIDELÍSSIMO, que custou trezentos mil cruzados. Houve, em Caia, o palacio de Vendas-Novas, onde se deu a troca das duas princesas, a de Portugal e a de Espanha, que vieram a ser as esposas dos herdeiros dos dois Reinos: para abrigá-las numa só noite, o Rei construiu, afaiando-o com luxos desmedidos, um palácio que custou um milhão de cruzados.

Houve ainda, no Convento de Odivelas, os aposentos de Sóror Paula, e, junto ao convento, o incrível palácio da freira. Ah, os ninhos fofos de Sóror Paula... Se o homem, para com os homens, era magnífico e deslumbrante, que deslumbrante e magnífico não teria sido o amante para com a amante! Esses aposentos, nota o Sr. Borges de Figueiredo, "têm ainda vestigios da antiga magnificência. As portas delle são de petiá e de outras madeiras ricas do Brasil. Têm..."

Continua o Sr. Alberto Pimentel: "O que não seriam as alfaias dessa como ilha de Cythera, onde um principe portentoso endeusava a sua Venus! A camara era revestida de espelhos doirados que faiscavam ao reflexo dos candelabros. As cadeiras encarnadas, com pés e braços de talha doirada, intercalavam-se com os

bofetes doirados com os escriptorios de charão negro e oiro. O leito de Sóror Paula, guarnecido de laminas de prata doirada, fechava-se dentro de um cortinado de melania carmezin, apanhado em ondas, por onde o oiro serpenteava em franjas e galões. Os lenços de Hollanda espumavam rendas. Um paraizo de preguiça voluptuosa..."

Cerremos as cortinas da alcova de Madre Paula. Não perturbemos esse frágil capricho lírico do Rei. Falemos doutro capricho. Doutro, sim, que engoliu, com goelas insaciáveis, a melhor caudal do ouro brasileiro. Capricho dementado, que, pela exorbitância que custou, tomou proporções de calamidade pública: Mafra.

MAFRA

"Mas o rei queria tambem monumentos, acentua Oliveira Martins, e traçou uma basilica maior do que o Reino. Mafra devorou, em dinheiro e gente, mais do que Portugal valia".

No dia em que D. João V, com o traçado do alemão Eschweg nas mãos, anunciou à corte a construção da obra gigantesca, o embaixador da França em Lisboa escreveu imediatamente a Luis XIV: "se el-Rei for por diante com o projecto de construir tão desmarcada fabrica, nem todo o dinheiro que ha no Reino serlhe-á bastante..."

O Visconde de Santarém enumera os pormenores da construção fabulosa:

"Os sinos foram fundidos em Paris e transportados para Lisboa num navio fretado exclusivamente para esse fim". "Os carrilhões fizeram-se em Amsterdam e Anvers e custaram 50.000 moedas de ouro". "Partiram para Mafra 1.500 cavallos a trabalharem nos carros". "Trazia el-Rei nas obras 10 a 12 mil operarios a quem se deviam os jornaes havia cinco mezes". "Em Maio, o que já se devia aos trabalhadores, por ajuste de contas, eram 3 milhões 455 mil cruzados". "As obras custaram a el-Rei mais de 12 milhões de cruzados (!) por anno".

O autor da **História de Portugal**, calculando o custo da totalidade das obras, computando nela o preço vertiginoso das alfaias e dos paramentos, estima os gastos de Mafra em quase duzentos milhões de cruzados. Uma cifra astronômica!

E que foi, afinal, que resultou de tão desenfreiado gastar? "Mafra é uma montanha de pedra fria. Vasto abrigo mortuario, povoado de monges negros..." exclama Oliveira Martins. E com ele, Pinheiro Chagas: "Colossal, mas não grandioso, esse edificio, que foi concebido por um allemão, esse edificio, segundo a phrase de notavel escriptor contemporaneo, é uma verdadeira brutalidade de pedra. Não correspondendo a um grande sentimento, não exprimindo uma aspiração generosa, não sendo nem siquer, como Versailles, o symbolo do despotismo orgulhoso, a aspiração olympica dum Rei que chegou a convencer-se da sua propria divindade, Mafra tem a chateza mesquinha do beaterio, a vulgaridade exhuberante da opulencia desalumiada do gosto artistico"

O TERREMOTO DE LISBOA

"Na manhã de 1.º de Novembro a cidade estremeceu, profundàmente abalada, e começou a desabar. Eram nove horas, dia de todos os Santos" (1).

Cinco minutos de tremor sísmico e Lisboa tornou-se um montão de escombros. Morreram cerca de 15.000 pessoas. A catástrofe foi esmagadora. Portugal viu, com terror, a calamidade tremenda. É verdade que Portugal tinha Mafra. Tinha a Patriarcal. Tinha a capela de S. João Batista. Tinha, para o seu Rei, o título emproado de fidelíssimo. Mas não tinha dinheiro para remediar o desastre arrasante. Como reconstruir a cidade? Havia uma resposta só: com o ouro do Brasil. É certo que o ouro das minas deveria ainda pagar os desperdícios do reinado anterior. Pouco importa! Ainda sobejava algum. Com a sobra, e com mais impostos sobre a colônia, salvar-se-iam a cidade e o Reino. Lá veio o decreto: um imposto novo, especial, sobre o Brasil, de dez anos, a fim de se reconstruir Lisboa. É verdade que o imposto não durou dez anos: durou quarenta. Mas Lisboa foi refeita.

E Oliveira Martins comenta: "com as minas, que trouxeram á metropole aquela caudal de riquezas, D. João V poude dar largas á sua ostentação fradesca e o Marquez de Pombal reconstruir, não só Lisboa, mas

(1) Oliveira Martins, "O Brasil e as Colonias".

todo o reino". "O dinheiro do Brasil dava para todas as extravagancias sensatas e insensatas. Dera para D. João V satisfazer a sua loucura magestatica: dava agora para o Marquez de Pombal construir uma nação de estufa, com gente de fóra".

A COLÔNIA

Sim, era o Brasil, com o seu ouro, que custeava esses gastos. E que é que recebia? Bem pouca coisa. A colônia, coitadita, tinha apenas a missão de pagar. Por isso pagou sempre. Pagou tudo. Como recompensa, confessa-o a imparcialidade histórica de Chagas: "a metropole fazia tudo quanto podia, não para enriquecer e desenvolver a colonia, mas apenas para sugar sem proveito os recursos desse vasto territorio, tomando sempre a maior cautela em não a deixar crescer em opulencia e bem-estar".

Tem razão o historiador português. As ordens eram apenas as de sugar a colônia, sugar sempre cada vez mais, sugar o máximo que fosse possível.

A capitação, em Mato-Grosso, começou por duas oitavas e meia por cabeça. Subiu mais tarde, para o disparate de seis oitavas de ouro, o que era verdadeiramente enorme. Mas não foi só. Havia, além da capitação, muito mais. Eram os dízimos, eram as fintas, eram as entradas de mercadorias, era a passagem dos rios, era o dote das princesas, eram os casamentos do infantes...

"Quando (diz "a Nobiliarchia Paulistana") se estabeleceu a paz com a Hollanda em cinco milhões e o casamento da infanta de Portugal D. Catharina em dois milhões, pediu el-Rei D. Pedro aos vassallos do Brasil donativos para o pagamento desses sete milhões..."

Que é o que a colônia não pagava? E que tributos pesados! Esses tributos, na época da mineração, tomaram proporções tamanhas, tão desumanas, que, no Cuiabá, muita vez, ao chegar uma monção, o dono, **"para cobrir os direitos do Rei e os salarios dos oficiaes"**, chegava a ponto de, para se livrar de mais penas, entregar ao fisco toda a carregação que trazia nas canoas! "Os governadores, pondera com justeza Washington Luís, citando José Bonifácio: "os governadores punham em acção um tremendo systema tributario em que se pagava até o ar que se respirava e até a terra em que se pisava".

QUEM LUCRAVA?

Mas quem, na verdade, lucrava com esse vasto ouro? Com esse ouro brasileiro, extorquido com tanta ganância e molhado de tanta lágrima? O Brasil? Não. Portugal? Fato incrível: também não. Portugal não lucrou coisa alguma com aquela caudalosa riqueza. "O inglez sentava-se com o Rei á mesa e aplaudia o desperdicio :porque todo o ouro do Brasil passava apenas por Portugal, indo fundear em Inglaterra, em pagamento da farinha e dos generos alimenticios com que elle nos alimentava e vestia. A industria

nacional constava de operas e devoções. Por isso nem todo o ouro do Brasil bastou: a divida nacional cresceu (!) e Lisbôa, para não morrer de sêde, teve de pagar com um imposto especial a construção do seu acqueducto" (1).

"Nem todo o ouro do Brasil bastou! A divida nacional cresceu!" Mal acredita a gente no que lê. Será possível? Talvez, numa crise de mau-humor, tomado subitamente de parcialidade, deixasse o notabilíssimo escritor tombar da pena a frase azeda. Mas não. Vede Coelho da Rocha: "No reinado seguinte ao de D. João V, para occorrer ás necessidades do Estado e atrazo dos pagamentos, abriu o governo um emprestimo de dez milhões de cruzados a juro de cinco por cento". Ao que pondera o Pinheiro Chagas: "Parece incrivel que, tendo D. João V nas minas do Brasil um banqueiro tão commodo, fosse durante o seu governo que o Estado contrahisse mais emprestimos". "De forma que o reinado, em que as torrentes de ouro do Brasil verdadeiramente inundaram Portugal, foi aquelle em que o Paiz ficou mais empenhado e em que se deixou mais vasio o thesouro".

Que triste destino teve o ouro do Brasil! Ouro fatídico! Não serviu de nada, absolutamente nada, para a colônia que o produziu com sangue. Mas também não serviu de nada, absolutamente nada, para o país afortunado que o recebeu aos jorros.

Apenas — pálido consolo! — como relíquias evocadoras daquelas grandezas magníficas, "hoje (escreve

(1) "O Brasil e as Colonias".

saudosamente A. Pimentel), quando os coches de D. João V se estadeiam em alguma das grandes solemnidades officiaes, como que se desdobram aos nossos olhos todo o esplendor dessa côrte que o ouro e os diamantes do Brasil egualaram às riquezas phantasticas do Oriente..."

E é só.

Convenhamos que é muito pouco.

O FIM DE PASCOAL MOREIRA

Está claro que D. João V, entre as alfaias refulgentes de Mafra ou entre os voluptuosos cochins da cela de Madre Paula, não se lembrava, um instante sequer, do que prometera ao paulista. Não se lembrava que aquelas fofezas, aquelas megalomanias régias, aqueles gastos de louco, eram pagos com o ouro do Brasil. Com o ouro de Pascoal Moreira. Não se lembrava — ah, jamais! — que esse Pascoal Moreira lá estava, lá no fundo do sertão, à míngua, "pobre, destituido de cabedaes, com mulher, um filho e duas filhas". Daquelas mãos reais, abertas tantas vezes, com tão rasgados gestos teatrais, para prodigalidades que esmagassem êmulos e deslumbrassem o mundo, daquelas mãos, por onde passaram milhões e milhões incontáveis, não foi ao mísero de Cuiabá uma só ajuda. Uma só.

Pascoal Moreira, na terra do ouro, na terra daquele ouro que ele descobrira e com que atulhara as arcas do Soberano, findou roto, e desamparado, e miserável. Morreu como o último dos mineiros. Não teve funeraes. Nem lamentações públicas. Nem missas pomposas. Nada! Teve apenas, da pena tosca do velho cronista, este necrológio chão e humilde:

"Todos em commum sentiram a morte de Paschoal Moreira. Era elle natural da cidade de São Paulo, das melhores e principaes familias. Claro, sem letras; pouco pollido, mas de agudo entendimento; sincero, sem maldade. Era de extrema caridade com os proximos.

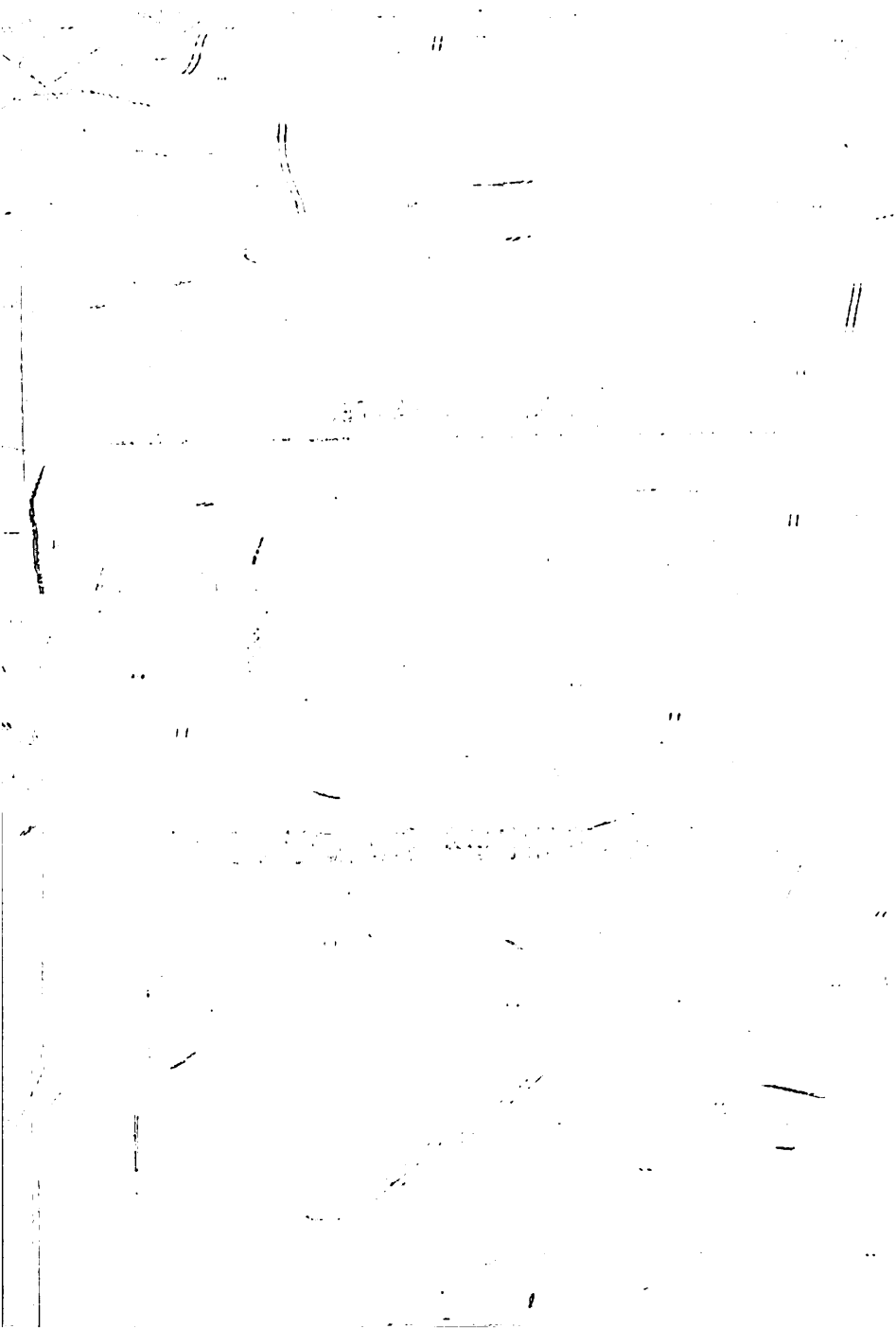
A todos servia e arremediava com o que tinha e no que podia. Foi valoroso e constante nos trabalhos. Falleceu com perto de sessenta annos.

Foi sepultado nesta villa de Cuyabá".

Dorme em paz o teu sono infindável, Pascoal Moreira Cabral Leme! O Rei ingrato não soube recompensar os teus serviços, os ouros que tu lhe deste, os vastos chãos com que dilataste a pátria. Embora! Nós, os teus irmãos, orgulhosos de ti, saberemos devidamente arrancar-te do olvido e — oh, meu rude e intrépido paulista! — perpetuar o teu feito na memória dos homens e eternizar o teu nome no bronze das praças: tu és um símbolo vivo da capacidade bandeirante da raça.

SEGUNDA PARTE:

LAVAGEIROS DE OURO



O CACHO DE BANANAS

— Um cacho de bananas?

Pedro II, o bragança que alijara o irmão do trono e se casara despejadamente com a cunhada, despachava naquela tarde com o Duque de Cadaval. Ao ouvir o ministro, que acabara de contar-lhe a pitoresca excentricidade de Manuel João Branco, o Rei abriu a cara bonacheirona numa gargalhada ruidosa.

— Um cacho de bananas?

— Sim, Majestade. Um cacho de bananas!

Tinha bem razão o soberano em rir daquele jeito. O Duque de Cadaval, ao fim do despacho, narra-lhe este caso extravagante:

— Está em Lisboa, ha já duas semanas, o velho Manuel João Branco. Veio ele do Brasil...

— Manuel João Branco? Parece que já ouvi falar...

— Vossa Majestade, certamente, já ouviu falar. Manuel João Branco é aquele que foi despachado para São Paulo como governador das minas de ouro. Vossa Majestade não se recorda?

— Ah, já sei... já sei...

— Pois veio ele do Brasil, com sessenta e quatro dias de ruim viagem, só para ter a honra de beijar a mão de el-Rei. E como bom vassalo que é, pensou o brasileiro em galantear a Vossa Majestade com um presente da sua terra. Por isso, com muitos cuidados, trouxe ele no galeão um cacho de bananas...

Trazer da América, ao Rei, um cacho de bananas! Onde já se viu idéia tão burlesca? Aquilo, por certo, era capricho de velho tonto.

Pedro II, encantado e divertido, pôs-se a galhofar do disparate. Achou-lhe imensa graça. E consentiu, apesar da extravagância, em receber o homem e o presente. Que fazer? Manuel Branco era de São Paulo. E gente de São Paulo, gente que ia pelos sertões à cata de ouro, carecia naquela hora ser amimada, lisonjeada, adoçada com deferências que envaidecessem.

Já lá se iam, longe, os tempos dourados das Índias. Não mais, emastreando o Tejo aquele antigo, borborinhante formigueiro de naus, com os esquifes suspensos nos costados, a despejarem nos armazéns de Lisboa os carregamentos formidáveis das colônias asiáticas. Não mais, enriquecendo o Rei e o Reino, a pimenta do Ceilão, o cravo das Molucas, a canfora de Bornéu, o nácar, as baetas, as sedas, os cavalos de Ormuz, as pérolas do Pegei, o benjoim de Sumatra. Não mais, praguejando, os mercantes judeus, com os sacos atulhados de moeda, suplicando ao administrador das alfândegas, aos brados, que recebesse sem demora o ouro dos seus impostos!

Tudo passara. A velha opulência do Reino desabara por terra, em cacos. Portugal, nas Índias, pendera a sua bela hegemonia colonizadora. E empobrecia. Era já desoladora a situação nacional. Em meio às aperturas, dentro do cipoal das dívidas, bruxoleava à Metrópole apenas uma esperança: o Brasil. E com razão! As minas da colônia, as tão sonhadas e tão

suspiradas minas, entremostravam-se já, risonhamente, com as suas areias e cascalhos amarelando de metal fino. Os veios fartos de Cataguazes e de Sabarabuçu, começavam, como por milagre, a enviar ao Reino, alvoroçando-o, as primeiras arrobas de ouro bruto. Portugal, esporeado na sua cobiça, tinha os olhos cravados na terra americana. E o Rei, com estudadas arteirices, não se cansava de mandar vistosas cartas, assinadas do seu próprio punho, aos vassalos de além-mar, insuflando-os e incentivando-os.

Os paulistas, com as cartas aduladoras dentro das bruacas e com ambições ásperas dentro do coração, embrenhavam-se pelos matos virgens como bandos selvagens de caitetus. Não havia barreiras para aqueles homens barbaçudos, vestidos de couro, a catana de ferro ao lado, o trabuco fincado no cintão de onça. Sertanejos épicos! Varavam águas, talavam morros, cavocavam chãos, rompiam matagais, arcabuzavam bugres, venciam paludes. O Rei, lá da corte, desmanchava-se para com eles em palavras doces. Honrava-os com cartas. Prometia-lhes hábitos de Cristo. Prometia-lhes tenças. E espicaçava-os, espicaçava-os... Ah, as minas de ouro! Ah, os paulistas!

Eis por que, ao saber que Manuel Branco, vindo de São Paulo, queria, com o seu cacho de bananas, beijar-lhe a mão, Pedro II não hesitou em ordenar, pressuroso e afável:

— Pois mande-lhe dizer, duque, que venha amanhã! Amanhã, depois da merenda, dou a mão a beijar ao brasileiro.

Nessa tarde, na sua hospedaria do Rocio, Manuel Branco recebeu, por dois escudeiros agaloados, a permissão altamente envaidecedora de ir, ao outro dia, depois da merenda, beijar a mão do Rei.

* * *

Manuel João Branco, casado com Maria Leme, sobrinha de Fernão Dias Paes Leme, o bandeirante das esmeraldas, era nos fins do século dezessete, governador das minas de São Paulo.

Meteu-se-lhe na cabeça, já branca, a idéia de ir a Portugal beijar a mão do Rei. "Entrou nos seus pensamentos o querer conhecer ao seu Rei e natural senhor..." diz o Taques. Não valeram conselhos, nem palavras de peso. O plano estava rudemente assentado no velho turrão. Nada o demoveu.

Ajuntou as suas peças de ouro, luziu as sapatorras de cordovão, agaloou escravos, entupiu canastras. Um dia, sem proa nem espavento, meteu-se singelamente num galeão e tocou rumo ao Tejo. Levava, para uso privado, o seu fumo de rolo, o isqueiro de pedra, dois saquinhos de pimenta, meio alqueire de passoca de porco. Conservou, na travessia, os mesmos rudes hábitos de provinciano. Timbrou, com acinte, em não mudar dum átimo o tom de vida que mantinha no Brasil. Era saborosamente pitoresco. Os companheiros riam-se dele. Chasqueavam-no sem dó. Mas o brasileiro, indiferente à mofa, desembarcou tranqüilo em Lisboa: trazia, com orgulho, para beijar a mão do Rei, um cacho de bananas.

Tratou logo de realizar o seu intento. Solicitou, por via do ministro, a audiência real tão ardentemente ambicionada. E esperou. Duas semanas após — enfim! — o dia da audiência chegou.

* * *

Três horas da tarde. A Rua Nova ferve. Grande alvoroço! Há gente aos bandos pela esquinas. Formidável assuada vai estrondeando pela rua abaixo. Os apupos são furiosos. Há gargalhadas e berros. Os garotos da Cotovia assobiam desabaladamente. O barulho é infernizante. O povo, ao fragor da assuada, acorre em chusma a ver o que é. E a assuada engrossa. E os berros redobram. E o estrépito da vaia reboa cada instante mais fragoroso. Que é? Um caso verdadeiramente pasmante. É que desce pela Rua Nova este inesperado séquito:

Quatro mulatos, fardados com fardas douradas, vão à frente, rompendo o povo, à moda de batedores. Dois escravos, a seguir, carregam larga bandeja de prata. Há, na bandeja, qualquer coisa que vem recoberta por vistosa, alvíssima toalha de rendas. Atrás, quatro outros escravos, quatro forçudos negrões de Angola, suspendem aos hombros, com perícia, custosa rede brasileira. Deitado na rede, tranqüilo, um velho. É Manuel João Branco. O brasileiro (conta-o chistosamente a crônica) "temendo os balanços da carruagem, levou de S. Paulo uma rede de fio de algodão e lã, de varias cores, como lá se tecem com perfeição; e nella andava embarcado na côrte de Lisboa. Em

lugar de mariolas, carregavam-lhe a rede mulatos calçados, seus escravos..."

Imperturbável, com a mesma serenidade com que atravessaria as ruazinhas da sua terreola, Manuel Branco, em Lisboa, corta aquele gritante borborinho do povo. Não se preocupa. Vai sossegado, indiferente. Embalde as vaias ensurdecem. Embalde os assobios silvam. Embalde a multidão se precipita, às gargalhadas, a ver o brasileiro bizarro. Manuel Branco não se aflige. Afronta o ridículo com esmagadora superioridade. E lá vai, risonho, nos ombros dos escravos. Lá vai, descuidosamente, aos cambaleios da rede, com os mulatos à frente, beijar a mão do Rei.

Negra massa acompanha o préstito. Segue tudo atrás do extravagante personagem. Para onde diabo se dirige aquele entrudo?

Os escravos alcançam o Terreiro do Paço. No Palácio da Ribeira, ao estrondo do povo, acodem cortesões às janelas. Voltam todos rindo, rindo a perder, mostrando lá em baixo a procissão espantosa:

— O brasileiro! O brasileiro!

Manuel Branco continua impassível. E em frente ao Paço os escravos estacam. Manuel Branco salta da rede. Entra pela morada do Rei adentro. Sobe desembaraçado as largas escadarias. Dois escravos, com a bandeja de prata, seguem o sertanista pelos salões afora.

* * *

D. Pedro II, no salão dos despachos, espera o brasileiro. A rainha, curiosa, também veio. A rainha,

que fora a escandalosa mulher de Afonso VI, irmão do Rei, é aquela D. Maria Francisca de Nemours e Aumale, princesa de França, que, da corte civilizadíssima de Luis XIV, trouxera para Lisboa, chocando-a, todos os requintes despudorados da época. Lá está, junto ao soberano, o Duque de Cadaval, cortesão que tem o melhor voto no governo. Lá está o Marquês de Marialva que é o amigo mais privado do Rei. Lá está Pedro Vieira da Silva que fora chamado para os conselhos de Estado. Lá está o bispo de Tessalônica. Lá está, pintalgando a sala, muita peruca de faceira. E muito quitó de ouro. E muito punho de renda. E muito bofe de Holanda.

Todo aquele mundo, palaciano e frívolo, viu, através das janelas, o brasileiro vir pelo terreiro do Paço, deitado na rede, com seus mulatos de libré, vaiado pela garotada da Cotovia. E todo o mundo ri. É uma festa!

Eis que o escudeiro levanta o reposteiro de veludo. Anuncia alto:

— Manuel João Branco, administrador das Minas de São Paulo!

O administrador aparece. É homem tosco, enrugado, os cabelos brancos, dois olhinhos vivos, que lampejam.

Manuel Branco, sem embaraço nem vexame, atravessa pausadamente o salão. Aproxima-se do Rei. Ajoelha-se. Beija-lhe as mãos. Depois, com embasbacante sem cerimônia, vira-se para os escravos, descobre a bandeja de prata, e, bem brasileiramente:

— Me desculpe, Majestade! No Brasil, prá presenteá o Rei, a gente não tem outra coisa senão isto...

E aponta o cacho de bananas.

A corte, com espanto, vê na bandeja de prata, faiscando, o mimo do caboclo: era um opulento cacho de bananas de ouro. Que soberbo cacho! Vastas pencas de ouro, grosso talo de ouro, tudo ouro...

A corte, ao dar com aquilo, cessa instantaneamente de rir: Manuel João Branco, não havia dúvida, era um paulista precioso... (1).

(1) Pedro Taques dá este caso como ocorrido com D. Afonso VI. É evidentemente equívoco. O caso passou-se com D. Pedro II.

O QUITUTE DE SIÁ BRÍGIDA

— Leocádia!

— Siá Brígida!

— O forno tá no ponto, cuisarruim?

— Tá...

— Tá? E tu não vem levá o biscoito, alma do diabo? Que inferno de negra! Tu leva a vida intêra prá fazê as coisa, peste!

Leocádia estava acostumada àqueles nomes. Siá Brígida era perpetuamente assim. Sempre azeda, sempre descontente, sempre roída por impertinências doentias que a tornavam dia e noite encolerizada. Que mulher xucra! Não podia abrir a bôca sem romper numa injúria. "Adonde vai, peste?" "Tá contente, excomungado?" "Viu, leproso?" E vinham-lhe à boca os impropérios mais chãos.

Leocádia, sem dar tento aos xingos, veio cantarolando, buscar as assadeiras de biscoito. E, cantarolando, saiu com elas para o forno. Era uma fresca mulata desempenada, vinte anos, bonitona, a carnadura rija e sã. Vivia ali, nas lavras, escrava de Siá Brígida, a fazer biscoitos e broas que levava a vender, a oitavas de ouro, para os negros que bateavam nas catas.

E Siá Brígida?

Eis aí a vivente mais perigosa das minas. Viera um dia, com o marido, o Tonho Bermudes, a aventurar-se no ouro. Nesse tempo, acorria gente do Brasil inteiro a tentar fortuna nas minas. A fama delas espalhara-se pelos quatro ângulos da colônia. E, fascinados por fama tão estridente, desembocavam ali forasteiros de toda a cor, gananciosamente, aos magotes, **"em comboios"**, das terreolas mais longínquas, dos rincões mais ásperos do país. "... divulgada a noticia pelos povoados, foi tal o movimento que causou nos animos, que das Geraes, do Rio de Janeiro, de toda a Capitania de São Paulo, se aballaram muitas e muitas gentes, deixando cazas, deixando fazendas, deixando molheres e filhos, botando-se para esses sertões como se fôra a Terra da Promissan".

Tonho Bermudes e Siá Brígida chegaram um dia, sabe Deus donde, numa grossa leva de caboclos. Armaram o rancho. Instalaram-se. No começo viviam só da quitanda. Ao depois, além da quitanda, mineravam como os outros.

Tonho Bermudes era um homem acanhado, de pouca fala, muito manso de gênio. Tinha o ar submisso e humilde. Contrastava com aqueles caboclos briguentos, de trabuco e lapeana, que entupiam valentonamente as casas-de-truque, as bodegas de beberagens. A mulher mandava nele como quem manda em negro. Ele lhe obedecia sem vacilar. Obedecia só, não: ele tinha medo dela como negro tem medo do dono. E com razão! Quem, nas lavras, não tinha medo de Siá Brígida, a quitandeira?

Criatura apavorante, aquela! Era um mulheirão grosseiro, entroncado, mais macho do que fêmea, peluda, de bigode no beiço e berruga no queixo. Não tinha amizades. Não procurava a ninguém. Nem ninguém se metia com ela. Aquilo, nas minas, era uma boca só:

— Siá Brígida? Eta, muié braba!

* * *

Era realmente brava de meter medo. Uma onça! Mas trabalhadeira que nem homem. Não enjeitava serviço. Mal clareava o dia, já ela, de pé:

— Leocádia, bote fogo no forno!

A mulata botava fogo no forno. Siá Brígida amassava depressa a quitanda, pingava nas assadeiras, levava tudo a assar.

— Apronte o tabuleiro, Leocádia! Que é que tu tá fazendo, peste? Vá s'imbora prás lavra! E não me volte sem as sete oitavas, senão... olhe pr'ali, negra do inferno!

E apontava o rabo de tatu dependurado no rancho.

Leocádia tocava-se para as minas. Siá Brígida, fechando o rancho, partia atrás da crioula. Partia, mais o marido, a caminho dum pedaço de lavra que, havia mais de ano, tinham comprado a um preto forro de Anacleto Garcia, por cento e quarenta oitavas de ouro e dois alqueires de sal.

Chegavam.

Siá Brígida pulava para dentro da cata. Era uma cova de duas braças em quadra. A quitandeira, forçuda como um negro, metia com vontade o enxadão na terra pedrenta. O enxadão roncava sem dó, lanhando o chão, até dar no veeiro fusco do cascalho.

— Tonho, já deu no ouro. Que é que tu tá fazendo, home?

Tonho, com a alavanca de ferro, quebrava então a camada fusca. Estraçoava os torrões. Depois, o cascalho todo esbrugado, marido e mulher botavam-no dentro dos **carumbés**. E, com os carumbés à cabeça, carreiavam-no à-beira-dágua. Aí, com o almocrafe, Tonho enchia de cascalho a bateia. Entrava na água. E principiava a batear. O revoluteio da gamela de pau, cheia de água, fazia com que a terra se desprendesse, e o cisco, e a piçarra, e as imundícies. Mas o ouro, mais pesado do que a água, tombando ao fundo, pintava, no bojo tosco da bateia, em grânulos pequeninos, dum amarelo escuro, que faiscava...

Leocádia, a esse tempo, andava correndo as lavras com as quitandas à cabeça. Ia de cata em cata. Negros e índios, num formigueiro denso, baldeiavam, sem cessar, o cascalho dos **tabuleiros e das grupiaras**. Vinham, suarentos, despejar os carumbés nas **canoas e bolinetes**. Eram essas canoas e bolinetes os primitivos e engenhosos lavadouros hidráulicos, que os mineiros de posse, quando mineiravam em grande construíam toscamente à beira do rio.

Os reinóis. gente entendida em crioulas, vendo passar a Leocádia, tão pimpona e fresca, piscavam um olho frascário:

— Que petiscão de mulata!

Mas a rapariga não dava trela. Lá continuava, com as quitandas, de cata em cata. Sol a pino, finda a romagem, com as sete oitavas ganhas, voltava ela, cantarolando, findar o dia com os senhores. Agarrava então numa bateia. Entrava no rio. E com a saia arregaçada, a água até a coxa, a mulata bateiava a tarde inteira ao lado de Tonho Bermudes. Tonho, aquele molengo, aquele sarambé, sentindo-a tão perto, lançava, de quando em quando, furtivamente, um olhar de soslaio àquelas pernas, àqueles seios, àqueles braços roliços. E pensava, picado:

— Diabo de mulata...

Vá lá a gente fiar-se em molengos e sarambés!

* * *

Nas lavras, a vida dos Bermudes corria daquele jeito. De dia, trabalhar na cata; de noite, descansar no rancho. E era tudo. Nunca foram a um bate-pé. Nunca foram à igreja. Nada! Viviam para si, arredios, portas adentro do seu rancho. Os sertanejos mal os cumprimentavam.

Apenas, quando os três atravessavam as catas, vendo o Tonho caminhar, atrás da mulher, tão calado e submisso, chasqueavam dele com risinhos:

— Credo! O mundo tá virando no avesso...

— Também, coitado, aquilo não é marido, não é nada. É um bão-será que apanha da quitandêra...

— Será?

— Apanha, sim, senhor! Aquilo não é home...

Não passava disso. Pois não havia atrevido que ousasse intrometer-se na vida deles. Intrometer se, é muito: ninguém ousava sequer dirigir-lhes a palavra. Pudera! Siá Brígida metia medo. Aquela muiheraça, reforçada e bigoduda, de cenho cerrado, o ar bravio, era duma ferocidade que aterrava. A selvageria dela ultrapassava os limites humanos. Verdadeira degenerada. Quando os Bermudes chegaram às catas, a quitandeira deu logo amostra do seu caráter intratável. Houve um episódio que marcou nítido a bruteza dela.

Foi na sexta-feira santa. Era dia de folga nas minas. Leocádia entrou afobada no rancho:

— Siá Brígida!

— Que é, cuisarruim?

Leocádia abre os braços com pavor:

— O Tibúrcio tá faiscando na cata!

Siá Brígida dá um pulo. É uma cascavel pisada.

— O que? Tá faiscando na cata? Que amardiçoado!

O caso era de somenos, absolutamente comezinho, a que ninguém dava importância. Escravos e

bugres viviam de contínuo a faiscar, isto é, a esgravatar no cascalho que tombava dos carumbés, ou a remexer nos monturos das lavras, a fim de catar neles alguma farripa de ouro que acaso faiscasse entre os torrões. Toda a gente fazia vista gorda a isso. Toda a gente, menos Siá Brígida. A cata dela era diferente. Ai do faiscador que botasse o pé lá dentro!

Por isso, mal sabe do atrevimento do Tibúrcio, que era negro do Jango Maciel, agarra Siá Brígida da foice e sai a correr como louca. Alcança a cata. O negro, ao vê-la com a foice, leva de pronto a mão à faca. Mas não tem tempo de arrancá-la. Siá Brígida, com fulminante agilidade, desfecha, brutalmente, uma foiçada monstruosa: a cabeça do negro rola no chão. E a selvagem, sem mais delonga, erguendo-a pela carapinha, parte, com o mesmo ímpeto, à busca do Jango Maciel. Topa-o no rancho.

— Teu negro tava faiscando na minha cata, sô Jango! Exemplei êle com uma foiçada. E agora vim avisá vancê: não se engrace cumigo! Senão eu faço prá vancê o que fiz prô negro...

E arremessa, com fúria, a cabeça sangrenta aos pés do dono. Arremessa e parte, tremendo de ira...

— Muié loúca!

Louca, sim. Tão louca que o Jango Maciel, caboclo disposto, não se atreveu a se engraçar com ela. A morte do Tibúrcio ficou naquilo. E desde então, nas minas, ninguém mais se meteu com a vida dos Bermudes.

* * *

Ora, certo dia, na cozinha, ao amassar uma fornada de quitanda, Siá Brígida reparou que a mulata encorpara. E encorpara mais do que o natural. Que é aquilo? A Bermudes estranha o caso:

— Tu tá gorda, negra!

E desconfia. Pôs-se a mirar a crioula com insistência.

— Chegue aqui, Leocádia! Que é que tu tem, cuisarruim?

A mulata lança à Siá Brígida dois grandes olhos ansiados.

— Siá Brígida!

— Que é que tu tem, cuisarruim? Chegue aqui...

Leocádia não se mexe. Principia a tremer. Os lábios descoram-lhe. Eis que, com surpresa da quitandeira, a mulata, num desabafo, rompe inesperadamente em grossas lágrimas convulsas:

— Siá Brígida, não me mate!

Siá Brígida escancara os olhos:

— O quê? Pois é certo? Tu, assim, nesse estado, negra excomungada? Tu, em minha casa, com um filho na barriga? Ah, espere...

Siá Brígida, com um salto de gato bravo, agarra sanhudamente no machado. E vem, espumejando, sobre a desgraçada que embranquece.

Leocádia cai de joelhos:

— Não me mate, Siá Brígida! Por Nossa Senhora das Candeias...

E com um urro de desespero:

— Não me mate! O filho é de sô Tonho...

Siá Brígida, com o machado no ar, estaca subitamente o gesto. A frase paralizara-lhe o braço.

— O filho é de quem? O que é que tu disse aí, amardiçoada?

— O filho é de sô Tonho, siá Brígida! Não me mate...

E com firmeza:

— O filho é de sô Tonho!

Siá Brígida bambeia o braço, fulminada. Aquela revelação, assim de chofre, estuporante, prostra a fera como um tiro de trabuco à queima-roupa. Siá Brígida deixa tombar o machado ao chão. Chega-se rente da moça. E trêmula, os olhos fora das órbitas, como uma dementada:

— O filho é dele? Mas como? Quando é que êle fez o mal? Onde? Conte tudo...

Leocádia contou tudo. A velha ouviu-a como num pesadelo. O ciúme, o ódio, a cólera, fundidos, esfervilham braviamente na alma ferida da mulher xucra. Mas a indignação, aquela indignação uivante que a sacudia, já não era mais contra a mulata: era contra o marido. Sim, era contra o Tonho. Aquele sarambé! Aquele songamonga! Quem havia de dizer? E o olhar da onça lançava chispas.

Nesse dia, pela primeira vez, siá Brígida não foi à cata. Caiu doente. E no catre, durante todo o longo dia, passou a engendrar planos de vingança. Engendrou mil. Nenhum a satisfazia. Afinal, naquele rude cérebro doentio, dentro da bruteza daquele gênio, brotou, flor sinistra, uma idéia diabólica. Era idéia torva, requintadamente perversa, que só uma alucinada poderia conceber. A quitandeira fixou-se nela.

Nessa tarde, ao soarem as trindades no igrejó de taipa, Tonho Bermudes entrou no rancho.

— Bás tarde, siá Brígida!

— Bás tarde!

— Vancê a mode que tá doente?

— Coisica... Ameaço de tremedêra. Amanhã tô de pé.

No outro dia, com o sol nascente, principiou de novo a vida no casal. Principiou como dantes. Parecia, estranhamente, que nada havia acontecido sob aquele tempestuado telheiro de sapé.

* * *

Leocádia, dentro do rio, lavava ouro, quando subitamente, deixa cair na água a bateia de cascalho.

— Ui!

— Que é isso, negra?

— Não posso mais, siá Brígida! Tô morrendo de dor...

E largou-se, numa disparada, a caminho do rancho. Siá Brígida compreendeu logo o que era aquela dor. Saiu do rio às pressas.

— Fique bateiando, Tonho. Eu vô atendê à rapariga...

E partiu atrás da crioula.

O caboclo, vendo-as partir, tem um súbito estremeção. Acordara de golpe, naquela alma de matuto, vago sentimento estranho. Sentimento indefinível, gostoso, que o mineiro não podia compreender bem. Apenas, na sua rudeza, ele, o tristonho, pensou com vaidade e júbilo:

— Um filho!

* * *

Acabara o dia.

Tonho, com a bateia na mão, o almocrafe ao ombro, toca apressadamente para o rancho. Vai ansiado. Aquele caboclo sempre fora doce de gênio. Tinha o coração brando. E o coração dele, naquele dia, mais do que nunca, batia-lhe com alvoroço no peito.

— Um filho!

Tonho chega. Entra. Siá Brígida, na cozinha, com a pá na mão, vigia o forno aceso. Tonho estranha:

— Quitanda a esta hora?

Siá Brígida vem a ele. Tem os olhos vermelhos, duros, a fisionomia congesta. Há nela qualquer coisa

de anormal, de satânico, que lhe põe na figura uma expressão odienta.

— A Leocádia botô o filho no mundo...

Ele esboça, tenuemente, uns longes de sorriso. E com interesse:

— Macho eu fêmea?

— Siá Brígida fita-o com raiva:

— Ah, tu qué sabê?

Tonho cala-se. Sai, guarda a ferramenta, senta-se numa pedra do quintal. Mas levanta-se logo. Não tem parada. Vai buscar de novo o almocrafe e põe-se a afiá-lo na pedra do rebolo. Eis que Siá Brígida surge à porta:

— A ceia tá pronta!

Tonho entra no rancho. Abanca-se à mesa de peroba onde está o prato de estanho. Siá Brígida traz de dentro uma assadeira quente. A assadeira vem recoberta por alvo pano de algodão. A quitandeira bota-a na mesa. E, com o pontudo facão de cozinha na mão, diz secamente:

— Coma!

Tonho descobre a assadeira. Descobre, e...

Como tocado por um ferro em brasa, o caboclo ergue-se dum salto. Ergue-se aterrado, lívido, sacudido de pavor: ali, diante dele, na assadeira, está uma criança recém-nascida. É o filho da Leocádia! Está ali, reluzente de gordura, ainda chiante, o cadaverzinho do menino, as mãos cruzadas, os olhos abertos, magriço, assado ao forno como um leitão. Siá Brígida, numa

suprema explosão de cólera, ameaçadora e brutal, aponta, hediondamente, o quitute fúnebre:

— Tu há de agora comê o teu filho!

E imperiosa, e demoníaca, e terrível, com o facão de cozinha erguido no ar:

— Come, debochado!

UM BANDEIRANTE AFORTUNADO

Naquele dia, seriam três horas, a bandeira de Sebastião Pinheiro abalou. Abalou sem ruído. Nada de espaventos, nem de missas, nem de repiques de sinos, nem de estrondos de ronqueiras. Sebastião Pinheiro quis partir silencioso, discretamente, como se fosse para jornada trivial.

O paulista não ajuntara em torno do seu pendão, como os demais bandeirantes, aqueles grandes sertanistas de fama, potentados em arco, homens de proi na vila, que viviam a romper matos como varas de queixadas. Nada disso.

Sebastião Pinheiro, para a sua entrada, armara apenas os seus escravos. Municiara os seus índios. Equipara os mamelucos que trabalhavam nas suas terras. Apenas esses. Para que mais?

Só um rapaz, filho de gente poderosa, alistara-se na sua bandeira. Era rapaz desempenado, moço de nomeada estridente, que andava na terreola a esbanjar a mocidade e os teres na estúrdia dos vinte anos. Quem era? Toda a gente o sabia: Antônio de Almeida Lara. Era filho de D. Maria de Lara, a velha matrona paulista, que a província circundava de respeitos altos.

SEBASTIÃO PINHEIRO

Sebastião Pinheiro tinha, pelo sangue, a indomada ancestralidade dos desbravadores. Vinha ele, em linha reta, por sua mãe, D. Antônia Raposo, daquele formidável Raposo Tavares, que enchera os matos com a nomeada entrondeante do seu nome. Tinha sido este Antônio Raposo aquele célebre sertanista que permanecera, duma só feita, trinta anos seguidos no sertão. Fora o mais fascinante desvirginador de brenhas que já viram as Américas. Sebastião Pinheiro, além desse parentesco ilustre, era cunhado de Garcia Paes, o filho de Fernão Dias Paes Leme. Varara com ele sertões brutos. Mostrara, na tragédia paulista das entradas, que tinha alma e raça de sertanejo.

Naquele tempo, as minas de ouro das Gerais despejavam arrobas sem conta de folhetas e grãos. Estavam elas no pináculo da produção. Eram as Cataguazes. Eram as Catas Altas. Sabarabaçu. O Morro Velho.

Sebastião Pinheiro, aventureiro de estirpe, não se conformava só com os ouros do Brasil. As esmeraldas, as pedras verdes, essas viviam a bailar diante dos seus olhos tontos. O sonho de Tourinho, continuado èpicamente por Fernão Dias, renascia torturante no neto de Raposo Tavares. Não! O Brasil não era apenas a terra do ouro: o Brasil era também a terra das esmeraldas! Carecia descobri-las.

À CATA DE ESMERALDAS

Sebastião Pinheiro meteu-se na empresa visionária. O capitão-general, D. Baltasar da Silveira, mandara-lhe o alvará incentivador. Vinham nele, como sempre, promessas, envaidecedoras:

"... tendo em consideração o que me representou Sebastião Pinheiro, o qual tinha noticias de que havia esmeraldas no sertão, pela experiencia que fez no tempo em que andou com Garcia Paes, hei por bem encarregar ao dito Sebastião Pinheiro deste descobrimento. Tendo elle feito os preparos por sua via e á sua custa, lhe prometto, em nome de Sua Magestade, a mercê effectiva do habito de Christo para seu filho Antonio Raposo Tavares, com a tença que Sua Magestade for servido; e mais o fôro de cavalheiro fidalgo de sua caza..."

Naquele dia, pois, Sebastião Pinheiro partiu à cata das esmeraldas. Ia reviver, com desassombro, a jornada torturante de Fernão Dias Paes Leme. Ia ele, com a sua bandeira, ser o último bandeirante das pedras verdes.

O paulista saiu tarde. Resolvera dormir para lá de Pinheiros, na ranchada de Jango Bicudo.

E lá foi.

A peonada caminhava a pé. Os negros iam armados de facões-de-mato. Os índios carregavam arcos de plumas e aljavas de seta ervada. E os mamelucos, vestidos de couro, levavam grandes trabucos enfiados no cintão de anta.

Em meio àquela mescla de gentes rudes montado guapamente na sua mula gateada, ia, com a bandeira em punho, trêmula ao vento, o filho de D. Maria de Lara.

DONA MARIA DE LARA

D. Maria de Lara fora, em São Paulo, matrona relevantíssima. As velhas crônicas falam dela como "uma das matronas de maior respeito que já venerou a patria". A sua linhagem era clara. Linhagem de sangue velho e limpo. Essa nobreza atávica, unida à distinção fidalga do seu viver, punha, dentro da vilota rústica, relevos altos na sua casa. E a casa de D. Maria de Lara, como diz Pedro Taques, destacava-se como "uma de maior abundancia de cabedaes, de muito ouro, de muita prata, de muita escravatura".

Tinha fama, na província inteira, a grandeza dos seus hábitos. A grandeza de sua copa. A grandeza das suas hospedagens. A grandeza das suas festas.

Ah, as festas de D. Maria de Lara! A vila em peso corria, com quentes alvoroços, para o S. João nas terras da aristocrática matrona. Ela, nesses bulhentos dias, ataviava-se com magnificências e tafulices. Botava mantéu de seda negra. E gargantilha de bretanhas. E vasquinha de Londres florentina. E brincos castelhanos nas orelhas. E trancelim de ouro enrolado ao colo.

Com esse pesado fausto, ao lado do capitão-general, D. Maria de Lara assistia, debruçada do varandim, sobre o pátio, à moçada guapa disputar justas.

Do seu rico palanque, tomando a uma bandeja de prata mimos de ouro e pedras, distribuía-os galantemente aos cavaleiros vencedores nas "escaramuças e sertilhas, nas canas e nas encontroadas".

Esse largo tom de vida, "em que foi consumindo os cabedaes", juntado a desastrosa perda de teres, "lhe roubou a grandeza em que se viu tão opulenta".

D. Maria de Lara ficou pobre. Pobre e sem amigos. Mas na pobreza, como dadiva do céu, teve ela um consolo forte: o filho. Foi Antônio de Almeida Lara. Foi aquele estúrdio, o rapaz desmiolado, que enchia a cidadezinha com o estrondo das suas tonteiras.

ANTÔNIO DE ALMEIDA LARA

O moço paulista ganhara fama de esbanjado. Um cabeça-no-ar. A herança, que lhe viera do pai, desperdiçara-a amalucadamente em patuscadas folionas. Não soube nunca refrear as suas larguezas. Caprichava em possuir o cavalo mais belo da vila. Os arreios de prata mais lavrada. A toledana de aço mais fino. E que loução que era! Vestia tafularias do Reino, gibões de telas caras, calções adamascados de cores vivas. Um senhor dom fidalgo! Também não havia correria noturna, nem esbordoamento de mameluco, nem noitada com viola e modas, em que não estivesse metido o filho de D. Maria de Lara.

— Esta noite, no botequim do Vadô Proença, roncô porretada grossa!

— Porretada? Aposto que é proeza de Antônio de Lara...

Apesar disso, apesar desses desregramentos, era o rapaz vastamente querido. Toda a gente, na vila, estimava-o com estimas leais. Por quê? Difícil responder. Talvez por esta razão única: Antônio de Lara era pródigo.

A prodigalidade, apesar de vício, é um vício simpático. Tem o condão de despertar largas benquerenças. E aquele moço paulista, não há dúvida, tinha a paixão de dar. As suas mãos estavam sempre abertas. Abertas aos camaradas. Aos aproveitadores. Aos foliões. A toda a gente! Era um coração de ouro.

As moças louqueavam por ele. O rapaz, com as suas aventuras, acendia no sentimentalismo das raparigas amores novelescos. A prima Leonor, a bela prima Leonor, definhava-se em paixão desatinada pelo boêmio piratiningano.

A moça era filha de Timóteo Corrêa de Goes, o velho e seco provedor da Fazenda Real. Ah, o capricho da sorte! A filha de Timóteo Corrêa apaixonada por Antônio de Lara, o boêmio e louco! Quem haveria de imaginar tal? Toda a gente sorria maliciosamente do caso. E sorria por quê? Por causa de Timóteo Corrêa. O provedor era famoso.

TIMÓTEO CORRÊA

Não havia, na província; ninguém tão austero como Timóteo Corrêa. Ninguém tão puro. A severidade de seus costumes andava de boca em boca. Não se tratava apenas da severidade com que ele, o prove-

dor carrancudo, cuidava dos dinheiros públicos. Não! Essa, toda a gente o sabia, era perfeita e intangível. Mas a sua vida privada! Nunca se viu, em homem válido, existência tão casta. Era Timóteo um homem imaculado. Basta dizer-se que, naqueles tempos de costumes fáceis, naquele sertão de gente bronca e corrupta, Timóteo Corrêa, com pasmo e edificação dos povos, defendeu briosamente a sua mocidade contra todas as malignas tentações da carne. Conservou-se virginal até ao casamento. Fato esse tão de notar-se que o linhagista, com justiça e em boa hora, o perpetuou com destaque na sua crônica: "Mereceu Thimoteo Corrêa conseguir um geral conceito de que casara conservando ainda a virtude da continencia, que d'antes a não estragara para poder chegar ao thalamo sacramental com pureza e limpeza de costumes".

Parece que os velhos piratininganos — tão diferentes dos de hoje! — rendiam completa justiça ao heroísmo de Timóteo Corrêa. Pois, morrendo-lhe a mulher, choveram pais a oferecerem filhas, e filhas com dote (vede como a virtude é sempre premiada!) a esse homem único. Pedro Taques, sempre sentencioso, assim pondera: "Ficou viuvo quando ainda o vigor dos annos o podia conduzir a acceitar um dos tantos casamentos que se lhe propuzeram. Porem a sua grande capacidade fez obviar todos os interesses de avultados dotes para não acceitar o jugo de segundas nupcias, que sempre foi errado lance aos que, como Thimoteo Corrêa, tinha tantos filhos para educar...".

Pois foi a filha deste homem tão puro que se apaixonou por Antonio Lara, o doidivanas.

O "NÃO"

Antônio de Lara falou em casamento. O pai da moça, como bem se imagina, fechou a carranca. Tornou muito gravemente ao ventoinha:

— Crie juízo! Proceda bem e honradamente. Mostre primeiro que é homem. Depois, pense em casamento. Agora, com a vida que leva, não! Não e não!

A recusa doeu-lhe. Doeu-lhe fundo. Viera-lhe aquele "não" no momento mais áspero da sua vida: no momento em que, para pagar dívidas, D. Maria de Lara fora forçada a vender seus bens. Forçada a entregar a sua copa de prata. A desfazer-se de suas jóias e ouros. A passar todos os seus escravos. A pobreza batera em cheio à porta de D. Maria de Lara: a matrona perdera tudo.

O moço estúrdio, no entanto, não baqueou com a desgraça. Ao contrário! Brotaram nele ambições fortes. Cresceu nele, impetuosamente, vivo desejo de mostrar que era um homem:

— Mãe, não chore! O mato do Brasil é grande. Há muita riqueza dentro dele. Eu já me decidi: vou, com Sebastião Pinheiro, à busca das esmeraldas. A mãe, se Deus quiser, há de ter tudo de novo.

E Antônio de Almeida Lara, o que tinha no sangue o sangue de Fernão Dias Paes Leme, Caçador das Esmeraldas, mete-se na bandeira de Sebastião Pinheiro à busca das sonhadas pedras verdes.

DENTRO DO MATO

A bandeira enfia-se pelo sertão. Começa, dentro do Brasil selvagem, o peregrinar daqueles visionários brutos. É um romper matos sem tréguas. É vadear rios. E galgar morros. E cortar atoleiros. E vencer perambeiras. E caminhar, caminhar...

Meses a fio, errática e audaciosa, a bandeira embrenha-se pela terra adentro. Vara as Gerais de ponta a ponta. As Gerais não a seduzem. Que importam as minas do Tijuco? Que importa a fama daquela opulência e daquela grandeza? Sebastião Pinheiro não vai atrás de ouro. Vai atrás das esmeraldas. Ah, as esmeraldas! Ah, o sonho de Fernão Dias!

A bandeira, por entre fadigas duríssimas, corta, silenciosa e audaz, aqueles ermos rústicos. Já não a amedronta, por esse tempo, a bugrada sôlta. Não havia mais bugre por ali. O sertão fora talado palmo a palmo. Os índios, que o povoavam, tinham fugido para outras paragens menos trafegadas. Agora, dentro daqueles sertões, bandos de salteadores é que botavam medo no coração. Andavam eles pela mataria, atrevidos e sanguinários, aos magotes. Eram companhias de facínoras. E de negros fugidos. E de condenados das justiças. E de matadores. Tudo isso, assaltando e depredando, corria o sertão com desbragamentos impunes. Mas Sebastião Pinheiro, sem medo a essas hordas, continua intrépido a sua rota. Chega à Bahia. Acampa nas margens do rio das Contas.

Eis que, certa noite, surge no pouso inesperada personagem. Vem desalinhado, grandes botas de porco, a barba hirsuta gibão de couro. Traz a catana de um lado, o facão de mato de outro, e, no cinto de anta, o trabuco de aperrear. Sebastião Pinheiro, ao vê-lo, indaga logo:

— Quem é você?

— Sô o Mata-Bugre!

— Você?

O Mata-Bugre é célebre no sertão. Ao sentir o espanto do bandeirante, o facínora sorri levemente. Sorri com agrado.

— Sô eu, sinhô! Eu vi o sinhô que vinha vindo pelo mato. E pensei: vô vê se arranjo uma meia canastra de pólvora, que a minha acabô; deixei o companhêro ali na chapada, rente do capão de angico, e vim. O sinhô qué me ajudá no meu aperto?

Sebastião Pinheiro franze o cenho, descontente. Fornecer pólvora a facínoras? Reflete um instante. E torna áspero:

— Não é possível! A pólvora, que eu tenho ai, é pouca. Mar chega pr'ô meu gasto. Não posso cedê nem uma isca...

Os olhos de Mata-Bugre fuzilam. Não diz palavra. Ergue-se.

— Que fazê? O sinhô é o dono...

Aperta na mão peluda a mão do bandeirante intratável. E parte com grandes azedumes espumando no coração.

OURO

Vai a bandeira, teimosa e lenta, varando o sertão baiano. Sobe, terra adentro, marginando as águas acachoadas do Contas. São os chãos, por ali, escuros e pedrentos. Terras de aluvião. O prático, homem que andara por terras de ouro, crava olhos perscrutadores nos caminhos. Examina-os com minúcias desusadas. Faz moer os granitos suspeitos. Esbruga, a todo instante, torrões soltos de cascalho. Peneira areias. Não escapa detalhe à sua curiosidade.

Certo dia, num eito de chão aterroado, ao sopé de monte alto, o prático não contém as suas desconfianças:

— Vamos acampá aqui, sô Sebastião! Esta terra, pra mim, é terra de ouro.

Acampam. O prático manda abrir uma cata. Os peões principiam a cavar. Dão logo no veio do cascalho. O prático, com o almocrafe, bota-se a encher a bateia com aquele cascalho. Mergulha a bateia nas águas do Contas. Põe-se a volteá-la. Enquanto volteia, pulam fora as pedras, o cisco, a terra, as sujeiras. E eis que, lá no fundo da bateia tosca, brilham, de súbito, pequeninos grãos amarelos. O prático grita logo:

— Ouro!

Correm todos. Não há dúvida: lá estão, faiscando no bojo do pau, os grãos amados.

— Ouro! Ouro!

Incentivam-se logo, festivamente, os trabalhos da cata. Sim, é ouro! Sebastião Pinheiro não realizara o seu

sonho. O Brasil, decididamente, não era a terra das pedras verdes. Quis o destino que o paulista, por mero acaso, viesse topar ali, em vez de esmeraldas, ouro em profusão. Poucas vezes, na crônica das bandeiras, houve sertanista que descobrisse tanto metal. "Assim Sebastião Pinheiro encontrou, por acaso, no Rio das Contas, tanta cópia de ouro em pó, e tanta copia de ouro bruto em folhetas, que se avaliou a grandeza em muitos e muitos quintaes de arrobas".

Sebastião Pinheiro cata aquela vasta riqueza. Atulha com ela as suas canastras. Envereda-se, poderoso e milionário, pelo sertão baiano adentro. Ruma, com as suas mulas cargueiras, a caminho de S. Salvador.

Lá, depois que meter o seu ouro num galeão, o sertanista embarcará de novo para São Paulo.

E parte.

NAS LAVRAS DE CUIABÁ

É noite. Chove. Dentro, no seu casarão à luz mortiça do candeeiro de azeite, D. Maria de Lara afunda-se magoadamente em cismas e saudades. Qual teria sido a sorte da bandeira? E as esmeraldas? E o seu Antônio? Aonde estaria ele, àquelas horas, em noite assim de temporal desatado?

Súbito, lá fora, brusco pateado de cavalo. Quem será?

O coração da matrona salta descompassado. A velha põe-se a escutar com ânsia. Quem será?

O cavalo estaca à porta. A velha estremece violentamente. Quem será?

Passos rápidos ecoam no corredor. D. Maria ergue-se assustada. Diante dela, à luz do candeeiro, surge imprevistamente um vulto. Está vestido de couro. É barbaçudo. Grosso trabuco reluz no cintão de pêlo. O vulto carrega aos ombros, com esforço, dois alforjes de pano breado.

A velha, mais com o coração do que com os olhos, reconhece logo o hirsuto personagem. E rompe, num brado:

— Meu filho!

É, de fato, Antônio de Lara. O moço paulista entra precipitadamente. Depõe os alforges no chão. E, com júbilo, abrindo os braços, aperta freneticamente a velha ao peito:

— Mãe!

Não há cor que pinte, com relevo, a desbordante alegria dessa chegada.

D. Maria de Lara, trêmula, abraça o filho uma vez, duas vezes, dez vezes, como se quisesse fincá-lo dentro do coração!

O moço borbulhante, ébrio de gosto, aponta os alforjes que trouxera. E exclama num desafogo, vitoriosamente:

— Ouro, mãe, ouro!

A velha bota olhos ávidos no filho. E com enlêvo:

— Ouro?

— Sim, mãe, ouro!

O rapaz escancara com sofreguidão os alforjes breados. Então, ali, na noite de chuva, sob o clarão bruxoleante do candeeiro, faiscam, ante o olhar deslumbrado da matrona, as folhetas amarelas que os entupiam.

— Ouro, mãe, ouro!

Antônio de Lara mergulha gostosamente as mãos nos sacos. Enche-as com punhados de ouro. Vastos punhados de ouro! Ergue-os ao alto, sacode-os, entorna-os de novo, com volúpia, sonoramente, dentro dos belos alforjes abarrotados.

— Esse ouro é seu, mãe!

— ?

— Sim, mãe, esse ouro é seu! Eu catei dez arrobas no rio das Contas. Não pude carregar tudo comigo. Mas trouxe para a mãe, que carecia dele com pressa, duas arrobas na garupa do meu cavalo. As oito

que faltam, Sebastião Pinheiro há de trazer no galeão, quando vier da Bahia... (1)

E o moço bandeirante, a alma em festa, põe-se a bradar, num escachôo:

— Estamos ricos, mãe! Estamos ricos!

O coração da velha pula. Fortíssima emoção tonteia-a. Ela treme toda. Estranho nó aperta-lhe a garganta. E dos seus olhos, repentinamente, brota, sincero e aliviador um jorro incontido de lágrimas. Atira-se, com desespero, ao pescoço do seu Antônio: mãe e filho, unidos pela mesma sufocante emoção, fundem-se ali no mais comovedor de todos os abraços.

AS MINAS NOVAS

D. Maria de Lara, nessa mesma noite, desenrola ao filho os acontecimentos da vila. São tudo notícias de ouro. Reboa por toda a parte a fama enlouquecedora das minas de Cataguazes e de Sabará. Só o quinto das Gerais rendera, nesse ano, para o Rei, mais de trinta arrobas!

— E não é só filho! Ainda há mais. Saiba que Pascoal Moreira deu com uma grossa pinta de ouro...

— Pascoal Moreira? Adonde, mãe? Nas Gerais?

— Não, não foi nas Gerais. É por esse sertão bruto. Na beira de um rio. Dizem que o rio se chama Cuiabá. Ah! filho, o ouro que Pascoal Moreira

(1) Pedro Taques.

tem mandado! O padre Queirós já trouxe por aí arrobas dele. É um mar de riqueza.

Durante a vasta noite, ardentes, com a fantasia esporeada, a velha e o moço esbraseiam-se em sonhos de grandeza.

Ah, as novas minas de Pascoal Moreira!

O NEGRO FUGIDO

Antônio de Lara queda-se a esperar, com alvoroço a nau da Bahia portadora das suas arrobas. Sebastião Pinheiro, àquelas horas, deveria por certo estar cortando o mar grosso, rumo de São Vicente.

Certo dia, com surpresa do rapaz, aparece na vila um negro. O negro vem em trapos. Vem todo ossos. Tem o aspecto espavorido de quem correra os sertões, dia e noite, num atropelo.

O negro, mal chega, procura ansiadamente a Antônio de Lara.

— Mecê se alembra de mim, sinhô?

Antônio de Lara fita-o.

— Não, não me lembro. Quem é você?

— Sô escravo de Sebastião Pinheiro. Eu tive na entrada com mecê. Agora vim fugido pelo mato...

— Fugido?

— Fugido, siô moço; acuado que nem bicho. Ah, mecê não sabe a desgraça que aconteceu pra bandêra! Que matança! Mecê escuite...

O escravo reconstrói ainda com pavor, os sucessos tremendíssimos da jornada. O caso fôra brutal. Tivera um desfêcho arrazador.

Sebastião Pinheiro, com as suas arrobas botara-se pelo sertão adentro. Entrara a bandeira a caminho da Bahia. Jornadeara um dia. Um só. Logo no primeiro pouso, noite morta, os sertanejos despertam-se aterrorizados: bruta saraivada de tiros zarguncha estrepitosa pelo acampamento. De todo lado, como bando de onças, surgem homens de catadura horrenda, a faca em punho, uivantes. Que é aquilo? Um ataque. Ataque de bandidos e roubadores. Mata-Bugre, com a sua gente, despenhara-se, sanguinário, sobre a bandeira. O assalto é terrível. Carnificina espantosa! Uns, muito poucos, fogem pelo sertão. Outros, quase todos, morrem trucidados a pontaços. Sebastião Pinheiro, no meio da luta, cai varado por uma facada no vazio.

Antônio de Lara ouve, pasmado. E atônito:

— E o ouro? O meu ouro?

Roubaram tudo, sinhô! Não ficô uma bruaca...

O moço sente a enormidade do desastre. Tudo perdido! A fortuna, que ele afagara risonhamente, a fortuna, que ele tivera entre as mãos, escoara-se como por magia. Que fazer agora?

Antônio de Lara, não há duvida, tem a fibra bandeirante. É um belo paulista de raça: a catástrofe não o esmorece. Ao contrário! Soergue-lhe o ânimo. Ali mesmo, num fogoso arroubo, o aventureiro exclama sem vacilar:

— Não faz mal! Isso é da vida! Vou-me embora pra Cuiabá. Vou catar ouro nas minas de Pascoal Moreira. Tóca prô sertão!

"Soube a infausta noticia da mortandade que fizeram os aggressores, levando todo o grosso cabedal.

Mas, como estavam descobertas as minas de Cuyabá, não desanimou: lá se foi para ellas Antonio de Almeida Lara"...

EM CUIABÁ

Nas lavras de Mato-Grosso, tanto nas de Cuiabá, como nas do Sutil, há um nome que rola de boca em boca. É o nome dum paulista afortunado. Dum que aportara ali com as mãos vazias. Dum que se instalara no lugar denominado Chapada. Dum que aí abrira muitas catas, recolhera imensas arrobas de ouro fino, e vive agora, na bruteza daqueles ermos, com opulências de embasbacar. Um fidalgo! Gasta às mãos cheias. Tem sempre a casa povoada de forasteiros. E os forasteiros, toda a gente o apregoa, são lá regalados com grandezas desmedidas.

A mesa dele tornara-se famosa. Abundavam nela as viandas mais raras. Caças finas. Pitéus. Tudo profusamente regado por vinhos de qualidade. Por aqueles vinhos do Reino, cheirosos e capitosos, de que se pagava o frasco, nesse sertão de bugres, à soma carrancuda de dez oitavas.

Quem é, naquelas solidões, esse esbanjado lavageiro de ouro? Quem é o venturoso possuidor dessas abundantíssimas catas que assim, largamente, suprem a tão inconsideradas prodigalidades? Não é difícil responder: Antônio de Almeida Lara.

Da sua vida e das suas faladas magnificências, a crônica deixou traços pitorescos. Descreve ela, com o seu desatavio e ingenuidade, o grande tom de vida

que Antônio de Almeida Lara mantinha naqueles sítios bárbaros:

"Na villa de Cuyabá, o paulista foi sempre igual à sua distincta qualidade. Assim, nesses tempos em que, para vir a Cùyabá, um cavallo se conduzia embarcado em canôa até ás minas, e porisso se reputava por preços exorbitantes, Antonio de Almeida os possuia muitos e bons. Foi sempre prodigo. Tinha a sua casa cheia de hospedes, parentes, amigos e extranhos; e nisso consumia grandissimas sommas de ouro, pois, no Cuyabá os viveres sempre custaram preços excessivos".

DE NOVO, POBRE!

Mas as catas morrem, como dizia a linguagem colorida dos mineiros. Antônio de Almeida Lara, durante anos, arrancara imensidade de ouro das suas lavras. Poucos mineiros tiveram a boa sorte de arrancar tanto, tão bom, de tão fino quilate.

O paulista, no entanto, era demasiado perdulário. Perdulário visceral. Gastou o seu ouro todo, de olhos vendados, aturdido por tamanha riqueza. Não se coibiu jamais. Dava dinheiro a toda a gente. Emprestava a toda a gente. Pagava cinco o que custava um. Atirava as suas moedas pela janela afora, rasgadamente, como um doido. Fez tais e tantas que, afinal, em vez de enriquecer, o paulista se endividou. E quando, surpreso, viu as catas morrerem, o bandeirante achou-se pobre e encalacrado. "Com as muitas despesas, fez

com que na decadencia das ditas minas viesse elle a reduzir-se a grandes empenhos".

De novo, pobre! Pobre, sim, e endividado.

Mas é Antônio de Lara, na verdade, um tipo extraordinário. Bandeirante de ânimo radioso. A segunda pobreza não o entenebrece. Nem esfria, por um instante sequer, a coragem sonhadora daquele visionário. Secara a mina de Chapada? Não importa! Toca à busca de novas minas! Novo ouro! Toca prô sertão!

Certo dia, Antônio de Lara reúne em casa os seus credores. Conta-lhes os apertos em que estava. Pinta-lhes claro o fracasso dos seus teres. E remata:

— Vou-me embora, amigos! O sertão é grande. Há muita mina dentro dele. Eu vou atrás de outra lavra e de outro ouro. E hei de trazer o vosso dinheiro. Dai-me prazo — eis o que vos peço. Dai-me prazo que vos pagarei tudo de novo.

Caso interessante: os credores não se azedaram com o paulista. Ninguém se amofinou. Antônio de Lara, na sua opulência, fora tão liberal e, ao mesmo tempo, tão reto, que os credores, ao se despedirem dele, não mostravam durezas nem atitudes ásperas.

— Vá com Deus, Antônio de Lara! Vá com Deus!

E Antônio de Lara parte à cata de novas minas.

O TROPICÃO DO CAVALO

Lá vai o aventureiro. Vai com Deus e com a sua coragem. Não leva placa alguma no bolso. Seguem-

no, apenas, três velhos escravos de confiança. Com eles, sem mais ajuda a não ser a sua maluca afoiteza, mete-se o paulista pelo sertão adentro.

Caminha pelo estradão que leva ao **mato grosso.** Mas não chega a caminhar um dia inteiro. A estrela da fortuna, decididamente, alumia os passos daquele cabeça-no-ar.

Acontece-lhe, no caminho, um caso imprevisto. Caso de pasmar a gente. Caso, na verdade, tão extraordinário que não me atrevo a contá-lo por mim: há de parecer invenção. Conte-o o velho Pedro Taques com a sua palavra saborosa:

"Montado num formoso cavallo, muito valente, indo de jornada para o novo descobrimento, eis que de repente tropeçou o seu cavallo. Tropeçou e lá se foi abaixo. Extranhou a novidade Antonio de Lara por ter experiencia das forças daquelle animal; e, sacando-se da sella, examinando em terra a causa da violenta queda, achou, com muito assombro, um escondido thesouro de ouro bruto. É que o cavallo, havendo posto o casco de uma das mãos em cima de aguda folheta, que estava na superficie da terra, tropeçara. Assim, com o afortunado tropicão encontrou Antonio de Almeida Lara, naquelle lugar, uma grandeza de folhetas não pequena. De sorte que ali chegaram os escravos que vinham na marcha, e dentro da tarde daquelle dia, extrahiram algumas arrobas de ouro. Desse Batatal (assim se ficou chamando por serem as suas folhetas semelhantes à batata) veiu em breve tempo a extrahir-se acima de onze arrobas todo de folhetas".

DE NOVO, RICO

De novo, rico!

Antônio de Lara volta às pressas para Cuiabá. Leva as canastras atopetadas de riqueza. Instala-se de novo na Chapada. Aí, com rasgadas prodigalidades, recomeça a sua estúrdia vida de bom fidalgo. E grandes faustos de novo! E estadão! E cavalos! E vinhos! E banquetes! E casa cheia de hóspedes! Foi de novo um gastar desmedido.

Narra o historiador que, mal entrou Antônio de Lara na sua Chapada, despachou escravos por todo o povoado e todas as estradas. Aí, honrado como era, "mandou affixar cartazes em que avisava a todos, a quem fosse devedor, para que viéssem ou mandassem receber as quantias de que eram credores. Assim se fez. E admiraram os povos o animo desse paulista".

BRIGADEIRO

Enriqueceu deveras o povoador. Enriqueceu para o resto da sua vida. E durante o resto da sua vida, que foi longa, duraram as grandezas de sua casa. "Viveu na Chapada com o maior respeito. Continuou gastando cabedaes grandes..."

Tornou-se o lavageiro de ouro, daí em diante, um dos homens principais de Cuiabá. Homem verdadeiramente eminente. Foi ele que lá introduziu o cultivo da primeira cana. Foi ele que lá ergueu, com

moentes e correntes, o primeiro engenho de açúcar. O nome dele aflora, insistente, em todas as crônicas. Não há papel velho que se não refira a Antônio de Lara. Assim:

"Pretenderam, neste anno, fazer guerra ao Paiaguá; elegeram para cabo da empresa a Antonio de Almeida Lara".

Ou:

"Preparou-se uma leva para castigar o gentio, sem que houvesse gasto algum para a Fazenda Real. Para isso despendeu liberalmente da sua fazenda Antonio de Almeida Lara".

Ou ainda:

"O cabo da armada, que era um nobre paulista por nome Antonio de Almeida Lara, mandou soltar os caciques e tratou-os com muito agrado e liberalidade".

E mais:

"Seguiu viagem o General para S. Paulo, deixando o governo militar a Antonio de Almeida Lara".

E enfim:

"Por não haver ainda chegado o novo Ouvidor, tomou juramento do juiz o presidente Antonio de Almeida Lara, o qual neste anno, entrou a ser Regente-mór da villa e goarda-mór das terras mineiras".

Sim. Antônio de Almeida Lara foi almotacel, foi juiz, foi guarda-mor, foi Regente-mor de Cuiabá. O Rei, por tantos serviços, agraciou-o com a patente de Brigadeiro. Era um título grande; e, para a época, altamente envaidecedor.

A NAMORADA

E a namorada? E a prima Leonor?

Lá remata o cronista:

"Antonio de Lara não poude casar-se. E isto porque, estando justo para casar com a sua prima Leonor, filha de Thimoteo Corrêa de Goes, se desvaneceu tal intento pela demora que teve no Cuyabá".

A VELUDA

Toda a gente anda cansada de gritar, pelo livro e pelas gazetas, que somos um povo sem amor à tradição. A grita é justa. No capítulo dos costumes, notadamente, tem sido integral a nossa desnacionalização. Os usos primevos dos nossos maiores, desses que nasceram com a nação, se esboroaram definitivamente com o volver dos anos.

E é pena. Muito velho costume, velho e pitoresco, abandonamos sem justificativa que abone. Querem ver? Aponto aqui, como exemplo, aquele respeitável hábito das mais autênticas mulheres brasileiras, as tapuias, que, segundo o grave testemunho do padre João Daniel, "ainda que os maridos lhe dêm má vida ou as môam de pancadaria, nunca se queixam as mulheres, nem fogem. Antes, algumas vezes que se lhes perguntam porque se deixam tratar assim, respondem simplesmente que seus maridos lhes dão e as maltratam **por lhes quererem muito bem...**" Não quero, está claro, pretender que nós, por um conservantismo feroz, cheguemos a ponto de manter um uso como esse, que embora eu, pessoalmente, o repute de grande alcance, muito útil e louvável, seria talvez, no conceito avançado de algum espírito moderno, tido como evidentemente retardatário.

Eu não digo, vá lá, que um marido amoroso, a fim de bem evidenciar o seu afeto, viva a moer a mu-

lher de pancadaria. Não. Há outros usos muito mais proveitosos, e inconfundivelmente raciais, que deveríamos caprichar em conservar. Um, sobretudo, um hábito saboroso de nossas avós, todo feito de poesia e sacrifício, eu não me conformo de terem as brasileiras lançado ao olvido. Devíamos pugnar por vivificá-lo. Sim, devíamos, neste momento de nacionalismos vermelhos, pugnar por desentulhar do esquecimento, praticando-a à luz do sol, aquela doce usança pátria, de que nos dá conta, deliciosamente, na sua "Viagem á Terra do Brasil", o fidedigno Gabriel Soares, quando refere que as tupinambás, nossas ancestrais, criaturas brandas de coração, não suportavam jamais ver os maridos tristes e enfadados. Doía-lhes imenso a melancolia dos esposos. Doía-lhes tanto, que, "para os contentarem, buscam-lhes indias moças com que elles se desenfadem, as quaes lhes levam ás redes onde dormem, pedem muito que se queiram deitar com os maridos, e as peitam para isso. É cousa que não faz nenhuma nação de gentes, senão estes barbaros".

Por que haveremos nós de deixar perecer uso assim tão característico? É ele, como se vê, um dos mais típicos de que se pode gabar um povo. É único. "É cousa que não faz nenhuma nação de gentes". Nós, que importamos, com macaquices assinaladas, tudo o que cheira a além-mar, nós temos em casa, prata nossa e legítima, essa sedutora usança racial, bem brasileira, que os outros não têm. É dever nosso, portanto, dever cívico, não deixá-la morrer.

Às vezes, como consolo, esse velho uso — notai o que é a hereditariedade ! — ainda aflora, inconscien-

temente, em algumas almas bem formadas. É raro, mas acontece.

Vede o caso da Veluda.

Não vem nos livros essa graciosa história, é certo. Mas é história verdadeira, ouvida na infância, ouvida repetidas vezes, com nomes e detalhes que lhe davam realce e autenticidade. Hoje, volvidos tantos anos, vai, em letra de forma, contar o homem o que ouviu o menino (1).

* * *

As minas de Cuiabá morriam. O ouro fácil, que os lavageiros catavam à flor da terra, desaparecera. Só à custa de excavações profundas, com penosos tratos de água, conseguiam agora os mineiros arrancar do seio pedrento da terra o metal cobiçado. As catas dos ribeirões, os veios e os tabuleiros, isto é, as que ficavam nos veios da correnteza ou nos tabuleiros das margens, essas secaram de vez. O ouro, quando havia, era apenas nas grupiaras, que se encravavam nas encostas ásperas dos morros. Mas as grandes perfurações para topá-lo, a canalização da água até essas longes e íngremes encostas, eram obras tão difíceis e tão rudes, que as despesas com a lavagem não mais compensava a colheita dos grãos. Além de tais despesas, que eram tre-

(1) O avô do autor, Francisco de Oliveira Leite Setúbal, natural de Pôrto-Feliz, antigo Araritaguaba (o qual fizera em monção, nos últimos anos de mineração, várias viagens a Cuiabá), relatava amiudadas vêzes o caso.

mendo sorvedouro, havia ainda o fisco. Ah, o fisco! Polvo fantástico, insaciável, Portugal constringia os mineiros, desalmadamente, com mil tentáculos de ferro, numa rede feroz de tributos insuportáveis. "Por mais engravecer os males de Cuyabá, D. Rodrigo Cezar, a pretexto de bem servir o seu Rei, armou um aparelho fiscal de ventosas, de tal maneira sugadoras, que, antes de findar um anno, a villa começou a definhar-se, derreada por tantos soffrimentos"(1).

Principou a decadência das minas. Um rancho, no Cuiabá, que, a princípio, custava a soma respeitável de 500 oitavas, passou a valer a bagatela de 50. Uma roça de mantimentos que se pagava 4.000 oitavas, passou a ser vendida por 100. A ruína das minas foi completa. Tornou-se preciso abandonar Cuiabá. Urgia buscar paragens mais rendosas.

Os irmãos Paes de Barros, Artur e Fernando, dois intrépidos sorocabanos, encabeçaram o movimento. Meteram-se eles, à frente de audaciosa entrada, pelo sertão adentro.

Lá foram.

De novo, na terra inóspita, o mesmo rol de sacrifícios pasmantes. As mesmas canseiras, o mesmo áspero romper matos, as mesmas fomes, as mesmas lutas com bugres, as mesmas febres malignas, a mesma tragédia cruciante do sertão. Nessa arrancada, como consigna a crônica, "toparam elles logo que baixaram a planicie, com mattas virgens, de arvo-

(1) V. Corrêa Filho, "Monographias Cuyabanas", vol. II.

redo muito elevado e corpulento, que, entrando a penetral-o, o foram apelidando de **matto-grosso**; e este nome de "Matto-Grosso" é o nome que ainda hoje conserva todo aquele districto".

Os paulistas, "vencendo leguas e leguas daquella espessura", deram nas margens do Guaporé. Descobriram ouro aí. As minas de Vila-Bela principiaram, com abundância e estrondo, a jorrar o metal sonhado. "Partiu no mesmo anno monção desta villa para São Paulo com oito canoas, 140 pessoas e 80 arrobas de ouro, já vindo todo das minas de Matto-Grosso".

Novamente, ferretoados por cobiças insaciáveis, levas e levas de aventureiros, num **rush** febrento, rumaram a caminho das lavras novas. "No mesmo mez, despejou o povo da villa de Cuyabá para Matto-Grosso, em setenta e tantas canoas, rio abaixo, em que, foram melhor de mil e quinhentas pessoas". Com esse tremendo êxodo, em que, assim, numa só monção, seguiu para as longínquas e tentadoras minas tão densa caudal de mineiros, "se despovoou o Cuyabá, ficando sitios, cazas, lavras, tudo deserto. Restaram na villa apenas sete brancos, entre seculares e clerigos, e alguns carijós; de gente preta, só algum pagem que servia a seu senhor".

Mato-Grosso! Vila Bela! Eis, por volta de 1734, o esbraseante eldorado que tentava todas as ambições. Paulistas para lá afluíram às chusmas. E baianos. E reinóis. E castelhanos. E gentes de toda a parte. Ia tudo, numa alucinação, atrás do ouro dos Paes de Barros.

* * *

Em meio a essas hordas de aventureiros, tocado pelo mesmo frenesi de riqueza, também partiu certo paulista de Araritaguaba (1), homem de qualidade meã, sem parentela nem escravatura, que vivia de vender fazendas secas às monções que abicavam no porto.

Chamava-se Diogo Chassim.

Era casado com Sinh'Ana do Belarmino, a mulher de gênio mais doce da Araritaguaba. Ele era também, verdade se diga, o marido mais brando da terra. Nunca dera um desgosto à mulher. A mulher, por sua vez, nunca dera um desgosto ao marido. Viviam ambos, dizia o povo, como os anjos do céu. Certo dia, com espanto, Sinh'Ana ouviu do marido a resolução de partir para o Mato-Grosso. Botou a mão na cabeça.

— Vancê tem corage de í, sô Diogo?

— É perciso, Sinh'Ana. Aqui, no Araritaguaba, a gente mal-e-mal faz prá comê. E sê lavagêro-de-ouro, no sertão, se a sorte ajudá, sempre sobeja alguma coisica prá guardá...

Diogo Chassim enraizou-se fortemente na idéia. Sem mais delongas, aprestando-se, partiu com a monção das águas.

Partiu e, passados dois anos, voltou. Voltou daquele remoto, implacável Mato-Grosso, onde "os que lá estavam, viviam a curtir maleitas malignas e sezões". A grande maioria dos companheiros de Diogo Chassim

(1) Hoje Porto-Feliz.

lá ficou, devorada pelo sertão, à sombra de uma cruz anônima. "Todos os dias iam a enterrar dez, ou doze, e às vêzes mais..." geme a crônica.

No entanto uma estrela amiga, estrela radiosa e propícia, alumiou a vida do aventureiro nas lavras. Por isso, não tornou ele apenas são e salvo: tornou com uma canastra encourada cheia de barras de ouro.

Sô Diogo instalou-se de novo no Araritaguaba. Instalou-se com a sua canastra de ouro, e, o que é mais, com uma cabocla carnuda, bonitona, de grandes olhos pretos, roliça de seios, que viera com o paulista na monção. Sinh'Ana soube logo da novidade. E desconsolada:

— O povo tá dizendo, não sei se é certo que vancê botô casa prá uma aí. Vancê troxe moça do sertão, sô Diogo?

Sô Diogo era homem verdadeiro. Era homem limpo de coração. Não mentia jamais.

— Truxe, Sinh'Ana. No sertão, prá riba de ano, home tem percisão de muié. E eu me acomodei c'uma cuiabana. Lavei muito ouro co'ela. E agora, que o ouro tá aí, eu não tenho corage de mandá s'imbora essa uma que me ajudô a ganhá...

Sinh'Ana ouviu a revelação tremenda. Pôs no marido dois olhos turvos. Estava sucumbida.

— Mas vancê não se amofine, Sinh'Ana! Eu já disse claro prá cabocla: no Araritaguaba eu sô home de Sinh'Ana. Vancê, cabocla, qué í morá no povoado? Pode í! Eu dô tudo prá vancê: morada prá morá, vestido prá vesti, comida prá comê. Mas no Araritaguaba não conte comigo: eu sô home de Sinh'Ana! E

só de Sinh'Ana. Ela aceitô o trato e veio. Tá aí. Não há de fartá nada prá ela, que foi companhêra do sertão. Mas também, fique sussegada, eu não vô enganá vancê, Sinh'Ana: nunca mais hei de botá o pé na casa da cabocla.

E assim foi.

* * *

A vida dos Chassim reatou o fio partido. Estavam eles ricos. Agora, mais do que dantes, a existência tornou-se-lhes serena e sem tropeços. Não se sabia, no Araritaguaba, de esposa melhor do que Sinh'Ana. Não se sabia, também, de marido melhor do que sô Diogo. Eram venturosos. Sombra alguma, por mais leve, manchava o azul daquela felicidade. Tudo mar de rosas.

A cuiabana, por sua vez, arranchara-se no povoado. Arranchara-se na casa mais bonita da terra. E aturdia o Araritaguaba com as suas larguezas e tafulices.

Quando ela aparecia nas festas era um sonho! Vinha sempre cintilando, recamada de cadeias de ouro, brincos castelhanos nas orelhas, toda enlaçada de ramais vivos de coral. E que ricos eram os seus **vestidos-de-igreja**! Toda a gente falava, com enlevo das suas famosas **vasquinhas** de chamalote, dos seus gibões de cetim flamengo, dos seus custosos saiós de damasquilho da Índia.

Sô Diogo não regateava o preço daqueles luxos. Para a companheira do sertão, para aquela que o ajudara a ganhar, o paulista abria a bolsa rasgado e lar-

go. Não havia capricho da cuiabana que ele não satisfizesse de pronto. Bastava um recado dela:

— Sô Diogo, a cabocla tá percisando de dinheiro.

— De quanto é que ela percisa?

— Aí uns cem cruzados...

Sô Diogo abria a canastra encourada, contava cem cruzados, mandava sem discutir. O lavageiro de ouro punha vaidade naquilo. Tinha gosto em ver a cabocla naquela pompa. Mas o gosto dele era unicamente o de vê-la, e, — o que é mais bizarro — o de vê-la apenas de longe: nunca mais, como prometera, sô Diogo botara o pé na casa da cuiabana.

O povo abria a boca, pasmado:

— Eta, caboclo caprichoso! Dá tudo e não recebe nada...

E assim era.

* * *

Ora, naquele tempo, correu a voz de que um bando de paulistas, desses que haviam enriquecido nas lavras, planeava ir de passeio a Portugal. Em Portugal, contudo, pretendiam os viageiros — supremo encanto da jornada — visitar a el-Rei. Para conseguí-lo com êxito, deliberaram levar ao soberano, como lembrança do Brasil, um baú cheio de barras de ouro. Sô Diogo ouviu no Araritaguaba aquelas falas. E resolveu ir com os paulistas correr mundo. Botou num saquinho bordado as barras que pôde, disse adeus à Sinh'Ana e partiu rumo de São Paulo incorporar-se à comitiva.

A travessia do oceano correu risonhamente. Não houve águas bravas, nem ventos contra. Ao fim de dois meses, a nau, que era garbosa e de três mastros, ancorou sem incidentes no Tejo. Os viajantes desembarcaram alegremente em Lisboa.

Era nos princípios do reinado de D. José I. O Marquês de Pombal entrara já a dirigir com onipotência as coisas públicas. Os paulistas, com o seu baú de ouro, mandaram solicitar uma audiência ao Rei. As barras amarelas, de dez marcos, entraram vencedoramente pelo Paço adentro. O Rei recebeu-os. E houve muitas e acolhedoras palavras do bragança. E houve muitos e embasbacados deslumbramentos dos tabaréus.

No dia seguinte à audiência, pelo secretário de confiança, aquele orgulhoso Sebastião José de Carvalho mandou aos paulistas um recado galante e envaidecedor:

— Sua Majestade recebeu com agrado as barras de ouro que Vosmecês trouxeram do Brasil. El-Rei, na sua real grandeza, deu ordens ao senhor Ministro para que ouvisse, e concedesse logo, as mercês que Vosmecês vieram pleitear no Reino: Vosmecês, portanto, podem pedir.

Os caboclos entreolharam-se. Não esperavam jamais aquilo. Que fazer? Ajuntaram-se todos num canto. Puseram-se a confabular. Diogo Chassim, que era de claro entendimento, dirigiu as confabulações. Ao fim delas, em nome dos viageiros, sô Diogo deu a resposta ao secretário. E a resposta chegou aos ouvidos do Marquês de Pombal assim:

— Os paulistas mandam dizer a El-Rei que eles vieram ao Reino para dar e não para pedir.

E voltaram do Reino sem pedir.

* * *

Dessa viagem, que ficou famosa, trouxe sô Diogo muitas prendas e lembranças. Não se esqueceu, está visto, de mimosear a cuiabana com um presente grandioso. Esse presente marcou época: foi um vestido. Sim, um vestido de veludo carmesim, com passamanes de seda pinhoela, manguilhos de muda, todo refulgente de bordaduras. Quando, na missa do domingo, apareceu a cabocla dentro daquela maravilha, foi, no povoado inteiro, vasto deslumbramento! Vestido de veludo! Nunca se vira estofo igual. Era a primeira vez que alguém, no Araritaguaba, usava tão soberba tela. Toda a gente pasmou. Tanto, tão fortemente, que, desde então, para bem marcar o seu pasmo, o povo começou a chamar a cuiabana, pitorescamente, de: A VELUDA.

— A Veluda!

* * *

Passaram-se anos. A vida no Araritaguaba corria imutavelmente igual. Sô Diogo e Sinh'Ana naquela mesma rósea harmonia que encantava. A Veluda, pimpona e tentadora, sempre afogada em sedas e garridices.

Mas eis que um dia morre aquela paz: Sô Diogo cai de cama. E cai de cama com doença grave. Que é? Que não é? Ninguém sabia. Não era frialdade, nem cãimbra de sangue. Mas o velho começou a definhar. Não dormia. Não comia. Sobretudo não comia: era um fastio de morte. E depois, que tristeza! Ficava dias a fio sem dizer palavra, a mão no queixo, numa postura de nostalgia profundíssima. Sinh'Ana notou aquele sucumbimento:

— Vancê tá triste, sô Diogo!

— Tô!

Calava-se. E, novamente, a mão no queixo, o velho tombava naquela dorida melancolia que espedaçava a mulher. E tornava a ficar assim, daquele jeito, sem dizer palavra, dias e dias a fio. Sinh'Ana não se conformava com tão pungente mágoa. Chegava-se ao marido carinhosamente:

— Vancê tá triste, sô Diogo?

— Tô!

E emudecia. Ninguém mais arrancava uma silaba do velho. Com aquela tristura, tão longa e tão confrangedora, sô Diogo deu de piorar. Emagreceu terrivelmente. Ia morrer. Diante disso, Sinh'Ana veio a ele com aflição e solicitude:

— Que é que vancê tem, sô Diogo? Vancê anda triste demais! E isso bole com o coração da gente. Será que vancê tem alguma vontade? Algum desejo?

O velho encarou na mulher dois olhos que lampejaram de súbito.

— Será que vancê tem algum desejo, sô Diogo?

— Vancê acertô, Sinh'Ana: eu tenho um desejo Um só. É desejo que me acompanha dia e noite. Mas eu não tenho corage de falá a vancê.

— Credo! Então vancê, doente dêsse jeito, tem aí uma vontade e não me conta? Pelas sete chagas, sô Diogo, diga o que é!

O velho continuou calado por uns momentos. Depois, ante a atitude interrogativa da mulher, tornou com brandura:

— Não tenho corage de dizê, Sinh'Ana. Vancê fica avexada comigo. E eu não quero que vancê, que já tá padecendo tanto co'a minha doença, ainda tenhà de ficá avexada comigo!

— Avexada? Nossa! Avexada eu ficava se vancê — que Deus o livre! — morresse e eu não tivesse feito tudo o que é vontade de vancê. Diga, sô Diogo! Diga prá meu sussêgo...

O doente sorriu um pouco.

— Não digo, Sinh'Ana. Não tenho corage! O meu desejo, eu sei, é desgosto prá vancê. Desgosto e ciúme. E eu não quero morrê com esse peso...

Sinh'Ana era fina. Entendeu logo, no vago daquelas palavras, o sentido certo que elas continham. Calou-se. "Eu sei o que ele quer..." pensou. E pôs-se a refletir.

De novo, na cama, o marido, com a mão no queixo, tombara na sua funda mágoa. Aquela melancolia machucava-a. Doía-lhe no coração como um espinho. Sinh'Ana, como as antigas tupinambás, não pôde suportar o enfado e a tristura do marido. Correu para dentro da casa:

— Ludovina!

A escrava apareceu.

— Vá correndo à casa da Veluda...

— Da Veluda?

— Deixe de pasmaceira, criatura! Vá à casa da Veluda e conte que sô Diogo tá mar. Diga prá ela assim: Sinh'Ana manda pedi prá vancê dá um pulo até à casa dela, e, se pudé, í consolá um poco sô Diogo que tá muito triste.

A mulata partiu, estarrecida. E Sinh'Ana, com uma abnegação magnífica, que tocava ao heroísmo — heroísmo obscuro, é certo, mas tão grande como ganhar a batalha de Lepanto — Sinh'Ana correu ao marido, enfeitou-o, vestiu-lhe a camisa bordada, botou arranjos frescos na casa, borrifou o quarto de água de cheiro.

E eis que Ludovina aparece.

— A Veluda tá aí...

— Faça ela entrá no quarto de sô Diogo, Ludovina. Eu vô até à casa da comadre Emerenciana.

A Veluda entra. Vem cheirosa, vestido novo, escarpins, muita fitaria e requefife, toda num rebrilho de ouro e pedras. Sô Diogo, ao vê-la, abre-se, comovidamente, num sorriso beato e luminoso.

— Tô contente! Agora posso morrê, Veluda...

A porta do quarto cerra-se. A chave range na fechadura. E...

Sinh'Ana, a esse tempo, entrava em casa da comadre Emerenciana.

* * *

Dias depois, sô Diogo morreu. As velhas do povoado acorreram todas a consolar a viúva. E a comadre Emerenciana:

— Foi porque Deus quis, Sinh'Ana! Não fartô nada prá êle. Recebeu tudo o que foi socorro. Recebeu tudo o que foi mezinha. Morreu confessado e comungado. Teve tudo!

Sinh'Ana, com os olhos em lágrimas concordava:

— Tudo, graças a Deus!

E a pobre da viúva, como supremo consolo, feliz, a consciência sossegada:

— Até a Veluda!

SANGUE RUIM

Quando, na bodega do Moxica, a desconhecida surgiu à porta da entrada, o Bento Zuniga bradou com alvoroço para os parceiros:

— Muié nóva na terra, moçada!

Os caboclos botaram olhos perscrutadores na recém-chegada. Quem era? A mulher, indiferente à curiosidade, circunvagou demorado olhar pela casa de tavolagem. Tinha o ar de quem não se espanta com baiúcas e tavernas. Enveredou-se, a passo lento, muito senhora, pelo Moxica a dentro. E ao passar junto à mesa do Zuniga:

— Adonde vai, dona?

Ela entreparou e sorriu:

— Bebê um trago, siô...

— Pois beba aqui na roda que a cana não custa nada!

A mulher abancou-se em torno à mesa. Bento Zuniga gritou logo por um martelo de cana. Veio a bebida.

— À saúde, dona!

— À saúde, moçada!

Tocaram os copos alegremente.

— Se mal lhe pregunto: como é sua graça!

— Paraguaia.

— Só?

— É assim que o povo me chama. E não tenho tido percisão de mais nome.

— Nem é perciso mesmo. Prá muié bunita quarqué nome serve.

Ela riu. Ele riu. Beberam mais um trago juntos.

Vancê tá chegando de fresco na terra?

— Tô! Desembarquei onte no Cuiabá. Vim com a canoada do Juca Proença. Mas assim que desembarquei vi que não me dava naquela terra. Eta, parage feia! Arresolvi então continuá viage prá diante. Cheguei hoje aqui na Chapada. Do Cuiabá na Chapada é um eito, moço!

Zuniga emborcou novo trago. Os parceiros também emborcaram o seu. Mas a mulher, não.

— Não bebe mais, dona?

— Prá mim chega.

Afastou o martelo. E com interesse:

— A lavra tá dando muito ouro, moço?

— Barbaridade! A lavra da Chapada e tudo o que é lavra do redor. Vancê vai vê o poder de riqueza que há neste sertão! Só a mina do Jacey, contô hoje o Belarmino Bugrero...

Bento Zuniga principiou, ante a avidez da mulher, a desfiar esbraseadamente a grandeza de cada lavra. A do Jacey, que ficava a dez léguas de Cuiabá, rendera naquele ano mais de sessenta arrobas. E a de Cocais? Essa, três léguas mais para diante, dera grão de ouro que não foi gracejo. Dera mais que a da Conceição, na beira do Coxipó, que tinha muita mancha de ouro grosso e muita areia de ouro em pó. E a de Santo Antônio? E a do Sutil? Da do Sutil nem era bom falar. Eta, pinta boa...

A mulher ouvia. Ia se enfronhando na vida e nas coisas daquele sertão. E enquanto ouvia, com discreção e jeito, passeava olhos analisadores pela bodega. Havia mesas de jogo por toda a parte. Em torno às mesas, toda uma ruidosa e mesclada chusma de caboclos. Eram lavageiros de ouro, contrabandistas de barras, ouvires, castelhanos do Paraguai, negros forros, criminosos, aventureiros. E que cataduras! Todos barbaçudos, vestidos de gibão de anta, com longas facas de ponta e grossos trabucos de aperrear.

A Paraguaia examinava com desgosto aquela gente. Era gente xucra e bruta como nunca vira. E os olhos dela, por isso mesmo, vagueavam desinteressados de rosto em rosto.

De repente, estacaram. Fixaram-se num rapaz fundamente moreno, a barba fina, que jogava primeira num canto da bodega. A mulher interpelou o Zuniga:

— Quem é aquele um?

— O do meio? O que tá co'as carta na mão? Ah, é o Aleixo Esteves!

— Parece que conheço...

— Conhece? Pois é moço e tanto. Não há fazenda igual àquilo. E depois — que violêro! No Cuiabá não tem outro como ele na viola...

— Ah!

E a Paraguaia põe-se a escutar de novo a conversa. Rodam na mesa, esbraseadamente, relatos de minas e de mineiros. A recém-chegada não fala. Ouve só. Mas os seus olhos, agora irrequietos, buscam sôfregos a mesa do canto. E sempre, com insistência fixam-se no rapaz moreno que joga primeira.

— Parece que conheço...

* * *

Na mesa da primeira a parada é de sensação. Aleixo Esteves compra duas cartas. E grita com alvoroço:

— 55! Até que enfim quebrei o azá, moçada! 55 em ouro!

Arremessa à mesa, triunfalmente, as três grandes manilhas de ouro. Mas o Nacleto Bicudo, com a sua barbicha rala, encara zombeteiramente no rapaz. E sem pressa:

— Não se afobe, moço! Vancê ainda não ganhô. Eu vô a fêcho.

— Vai a fêcho?

— Eu já tô a treis e um ferro! Qué fazê negócio?

— Não! O 55 tá na mesa é prá morrê. Mate se pudé!

Nacleto pega nas cartas. E fila. Fila lentamente, longamente, compridamente... E eis que o velho solta um uivo:

— 70!

— Fechô?

— Fechei em espada!

E bate na mesa, com violência, as quatro maiores cartas pretas: tres manilhas e o cinco. Nacleto recolhe a parada. Aleixo ergue-se.

— Tô de azá! Chega de jogo por hoje...

E parte, numa tonteira, em direitura à porta. Atravessa a bodega cheia. Vai sair. Nisto, alguém toca-lhe de repente o ombro.

— Tão chamando vancê naquela mesa.

Aleixo Esteves olha. E vê, na mesa da Paraguaia, o Bento Zuniga a fazer-lhe largos gestos convidativos. E com os gestos:

— Um trago, Aleixo!

O rapaz vacila. Um trago ainda? Não! Era tarde já. Melhor ir-se embora para o rancho dormir. Mas a mulher, ao vê-lo indeciso, faz-lhe um muxoxo risonho. E aquele muxoxo, gracioso e picante, quer dizer: "não se vá embora! Venha um pouco, moço!"

Aleixo não resiste. Atravessa de novo a bodega e abanca-se festivamente à mesa dos castelhanos. Dos castelhanos, sim, como os mineiros a chamavam por causa dos nomes: ali estava o Bento Zuniga, o Alonso Contreras, o Gaspar Bueno, o Chico Piza, o Antônio Ponce de Leon. Todos legítimos paulistas, paulistas de grande raça, que descendiam daqueles castelhanos de qualidade que vieram das missões do Paraguai instalar-se em Piratininga.

A mesa acolheu Aleixo Esteves com alarido.

— Adonde vai tão cedo, caboclo?

— Vô prô rancho. Tô hoje muito caipora.

— Perdeu?

— A noite inteira. Que azar do diabo!

— Eu sabia que tu tava perdendo...

— ?

— É que esta dona aqui (Zuniga, com um gesto, aponta a Paraguaia) não arredava a vista da banda de vancê. Muié quando agarra assim co'a gente dá sempre caipora no jogo.

Riem todos. O Moxica traz um martelo de cana. Aleixo vira-o dum trago.

— Quem é essa dona aí, Zuniga?

— Ah, tu qué sabê? Pois é a Paraguaia. Veio do povoado na monção do Juca Proença. Desembarcô no Cuiabá. Mas não gostô da terra e apareceu hoje aqui na lavra. Que estrago vai fazê essa diaba na Chapada!

A Paraguaia ouve. E sorri um sorrisozinho fugaz. Curiosa mulher aquela! Falava pouquíssimo. Bebia quase nada. Não tinha brutalidades nem despejos de gente sertaneja.

Aleixo Esteves contemplou-a de perto. Era uma criatura trigueira, com dois grandes olhos pretos, dentes sãos, cabelos bastos e crespos. Já não estava mais na verdura dos anos. Era mulher feita. Ia certamente para riba dos trinta. Mas que carnadura ainda moça! Havia nela uma frescura que surpreendia. E aquele seu recato de atitudes, aquela sua doçura de modos, contrastando com a bruteza das outras caboclas, davam à forasteira um esquisito pico de graça. Aleixo pensou:

— Não há dúvida! Esta diaba vai fazê estrago na lavra...

Na mesa, as canas rodam sem parar. Os castelhanos bebem e palram. O álcool destravara-lhes as línguas. E são tudo, entre aqueles aventureiros, histórias de ouro, e descobertas de pintas, e lavagens de cascalho, e catas ricas, e veios, e tabuleiros, e manchas, e grupiaras...

— Mais uma rodada, Moxica!

Vêm as canas. Os caboclos tragam os martelos dum fôlego. E o Zuniga:

— É tarde já, companherada! Tóca prô rancho! Não custa o dia a clareá.

E o Contreras:

— I' s'imbora? Mas a Paraguaia? Quem é que leva a Paraguaia?

Zuniga não hesita:

— Eu!

— Vancê? E por que há de sê vancê? Eu também quero ela prá mim...

— E por que há de sê prá vancê? atalhou Ponce de Leon; eu também quero ela prá mim!

— Mau, mau... interveio, conciliador, o Chico Piza. Nada de rixa, moçada! O bando é grande e a muié é uma. Só há um jeito de cortá a dúvida: é tirá a sorte. Quem batê o ponto mais grande é o que ganha. E quem ganhá, minha gente, paga a mesa e fica co'a moça. Feito?

— Feito!

Vêm as cartas. Zuniga baralha-as. Os parceiros cortam e recortam o maço.

— Dê carta, Zuniga!

Zuniga dá duas cartas para cada um.

— Virem o ponto, gente!

Os castelhanos viram os pontos:

— Quatro!

— Duas figuras!

— Sete!

Mas Aleixo Esteves, arremessando barulhentamente os seus pontos, solta uma risada gostosa:

— Não é perciso continuá, moçada!

E bate nove na mesa.

* * *

Os castelhanos partiram. Aleixo ficou um instante a sós com a Paraguaia. E ela:

— Vancê bateu nove, siô. Mas não sei se foi sorte ganhá essa parada.

— Que dito é êsse, dona? Foi sorte. E sorte graúda!

Ela meneou a cabeça, duvidosa.

— Não sei! Antes vancê tivesse perdido nove como perdeu na primêra...

Aleixo chamou o Moxica. Pagou a mesa. Ergueu-se.

— S'imbora, dona!

A Paraguaia botou no rapaz um olhar estranho. Aleixo sorriu-lhe.

— Que é que vancê tem, dona?

Ela pôs-se a fitar o moço mais demoradamente. Viu aquele sorriso claro. Viu aquela figura aberta. Aqueles dois olhos francos e joviais.

— Sô Aleixo: eu vô pr'ô meu rancho e vancê vai prô seu...

— Traga outra cana, Moxica!

Moxica trouxe novo martelo. Aleixo emborcou-o de pé. A Paraguaia continuou:

— Eu não vim sê moça no Cuiabá. Eu vim, como vancê, faiscá um pôco de ouro na lavra. Quero vivê como quarqué cristão. Deus me livre que home

se engrace comigo! Sô Aleixo: eu tenho sangue ruim... Eu carrego caipora no corpo.

— Tu tá louca, Paraguaia? Não ha muié de sangue ruim, nem muié de sangue bão. É tudo pareio. Largue de bobage, dona! Vamos s'imbora pr'ô rancho que já é tarde...

Agarrou-a pelo braço. E, sem mais palavra, Aleixo Esteves, já esquentado, empurrou a mulher para fora da bodega. E rumaram os dois a caminho do rancho.

Aleixo Esteves viera tentar fortuna nas minas. Que rapagão guapo e másculo! Não tinha ainda vinte anos. Mas era viçoso, espadaúdo, entroncado como homem maduro. E além disso — franco, expansivo, gastador, folgazão. Violeiro como ele não havia outro nas lavras. Toda a gente, no Cuiabá, o queria com estimas leais. Ele era o mimo daquele sertão.

Aleixo entrara com o pé direito nas minas. O pai, que era o Braz Canoeiro, emprestara-lhe um saco de moedas para a compra duma cata. O rapaz, em menos de ano, lavrara tanto ouro, que com espanto de toda a lavra, pagara a dívida do empréstimo e já comprara o tabuleiro do velho Uriel Botelho, que abandonara a cata porque havia pegado a terçã bateando à beira do Coxipó.

Os lavageiros de ouro, vendo tão boa-fortuna, diziam ao pai numa só voz:

— Aquele rapaz vai longe, Braz!

O pai ouvia os vaticínios com júbilo. Não criara o filho, é verdade. Mas sentia a voz do sangue gri-

tar-lhe alvoroçadamente nas veias quando o povo augurava risonho porvir ao moço.

Braz Canoeiro era um caboclo pestanudo, de pouca fala, que trabalhava como feitor no engenho de Antônio Lara. Viera de Sorocaba. Em Sorocaba, quando moço, vivia de fabricar e consertar canoas. Ninguém picava nem arredondava um pau de maçaranduba melhor do que Braz Canoeiro. Quando ele botava um batelão na água, era batelão para toda a vida!

O Canoeiro, no entanto, tivera em Sorocaba uma desgraça que lhe arruinara o resto dos dias. Todo o mundo sabia a história dele. É que, Braz, contra o parecer da vila inteira, assentara de casar-se com a filha do Juca Cipó. Casar-se, moço feito, com uma raparigota de apenas dezesseis anos. Chamava-se ela Violante. Que menina do apá virado! Não pensava noutra coisa a não ser em festas e bailados. Não falava noutra coisa a não ser em vestidos e ouros. E vivia cheia de dengos para este. E de olhos compridos para aquele. Mas Braz Canoeiro não via aqueles dengos nem aqueles olhos. Enfeitiçara-se pela moçoila. Toda gente abria a boca: um rapaz tão fechado, tão metido consigo, a louquear pela filha do Juca Cipó!

— Deixe de despropósito, criatura! Então vancê há de casá com moça que bota encarnado na cara?

Não valeram conselhos, nem palavras de peso. O rapaz continuou a turrar no seu intento. Não houve força de demovê-lo.

— Pois então case, Braz!

Braz Canoeiro casou-se. Ao fim dum ano apareceu o filho. Ele queria que o menino se chamasse Braz. Ela que se chamasse Gil. Mas nem sequer chegaram a batizá-lo.

Veio a festa de S. João no sítio do Penteado. Violante conheceu aí o Zenóbio Gontijo, castelhano louro, de olhos verdes, anel de ouro no dedo, que estava em Sorocaba de passagem para Paranaguá. O castelhano fez muitos requebros à mulher do Canoeiro. A mulher do Canoeiro acolheu de muito boa sombra os requebros do castelhano. Certa manhã, não se sabe como, a filha do Juca Cipó desapareceu. Que foi? Que não foi? Não custou muito a saber-se da verdade: Violante havia fugido com o castelhano para Paranaguá.

Braz Canoeiro pegou na criança e carregou-a à casa de Diogo Esteves.

— Sô Diogo, o menino não tem mãe. Vancê batize ele e crie. Só não quero que bote o nome de Gil...

Diogo Esteves batizou o menino. Pôs-lhe o nome de Aleixo. E criou-o como filho.

A afronta lanhou fundo o orgulho do Canoeiro. O caboclo tragou, com iras bravias, o fel daquela humilhação.

— Ah, se eu pegasse ela...

Tornou-se mais sombrio. Mais calado. Ódio surdo, selvagem, bramia-lhe insopitável no coração. Com o volver dos tempos, ao invés de amainar, como que aquele rancor se concentrava ainda mais.

— Ah, se eu pegasse ela...

Resolveu um dia, com a vergonha doendo-lhe na alma, deixar Sorocaba e o filho. Foi agregar-se, como peão, a Pascoal Moreira que andava pelo campo entrincheirado de Vacaria. Fez, ao lado do famoso sorocabano, muita entrada pelo sertão. Assistiu à descoberta das minas de ouro. E instalou-se com ele no Cuiabá.

Mas eis que Antônio de Almeida Lara, aquele tão falado e tão afortunado paulista, deliberou erguer um engenho de cana na Chapada. Era o primeiro engenho que se ia erguer naqueles matos. Antônio de Lara teve precisão dum homem assentado, de mãos limpas, que feitorasse com honradez a moenda. Pascoal Moreira, sem hesitar, mandou o Canoeiro a Antônio de Lara.

Trabalhava ele na Chapada, como feitor, quando surgiu o filho. Aleixo Esteves ficara moço. Moço, e desempenado, e vistoso, e com aquela simpatia irradiante que vencia a todos.

Em Sorocaba, durante anos, ouvira Aleixo histórias abrasadoras do ouro de Cuiabá. E vira partir tanto sorocabano atrás desse ouro! Era a gente dos Castanhos, e de Diogo de Lara, e de Moreira Cabral, e dos Paes de Barros, e dos Antunes Maciéis...

Aleixo Esteves foi também arrastado por aquela febre. O padrinho não o dissuadiu: antes, com entusiasmo, botou-o numa canoada e fê-lo partir rio abaixo. Foi assim que um dia, sem que o esperassem, pai e filho encontraram-se na Chapada.

O pai, apesar de fechado, acolheu o filho com alegria e quentura. Emprestou-lhe logo um saco de moe-

das para a compra duma cata. Vendo-o partir, com o ouro na mão, tão animoso e feliz, a lembrança da velha desgraça como que lhe queimou o coração com mais fogo. E o velho ódio espumejou insopitável dentro dele:

— Ah, se eu pegasse ela...

* * *

— Você morreu, Aleixo Esteves?

Bento Zuniga apertou alegremente a mão do amigo. Aleixo estava no tabuleiro, à beira do rio, vendo duas índias mansas batearam o cascalho que os seus negros carreavam nos carumbés.

— Você morreu, caboclo? Nunca mais apareceu no Moxica! Que é isso? Foi a Paraguaia que botô freio no potro brabo?

O outro riu o seu riso claro e franco.

— Vancê adivinhô, Zuniga! Foi a Paraguaia...

— Mas que é que assucedeu? Conte a história prá gente.

— Nada de maior! Tô grudado na Paraguaia como mata-pau em árvore do mato. E é só. Que hei de fazê? Gostei dela, Zuniga!

— Pode gostá dela, que isso é coisa de somenos. Mas pode também aparecê no Moxica bebê um trago co'a gente! Diabo, ninguém mais bóta a vista n'ocê...

— É que a Paraguaia não me deixa!

— Não deixa?

— Não! Ela não qué sabê de jôgo, nem de cana, nem de viola. Tem mêdo que me assuceda alguma ruína...

E rindo:

— A Paraguaia diz que carrega caipora no corpo! Vancê aquerdita em muié de sangue ruim, Zuniga?

— Bobagêra! Cada um tem a sorte que Deus deu, isso é que é. E a sorte de vancê caboclo, não é tá enterrado no rancho como tatu no buraco. Amanhã, que é dia de S. Pedro, tem função no terreiro de Pero Vaz. A rapaziada vai. Eu quero que vancê vá co'a gente. Mas quero que vá co'a viola. E, podendo, co'a Paraguaia...

— De noite?

— De noite. O encontro tá combinado no Moxica. A gente bebe um trago e vai num farrancho pr'ô bate-pé.

— Pode sê...

— Pode sê, não. Fica assentado! Vancê vai mais a Paraguaia. E leva a viola. Tá feito?

Êle pensou um pouco. E com o seu sorriso aberto e claro:

— Tá feito!

* * *

Antônio de Almeida Lara recebera na véspera, como hóspede, o ouvidor Lanhas Peixoto.

Antônio de Almeida Lara é aquele opulento e grandioso paulista que descobrira afortunadamente as minas da Chapada. Vivia ele nas lavras, lavando ouro às mancheias, instalado na sua casa solarenga com onipotência e largueza de senhor feudal. "Viveu no ser-

tão de Cuyabá circundado do maior respeito, que outro algum nacional ou europeu o competiu. O seu tratamento foi sempre egual á sua distincta qualidade. Tinha a sua casa sempre cheia de hospedes, amigos parentes, extranhos, no que consumia grandes sommas de ouro" (1).

Foi quando chegou a Cuiabá, numa ruidosa monção de trezentas e oito canoas, a mais memorável de que há notícia nos anais rústicos do sertão, o Senhor Governador da Capitania de S. Paulo — o muito alto e poderoso Capitão General Rodrigo César de Menezes. Na comitiva, que fora de lustre, viera com o Governador, o Dr. Lanhas Peixoto, ouvidor de Paranaguá, que se passara às minas de Mato-Grosso a fim de nelas fazer pelouros e instalar a justiça.

Em Cuiabá, contudo, Governador e Ouvidor desavieram-se. E isto porque "estando o General desaborcado com o ouvidor em razão dêste não lhe dizer amem em tudo... sobreveio a isto matar um negro a seu senhor nas lavras do Ribeirão". Um negro a matar um branco! Foi um reboliço nas minas. O atrevimento açulou indignações unânimes. "Queria o General que o Ouvidor fizesse enforcar o negro; respondia-lhe o Ouvidor que o fizesse Sua Excellencia..." Ofício vai, ofício vem, e os dois homens, com escândalo do sertão, incompatibilizaram-se. Lanhas Peixoto, que vinha há muito fascinado pela tentadora riquezas das lavras, aproveitou-se do ensejo para mandar a pobre toga às urtigas e meter-se desassombrado a mi-

(1) Nobil. Paulist.

neirar como os paulistas. Deixou Cuiabá, largou mão do Governador, e rumou para a Chapada onde, "com Antonio de Almeida Lara andou em descobrimentos de ouro e caçando perdizes" (1).

* * *

— Braz Canoeiro!

O feitor, que atravessava o terreiro da fazenda, acudiu prestes à voz de Antônio de Lara.

— Vosmecê chamô?

— Venha comigo mostrar a moenda ao senhor Ouvidor. O nosso hóspede ainda não conhece um engenho de açúcar.

Principiam todos a correr o engenho. Era um engenho real, tocado a água, que moía uma tarefa de canas por dia e dava perto de mil pães de açúcar por safra.

— Dizem que é coisa muito bem imaginada esta máquina de fazer açúcar, senhor Antônio de Lara!

— Bem imaginada ela é, senhor Ouvidor. Mas que lida pesada! Vamos entrar um pouco...

Entram na casa-do-engenho. Dentro dela, numa dobadoura, as escravas desbastam a palha dos feixes. A mulata da espremeção enfia as canas já limpas entre os grossos eixos da moenda, que as esmagam. O rodete e a volandeira, encaixando-se um no outro, re-

(1) Crônicas de Cuiabá.

passam ainda, apertadamente, entre os seus dentes e as suas entrosas, o bagaço que sai. O caldo esverdeado, escorrendo, cai num grosso cocho de pau.

— Que trato dá Vosmecê a tanto caldo, senhor Antônio de Lara?

— Vou mostrar a Vossa Senhoria, senhor Ouvidor!

E Lanhas Peixoto, surpreendido, vai, com o paulista, seguindo o tumultuado destino daquele sumo.

— Do côcho de pau, como Vossa Senhoria vê, corre ele, por esta bica, até ao **parol do caldo.** Do parol do caldo, com aquelas roldanas e correntes, guinda-se ele até ao **parol da guinda.** Daí passa à casa das caldeiras e das taxas. Venha ver, senhor Ouvidor...

Passam à casa das caldeiras e das taxas. Que fervente azáfama a que vai por ali! O mestre-do-açúcar, que é o homem mais principal do engenho, corre dum lado para outro, afobado, a vigiar cuidadosamente o cozimento do caldo. Sob as vistas dele, estão os caldeireiros alimpando a fervedura das caldeiras com as suas grandes escumadeiras de ferro.

— Naquela caldeira, senhor Ouvidor, bota um negro **decoada** grossa; naquela outra, decoada branda. Com elas, e a fogo forte, é que se clarifica a meladura. Quando a meladura está no ponto, o mestre a faz passar ao **parol-de-coar** onde os escravos a coam. Começa então o melado a correr as quatro taxas...

— Quatro taxas ainda?

Lá estão os taxeiros, afogueados, com as suas compridas **pombas** de cobre, a desafogarem dextramente a meladura, erguendo-a alto, deixando-a tombar de

novo, envoltos em largas baforadas de fumaça quentíssima. É aqui que o mestre prepara as três têmperas do açúcar.

O Ouvidor segue, detalhe por detalhe, as muitas e curiosas fases do engenhoso fabrico. Nada escapa a sua curiosidade. Vai a casa das fornalhas. Vê aí, entre apiedado e horrorizado, aquelas seis bocas terríveis, onde, na faina arrasadora do fogo, ao calor sufocante do fumo, amarrados, como galés, em correntes de ferro, trabalham os negros criminosos e os escravos bobentos da fazenda. Passa em seguida aos jiraus do tendal, onde as fôrmas de barro, refertas de açúcar, ficam a enxugar por três dias. Alcança enfim a casa da purga. E assiste lá, como remate, aos negros secarem e mascavarem o açúcar já pronto.

— Belo e soberbo engenho, senhor Antônio de Lara! Vosmecê, não há dúvida, é paulista de coragem: erguer no sertão, com moentes e correntes, um engenho d'água com a grandeza deste!

Estão todos na casa da purga. Antônio de Lara, agradado, sorri com os elogios do letrado.

— Pois já que Vossa Senhoria gostou, vamos beber um trago à saúde. Braz Canoeiro, vá buscar aquela cana fina que eu alambiquei no ano passado.

Os dois homens sentam-se em frente ao balcão de mascavar. É aí que uma preta gordalhuda, **mãe-do-balcão,** vai abrindo as fôrmas de barro que vêm da purga. O feitor traz o corote da fina. Lanhas Peixoto e Antônio de Lara, batendo festivamente os copos, bebem por eles amistoso trago. O Ouvidor vira-se para a mãe-do-balcão:

— Então, dona, o açúcar desta safra deu bem branco?

— Branco ele deu, sinhô. Vancê que vê a alvura do macho? O mascavo também não desmereceu. Mas o redondo pretejô o seu pôco. E ficô meio fraco de doce, que a cana deste ano veio demais de aguacenta.

— E Vosmecê, sô Braz Canoeiro, ocupa muita gente no engenho?

— Só prá moage e a purga, sem contá o mestre e os sota, sobe prá riba de cinqüenta.

— Cinqüenta? Já é escravatura, senhor Antônio de Lara! Pelo que vejo, há muito braço aqui nestas suas lavras da Chapada. Vosmecê tem muita gente de S. Paulo por aqui?

— A fôrça do povo é paulista. Mas pouco paulista de S. Paulo. É quase tudo paulista de Sorocaba...

— De Sorocaba? atalhou o Ouvidor de golpe. Ah, é verdade: ontem, ao atravessar o arraial, eu vi a Paraguaia, que é de Sorocaba, à porta dum rancho velho. Que diabo faz a Paraguaia por aqui?

Antônio de Almeida Lara encarou no juiz com espanto.

— Paraguaia? Que é que Vossa Senhoria está aí a dizer, senhor doutor?

— A Paraguaia, pois não. A mulher de Zenóbio Gontijo.

— Mas eu não sei quem é, senhor Ouvidor! É a primeira vez que ouço o nome dessa dona.

— A primeira vez? Pois é mulher muito conhecida lá pelo Sul. Quando eu cheguei em Paranaguá,

como Ouvidor, encontrei logo, entre as devassas, dois crimes de morte por causa dessa sujeita.

— Dois? Então é mulher perigosa...

— Nem há dúvida! O marido dela, um tal Zenóbio Gontijo... Não, não era bem marido. Era um castelhano do Paraguai que vivia com ela como casado. Esse tonto de castelhano, por ciúmes da criatura, assassina na estrada, de tocaia, com uma faca de ponta, o filho mais novo dum criador de gado. O criador, enfurecido, vem à cidade com um bando de agregados, manda pegar o criminoso a laço, e, à vista do povo, bem em frente a Igreja, racha a cabeça do castelhano com um golpe de catana.

— Ota, diabo! Duas mortes, com tanto reboliço, por causa dessa cuja!

— E ainda não pararam aí as proezas da tal, senhor Antônio de Lara! A Paraguaia deu de viver com Antônio Gago, que era o tesoureiro dos órfãos. E vivia lampeira, cheia de requififes, com muito trancelim de ouro e muito vestido do Reino. Um dia, com espanto da vila, Antônio Gago amanheceu enforcado no quarto. Que foi? Que não foi? Apurou-se que Antônio Gago, homem brioso, havia se enforcado numa corda, porque fraudara os órfãos em oitocentos e quarenta mil réis!

Lanhas Peixoto conta aquelas imensas coisas com a mais despreocupada naturalidade. Conta-as e bebe um último gole de cana:

— Boa pinga, senhor Antônio de Lara! Muito boa pinga!

Antônio de Lara vira-se para Braz Canoeiro. O feitor, ao lado, ouvira o relato do juiz. Ouvira estarrecido. Estava trêmulo. Tinha os lábios descorados. Os olhos brilhavam-lhe como brasas:

— Braz, você vá ver quem é essa Paraguaia! Eu já disse e agora repito, não quero saber de gente desordeira nas lavras.

Braz Canoeiro, com a voz estranha, rouqueja apenas:

— Fique sussegado, senhor!

A Paraguaia entrou na bodega do Moxica e rumou direito à mesa dos castelhanos. Zuniga, ao vê-la:

— Adonde tá o violêro, Paraguaia?

— Ficô no rancho. E eu vim aqui prá dizê que êle não vai no bate-pé com vancês.

— Não vai?

— Prá í sòsinho, êle não qué í. Prá í comigo, eu não quero í.

— E porque tu não vai co'a gente, Paraguaia?

— Bate-pé é função com muito home e com muita cana. Não custa um quarqué se esquentá a cabeça. E tá co'a cabeça quente é tá co'a desgraça no corpo. Por via de dúvida, antes ficá no rancho. Vancês vão. O Aleixo manda dizê que não vai.

Os castelhanos desapontaram o seu tanto. Entreolharam-se. Diabo, aquela mulher estava estragando a vida do Aleixo. Mãe do céu! Nem sequer deixava o rapaz divertir-se uma noite num bailado. Onde iria parar aquilo?

— Bem! Que se há de fazê? Ninguém vai agarrá ele à força. A gente vai sem viola no bate-pé. E tá acabado! Tú qué bebê um trago, Paraguaia?

— Não. Eu vô s'imbora pro rancho...

* * *

Fora, a noite de S. Pedro, enluarada e fria, está toda faiscante de pedraria acesa. A Paraguaia sai da bodega. Entrepara um momento à porta iluminada. Acostuma os olhos ao escuro. E mete-se pela estrada em direitura ao rancho.

Alguém, no entanto, ronda nas vizinhanças do Moxica. Espreita a Paraguaia. Vê-a sair. Vê-a entreparar no vão iluminado da porta. E de longe, acoitado na noite, com passos fofos de gato bravo, acompanha-a pelo arraial branquejado de luar. Não andam caminho longo. A Paraguaia estaca em frente a um rancho velho. Empurra a porta. Some-se.

— Ela mora ali...

Braz Canoeiro fica-se à espera, vigiando. O rancho tem o ar sossegado, adormido. Apenas uma luz frouxa de candeeiro coa-se mortiça pela fresta da janela. O feitor senta-se no barranco. Dentro da sua alma, tumultuando-a, esfervilham pensamentos ferozes. Ah, era ela, não havia dúvida! Não era mais a menina de dezesseis anos, é certo. Era mulher feita, mulher já madura, mas ainda a mesma morena de outrora. A mesma Violante de Sorocaba. E, naquela noite, depois de tantos anos, ele, o Canoeiro, ia enfim

(o coração estrugia-lhe com júbilo no peito!) desafrontar a velha injúria. Ah, naquela noite... Nisto, dentro do rancho, a luz do candeeiro apaga-se. Que foi? Irá ela sair de novo? Não. Não aparece ninguém.

Braz Canoeiro aproxima-se da rude casinhola de barro. Vai pé ante pé. Escuta. Torna a escutar. Nada! Tudo silencioso, tudo morto... O velho decide-se então. Arranca do trabuco e aperreia o gatilho. De súbito, reunindo todas as suas forças, mete o caboclo violenta ombrada à porta: a porta escancara-se! Rompe, lá dentro, apavorado grito de angústia:

— Nossa Senhora!

E a Paraguaia, ao clarão do luar que entra pela porta, precipita-se fora do quarto. Ao vê-la, Braz Canoeiro não vacila: bate fogo! Mas o tiro, estrondando, crava-se na parede fronteira. No mesmo instante, o feitor, com um grito, divisa estranho vulto de homem que surge de golpe. O vulto, com uma faca de ponta na mão, cai sobre ele como um jaguar: e ali, num assomo de dementado, sangra-o bruscamente no sangrador.

— Me matô, desgraçado!

E Braz Canoeiro, golfando sangue, cai estrebuchante no chão.

— Quem é, Paraguaia? Quem é?

A Paraguaia, espavorida, corre ao candeeiro de azeite. Acende-o. E quando, lívida e trêmula, a moça alumia a face ensangüentada do homem, Aleixo solta um uivo de assombro! E recua, aterrado, os cabelos em pé, numa torva expressão bestificada:

— É o pai!

A Paraguaia ouve, como num pesadelo, a palavra tremenda.

— Quem?

Aleixo precipita-se como um alucinado sobre o morto.

— Matei o pai...

A Paraguaia crava olhos sôfregos no caboclo ensangüentado. Fixa-o bem. E então, à luz do candeeiro, com um trejeito de horror, a Paraguaia reconhece atonitamente o cadáver.

— Braz Canoeiro!

Desvairada, num ímpeto bravio, ela arranca o moço de sobre o corpo do assassinado. E sacudindo-o com violência:

— Que é que tu tá dizendo?

E ele, os olhos arregalados, as mãos na cabeça:

— Matei o pai...

A Paraguaia, estuporada, ouve a confirmação medonha. Não pode gaguejar palavra. No seu pasmo, olhando abobadamente o rapaz, deixa tombar ao chão o candeeiro de azeite. E no escuro que subitamente se faz, a amante do filho, galgando a porta dum pulo, deita a correr pela estrada como uma louca.

O OURO DE CUIABÁ continua em: OS IRMÃOS LEME.

ÍNDICE

Primeira Parte:

O OURO DE CUIABÁ

	pág.
VELHOS DESBRAVADORES	9
PASCOAL MOREIRA	19
OS COXIPONÉS	27
CUIABÁ	35
A FAMA DAS MINAS	41
MIGUEL SUTIL	49
AS MISÉRIAS E OS PADECIMENTOS	57
JOÃO LOPES E CABRAL CAMELO	63
O REGENTE-MOR	71
O GOVERNADOR E O REI	79
O OURO DO BRASIL	85
O FIM DE PASCOAL MOREIRA	103

Segunda Parte:

LAVAGEIROS DE OURO

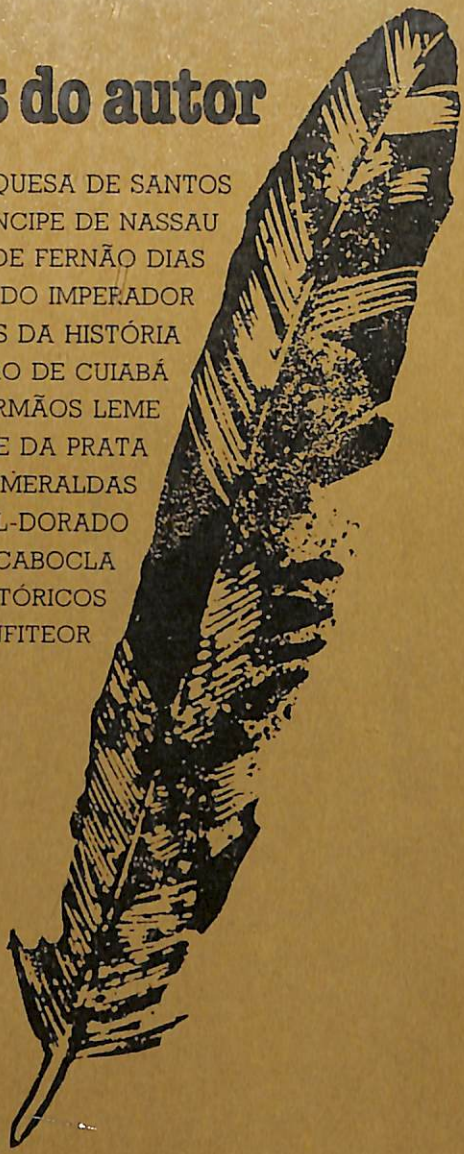
O CACHO DE BANANAS	109
O QUITUTE DE SIÁ BRÍGIDA	119
UM BANDEIRANTE AFORTUNADO	135
NAS LAVRAS DE CUIABÁ	149
A VELUDA	163
SANGUE RUIM	181



Impressão e acabamento
SÃO PAULO IND. GRÁFICA E EDITORA SA
com filmes fornecidos pela editora

obras do autor

A MARQUESA DE SANTOS
O PRÍNCIPE DE NASSAU
A BANDEIRA DE FERNÃO DIAS
AS MALUQUICES DO IMPERADOR
NOS BASTIDORES DA HISTÓRIA
O OURO DE CUIABÁ
OS IRMÃOS LEME
O ROMANCE DA PRATA
O SONHO DAS ESMERALDAS
EL-DORADO
ALMA CABOCLA
ENSAIOS HISTÓRICOS
CONFITEOR



"Que o meu pensamento
brote espontâneo do coração e tombe sincero da pena."